

APOIO À VISITAÇÃO DO SÍTIO SERRA DA ESTRELA NO
CONCELHO DE MANTEIGAS

ROTA DO CORREDOR DE MOUROS

INVENTARIAÇÃO, DIAGNÓSTICO E REFERENCIAÇÃO
CARTOGRÁFICA DE ELEMENTOS ECOLÓGICOS
SIGNIFICATIVOS E DE PONTOS DE INTERESSE PAISAGÍSTICO
RELEVANTE NO CONCELHO DE MANTEIGAS

FAUNA

CÂMARA MUNICIPAL DE MANTEIGAS



ÍNDICE DAS FICHAS DE ECOLOGIA

FAUNA

Rota do Corredor de Mouros

Código	Nome Científico	Nome Comum	Estatuto de Conservação
001.00	<i>Alcedo atthis</i>	Guarda-rios	Pouco Preocupante
002.00	<i>Alectoris rufa</i>	Perdiz	Pouco Preocupante
003.00	<i>Bufo Bufo</i>	Sapo-comum	Pouco Preocupante
004.00	<i>Buteo buteo</i>	Águia-de-asa-redonda	Pouco Preocupante Espécie Protegida
005.00	<i>Chalcides bedriagai</i>	Cobra-de-pernas-pentadáctila	Pouco Preocupante
006.00	<i>Circus pygargus</i>	Tartaranhão-caçador	Em Perigo Espécie Protegida
007.00	<i>Cuculus canorus</i>	Cuco-canoro	Pouco Preocupante
008.00	<i>Erinaceus europaeus</i>	Ouriço-cacheiro	Pouco Preocupante
009.00	<i>Erithacus rubecula</i>	Pisco-de-peito-ruivo	Pouco Preocupante
010.00	<i>Falco peregrinus</i>	Falcão-peregrino	Vulnerável
011.00	<i>Falco tinnunculus</i>	Peneireiro	Pouco Preocupante Espécie Protegida
012.00	<i>Garrulus glandarius</i>	Gaio-comum	Pouco Preocupante
013.00	<i>Geomalacus maculosus</i>	Lesma	Não Catalogada
014.00	<i>Lutra lutra</i>	Lontra	Pouco Preocupante Espécie Protegida
015.00	<i>Martes foina</i>	Fuinha	Pouco Preocupante Espécie Protegida
016.00	<i>Meles meles</i>	Texugo	Pouco Preocupante
017.00	<i>Milvus migrans</i>	Milhafre preto	Pouco Preocupante Espécie protegida
018.00	<i>Mustela nivalis</i>	Doninha	Pouco Preocupante Espécie Protegida
019.00	<i>Mustela putorius</i>	Toirão	Informação Insuficiente
020.00	<i>Natrix maura</i>	Cobra-de-água-viperina	Pouco Preocupante Espécie Protegida
021.00	<i>Oncorhynchus mykiss</i>	Truta arco íris	Não aplicável
022.00	<i>Oryctolagus cuniculus</i>	Coelho bravo	Quase Ameaçado Espécie Protegida




ÍNDICE DAS FICHAS DE ECOLOGIA

FAUNA


Rota do Corredor de Mouros

Código	Nome Científico	Nome Comum	Estatuto de Conservação
023.00	<i>Podarcis hispanica</i>	Lagartixa-ibérica	Pouco Preocupante
024.00	<i>Rana iberica</i>	Rã-ibérica	Pouco Preocupante Espécie Protegida
025.00	<i>Rhinolophus ferrumequinum</i>	Morcego-de-ferradura-grande	Vulnerável
026.00	<i>Salmo trutta fario</i>	Truta	Pouco Preocupante
027.00	<i>Strix aluco</i>	Coruja-do-mato	Pouco Preocupante Espécie Protegida
028.00	<i>Sus scrofa</i>	Javali	Pouco Preocupante
029.00	<i>Talpa occidentalis</i>	Toupeira	Pouco Preocupante
030.00	<i>Tyto alba</i>	Coruja-das-torres	Pouco Preocupante
031.00	<i>Upupa epops</i>	Poupa	Pouco Preocupante
032.00	<i>Vulpes vulpes</i>	Raposa	Pouco Preocupante

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.001.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Classe	AVES	Família	ALCEDINIDAE
Ordem	CORACIFIFORMES	Género	<i>Alcedo</i>
Nome Científico	<i>Alcedo atthis</i>	Nome Comum	Guarda-rios
Registo Fotográfico			
Identificação	Grande cabeça, bico comprido, asas largas, pernas e cauda curtas. Azul e verde brilhantes nas partes superiores - dorso e cauda parecem luminosos. Laranja avermelhado inferiormente. O bico do macho é preto acinzentado, enquanto a fêmea tem a base da mandíbula inferior vermelha (em algumas fêmeas a cor avermelhada domina o cinzento).		
Distribuição	Toda a Europa excepto a Islândia e a península Escandinávia onde ocorre apenas no Sul da Suécia. Uma parte da população europeia inverte na Península Ibérica, França e na costa Ocidental de África. As populações de Leste são maioritariamente migradoras, as do Centro da Europa parcialmente migradoras e as do Oeste europeu são sedentárias ou de comportamento disperso.		
Habitat	Habitats de água doce, salobra ou mesmo salgada, podendo estar localizados na orla costeira, estuários, lagoas costeiras, pisciculturas, arrozais, valais, cursos de água, pauis açudes e barragens. Também em valas de rega e salinas. É pouco frequente nas montanhas mas pode ser observado em cursos de água em altitudes superiores a 1 000 m.		
Alimentação	Principalmente pequenos peixes de água doce, insectos aquáticos e peixes marinhos, mas também crustáceos e insectos aquáticos. Pode ainda procurar		




FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.001.00
	insectos terrestres e anfíbios.		
Reprodução	Abril a Julho. Instala o ninho num túnel escavado em barreiras nas margens de dos rios e ribeiros lentos. Trabalhando com o bico nos bancos de areia cria novos locais de nidificação e torna mais difícil a pilhagem dos ninhos por martas ou raposas. Habitualmente faz duas ou três posturas de quatro ovos que incubam durante 19 a 20 dias. Os juvenis voam ao fim de 23 a 27 dias.		
Tipo de Ocorrência	Res – Residente.		
Comportamento	Empoleira-se nos ramos por cima da água, debaixo de pontes, etc., pode então permanecer imóvel por longos períodos, difícil de detectar, não sendo a exibição de cor muito proeminente nessa altura Mergulha de cabeça para capturar peixe, geralmente do poleiro mas também após um breve peneirar. Bastante tímido.		
Voo	Voo rápido e directo.		
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA			
Tendência Populacional	Desconhecida.		
Estatuto de Conservação PT Continente	LC – Pouco Preocupante.		
INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)			
Designação			Anexo
Convenção de Berna.			II
DL 140/99, de 24/4 com a redacção dada pelo DL 49/2005, de 24/2. Revê e transpõe a Directiva Aves (relativa à conservação das aves selvagens) e a Directiva Habitats (relativa à conservação dos habitats naturais e da flora e da fauna selvagem).			A I
Factores de Ameaça	As alterações do uso das margens e leitos dos cursos de água; a poluição da água e a perturbação nas áreas de nidificação e de alimentação, normalmente causadas pelo turismo; caça e pesca.		
Medidas de Conservação	Protecção das margens e leitos dos cursos de água.		
Observações/comentários	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.002.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Classe	AVES	Família	PHASIANIDAE
Ordem	GALLIFORMES	Género	<i>Alectoris</i>
Espécie	<i>Alectoris rufa</i>	Nome comum	Perdiz
Registo Fotográfico			
Identificação	Ave terrestre de aspecto arredondado, no cimo da cabeça encontramos uns tons cinzentos com uma faixa branca comprida que passa por cima dos olhos e listra ocular que se estende pelo pescoço até à barra peitoral malhada. Tem os pés e o bico vermelho, a garganta de cor creme e tem uma faixa branca marginada de preto.		
Distribuição	Podem ser encontradas no sul da Europa, Portugal, Espanha, França e Itália para além destas zonas, também ocorre nas ilhas britânicas. Em Portugal encontra-se distribuída por todo o território continental, podendo ser encontrada no meio da vegetação rasteira, em bandos de cerca de 10/15 indivíduos. Os locais onde mais facilmente se encontra são o Alentejo e o Nordeste Transmontano.		
Habitat	Pode ser encontrada em quase todas as regiões do nosso país, preferindo zonas mais abertas com parcelas de culturas agrícolas e outras de mato mais denso, em que existam pontos de água durante o período mais quente do ano.		
Alimentação	Alimenta-se de sementes e rebentos de plantas bravias e agrícolas, de insectos (principal elemento da alimentação dos perdigotos), moluscos e outros invertebrados.		
Reprodução	São aves muito territorialistas, tendo o macho do grupo de afastar outros machos, durante a época da reprodução. A perdiz põe em média 12 ovos, que demoram cerca de 23 dias a eclodir, nascendo depois os perdigotos, que nessa		



FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.002.00
	fase são essencialmente insectívoros.		
Tipo de Ocorrência	Res – Residente.		
Comportamento	É uma ave gregária que vive em grupos. Sendo uma espécie sociável, pode ser descortinada em grandes bandos, especialmente no fim do Inverno, no início do seu período reprodutivo esses bandos separam-se.		
Voo	Voo é geralmente curto e pesado, mas rápido e direito, emitindo um som muito característico		
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA			
Tendência Populacional	-		
Estatuto de Conservação PT Continente	LC – Pouco Preocupante.		
INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)			
Designação	Anexo		
Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril, Transposição da Directiva Aves 79/409/CEE de 2 de Abril de 1979, com a redacção dada pelo Decreto-Lei nº 49/2005 de 24 de Fevereiro	I		
Decreto-Lei nº 316/89 de 22 de Setembro, transposição para a legislação nacional da Convenção de Berna	III		
Lei nº 173/99 de 21 de Setembro (Lei da Caça), regulamentada pelo DL 201/2005 de 24 de Novembro	-		
Factores de Ameaça	Redução dos seus habitats; Predadores naturais.		
Medidas de Conservação	Manutenção de pontos de água (a construção de pequenas charcas); comedouros e bebedouros; evitar sempre que possível o corte de culturas forrageiras nos locais de maiores densidades (ou exercer uma perturbação regular entre Janeiro e Março nas folhas destinadas a serem gadanhadas, ou ainda semear com densidades elevadas; montagem de uma barra com correntes suspensas (espanta caça) à frente da gadanheira; repovoamentos; culturas para a fauna; disponibilidade elevada de locais de abrigo; controle de predadores, principalmente a raposa e a pegas (<i>Pica pica</i> e <i>Cyanopicyana</i>).		
Observações/comentários	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.003.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Classe	AMPHIBIA	Família	BUFONIDAE
Ordem	ANURA	Género	<i>Bufo</i>
Nome Científico	<i>Bufo Bufo</i>	Nome Comum	Sapo-comum
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>Robusto, com membros fortes e cabeça larga e curta. As glândulas parótidas situadas lateralmente da cabeça, com os bordos oblíquos entre si. Membros curtos e robustos, com quatro dedos anteriores e cinco nos posteriores. As parotóides são muitas vezes delimitadas por linhas ou bandas escuras. Pele verrugosa no dorso e flancos, e granulosa no ventre. Coloração dorsal variável, podendo encontra-se tonalidades acastanhada ou bege. Ventralmente, possui uma coloração esbranquiçada com manchas escuras dispersas.</p>		
Distribuição	Toda a Europa excepto a Irlanda e algumas ilhas mediterrânicas. Desde a Sibérias até ao Norte de África, Marrocos Argélia e Tunísia.		
Habitat	Áreas agrícolas, zonas de montanha, montados e bosques de caducifólias.		
Alimentação	Alimentam-se essencialmente em centopeias, escaravelhos, moscas, borboletas, lesmas, minhocas e mesmo outros anfíbios.		
Reprodução	<p>Reproduzem-se na altura das chuvas primaveris. Os machos são os primeiros a alcançar as zonas onde existe água. As fêmeas apresentam nest altura ovários grandes e repletos. Existe em média 5 machos para cada fêmea.</p> <p>Uma fêmea poderá depositar entre 2000 a 8000 ovos esféricos e escuros, envoltos num longo cordão gelatinoso que pode ter vários metros de comprimento.</p>		
Tipo de Ocorrência	Res – Residente.		



FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.003.00
Comportamento	Possui actividade noturna, no entanto em dias húmidos e chuvosos apresenta alguma actividade diurna, caminhando lentamente dando saltos pequenos. Durante o Inverno a sua actividade diminui, preferindo esconder-se nos seus refúgios ou enterrarem-se.		
Voo	-		
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA			
Tendência Populacional	Estável.		
Estatuto de Conservação PT Continente	LC – Pouco Preocupante.		
INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)			
Designação		Anexo	
Convenção de Berna.		III	
Factores de Ameaça	Alteração dos locais de reprodução e dos seus habitats; perseguição pelo Homem.		
Medidas de Conservação	Informar e sensibilizar o publico para a importancia da especie bem como da conservacao do seu habitat; Realização de estudos de monitorização e biologia das espécies.		
Observações/comentários			

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.004.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	<i>Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Classe	AVES	Família	ACCIPITRIDAE
Ordem	ACCIPITRIFORMES	Género	<i>Buteo</i>
Nome Científico	<i>Buteo buteo</i>	Nome Comum	Aguia-de-asa-redonda
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>Tem entre 51 a 5cm de comprimento e 110 a 130cm de envergadura de asas. A sua plumagem é de cor diversificada, de indivíduo para indivíduo e conforme a estação do ano. Os adultos passam uma fase em que apresentam a parte inferior do corpo e asas mais clara, podendo ser quase branca. É notável uma característica banda transversal branca no peito e manchas escuras nas juntas carpais. A cauda apresenta quase sempre listas transversais. Cabeça pequena e cauda curta.</p>		
Distribuição	<p>Pode ser encontrada por toda a Europa, incluindo o território português, e é ainda encontrada até à Ásia Central.</p>		
Habitat	<p>Florestas, pequenos bosques nas imediações de terrenos descampados, campos de cultivo, prados ou pântanos.</p>		
Alimentação	<p>Alimenta-se de roedores, coelhos e até mesmo de mamíferos maiores que se encontram doentes ou que foram mortos por outros predadores. Pode também ingerir insectos, répteis e aves de pequeno tamanho.</p>		
Reprodução	<p>Nidifica em árvores altas nas florestas ou bosques, nas montanhas e em escarpas rochosas. A postura desta ave é de 2 a 4 ovos, que eclodem cerca de 34 dias após a postura.</p>		
Tipo de Ocorrência	<p>Res – Residente.</p>		



FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.004.00
Comportamento	Normalmente não formam bandos, mas podem ser observados vários indivíduos juntos aquando de migrações ou em habitats óptimos. Executa com frequência curtos voos picados, aparentemente para treino.		
Voo	Voa com batimentos lentos e em círculos planados.		
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA			
Tendência Populacional	Desconhecida.		
Estatuto de Conservação PT Continente	LC – Pouco Preocupante. Espécie Protegida.		
INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)			
Designação		Anexo	
Convenção de Berna.		II	
Convenção de Bona.		II	
Convenção de Washington (CITES).		II A	
Factores de Ameaça	Electrocussão; abate e cativeiros ilegais; pilhagem de ninhos; incêndios florestais e atropelamento.		
Medidas de Conservação	Sensibilização ambiental; medidas de protecção contra incêndios florestais; medidas de preservação do habitat.		
Observações/comentários	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.005.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Classe	REPTILIA	Família	SCINCIDAE
Ordem	SAURIA	Género	<i>Chalcides</i>
Nome Científico	<i>Chalcides bedriagai</i>	Nome Comum	Cobra-de-pernas-pentadáctila
Registo Fotográfico			
Identificação	Espécie de aspecto serpentiforme, relativamente pequena. Cabeça pequena e curta, mais ou menos em forma de cone. Membros de reduzido tamanho, com cinco dedos. Dimorfismo sexual pouco acentuado.		
Distribuição	Endemismo da Península Ibérica.		
Habitat	Encontra-se em áreas com características mediterrâneas, com abundância de pedras e rochas. No extremo Norte da sua distribuição, de clima atlântico, procura as zonas mais quentes, principalmente os vales dos rios. Dunas costeiras e praias de areia, Florestas, Matos submediterrânicos e temperados (matagais), Terrenos agrícolas e paisagens artificializadas.		
Alimentação	A sua dieta baseia-se essencialmente em caracóis, aranhas e escaravelhos.		
Reprodução	Espécie ovovivípara. A época de reprodução vai desde a Primavera até ao Verão, ecludindo entre 1 a 6 crias.		
Tipo de Ocorrência	Res – Residente.		
Comportamento	Espécie de hábitos diurnos, diminui a sua actividade em horas de maior calor (Verão). Permanece activa desde a Primavera até meados do Outono, altura em que inicia um período de inactividade invernal, sobretudo nas zonas mais frias.		




FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.005.00
Voo	-		
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA			
Tendência Populacional	Em regressão.		
Estatuto de Conservação PT Continente	LC – Pouco Preocupante.		
INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)			
Designação			Anexo
Convenção de Berna			B-IV
DL 140/99, de 24/4 com a redacção dada pelo DL 49/2005, de 24/2. Revê e transpõe a Directiva Aves (relativa à conservação das aves selvagens) e a Directiva Habitats (relativa à conservação dos habitats naturais e da flora e da fauna selvagem)			II
Factores de Ameaça	Alteração/Destruição do habitat; incêndios; predadores naturais (aves de rapina, cobras e mamíferos, ouriço-cacheiro, sacarrabos, javali).		
Medidas de Conservação	Recuperação e preservação do habitat; Sensibilização e educação ambiental.		
Observações/comentários	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.006.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Classe	AVES	Família	ACCIPITRIDAE
Ordem	ACCIPITRIFORMES	Género	<i>Circus</i>
Nome Científico	<i>Circus pygargus</i>	Nome Comum	Tartaranhão-caçador
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>Tartaranhão-caçador é a mais pequena das águias europeias. O macho tem plumagem cinzenta azulada, asas muito compridas e estreitas, corpo esguio e cauda comprida e estreita de coloração negra. Em voo, distingue-se uma banda preta nas secundárias. A fêmea e os juvenis apresentam uma plumagem de tons castanhos arruivados.</p>		
Distribuição	<p>Reproduz-se na Eurásia e norte de África, desde a Península Ibérica e Marrocos até cerca do paralelo 60, no sul da Sibéria e Ásia norte-central. Inverna na África subsariana, principalmente no Sudão, Etiópia e África do Leste e no sub-continento indiano. Em Portugal ocorre como nidificante em grande parte do território nacional, de norte a sul, em particular na metade este do país, acompanhando a distribuição dos terrenos abertos com searas nas planícies do Alentejo e os planaltos serranos do centro-leste e norte. Está praticamente ausente de grande parte do oeste do país e do Algarve.</p>		
Habitat	<p>Constituído por áreas onde predomina a cerealicultura extensiva, matos de urze, tojo ou giesta, searas de centeio e pastagens de montanha, nidificando em zonas de mato e centeio. Em zonas de estuário e em dunas costeiras poderá nidificar em sapais e em vegetação dunar.</p>		
Alimentação	<p>Captura essencialmente pequenas presas – ortópteros, pequenos répteis, passeriformes, micromamíferos e pequenas crias de aves e mamíferos. Embora seja considerado um predador generalista, a sua dieta pode apresentar especificidade a nível local na selecção de presas.</p>		
Reprodução	<p>Espécie semi-colonial, ainda que possa nidificar isoladamente em áreas com baixa densidade de casais. Normalmente monogâmicos, a relação é de duração sazonal. Nidifica no solo, sendo o ninho construído pela fêmea com material vegetal: caules de gramineas, espigas e restolhos. As crias são</p>		




FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.006.00
	nidícolas e somente a fêmea cuida e alimenta as crias.		
Tipo de Ocorrência	Nidificante estival.		
Comportamento	Antes do fim do Verão retorna a África às regiões a sul do deserto do Sara para passar o Inverno. Caça a 2 ou 3 metros do solo contornando o relevo do terreno.		
Voo	Virtuoso acrobata executa voos malabaristas nas suas elaboradas paradas nupciais em voo.		
Nidificação	Nidificante estival.		
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA			
Tendência Populacional	Desconhecida.		
Estatuto de Conservação PT Continente	EN – Em Perigo.		
INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)			
Designação	Anexo		
Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril, Transposição da Directiva Aves 79/409/CEE de 2 de Abril de 1979, com a redacção dada pelo Decreto-Lei nº 49/2005 de 24 de Fevereiro.	I		
Decreto-Lei nº 316/89 de 22 de Setembro, transposição para a legislação nacional da Convenção de Berna.	II		
Decreto-Lei n.º 103/80 de 11 de Outubro, transposição para a legislação nacional da Convenção de Bona.	II		
Decreto-Lei n.º 114/90 de 5 de Abril, transposição da Convenção de Washington (CITES), Regulamento CE nº 1332/2005 de 9 de Agosto (alteração ao Reg. CE nº 338/97 de 9 de Dezembro).	II-A		
Factores de Ameaça	Actividade da ceifa; o abandono agrícola; aumento da utilização de agro-químicos; florestação das terras agrícolas; expansão de cultivos lenhosos; perturbação; abate ilegal; pilhagem e destruição de ninhos; aumento de predadores de ovos e crias; a electrocussão e colisão em linhas aéreas de transporte de energia.		
Medidas de Conservação	Atrasar a ceifa de forma a salvaguardar as crias e os ovos; promover cerealicultura extensiva com rotação de culturas; incrementar a sustentabilidade económica das áreas estepárias; condicionar a edificação e ordenar a actividade turística nas zpe's; implementar normas de gestão cinegética nas áreas de habitat destas espécies em ac's (áreas de caça); fiscalizar as actividades de abate e envenenamento; fiscalizar e vigiar activamente as principais colónias na época de nidificação; regular o uso de pesticidas e adoptar técnicas de pestes alternativas; proibir a florestação e o cultivo de lenhosas nas áreas mais importantes para a conservação da espécie; estudar a dieta e a selecção de habitats de alimentação da aguia-caçadeira.		
Observações/comentários	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.007.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Classe	AVES	Família	CUCULIDAE
Ordem	CUCULIFORMES	Género	<i>Cuculus</i>
Nome Científico	<i>Cuculus canorus</i>	Nome Comum	Cuco-canoro
Registo Fotográfico			
Identificação	O macho tem cabeça peito e dorso cinza, com estras na barrig como no gavião da Europa. A fêmea tem geralmente, o mesmo padrão, excepto na cor que é ferrugínea. Os juvenis são castanho bastante escuro nas partes superiores alguns mais acinzentados outros mais ferrugíneos. Um sinal seguro de que se trata de um juvenil é a mancha branca na nuca.		
Distribuição	Distribuição global.		
Habitat	Jardins, paus, turfeiras e charnecas, bosques, campos e sebes.		
Alimentação	Insectos.		
Reprodução	Parasita dos ninhos, põe o seu ovo no ninho de outras aves, um ovo em cada ninho. Cada fêmea especializa-se num pássaro hospedeiro particular emitando a cor do ovo, levando ao engano o pássaro hospedeiro.		
Tipo de Ocorrência	MigRep – Migrador reprodutor.		
Comportamento	Saltita, pousa em campo aberto levanta voo e pousa tanto na vegetação como no solo.		
Voo	Voo baixo e de progressão discreta, combinado com a sua longa cauda da-lhe		



FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.007.00
a perícia de um gavião da Europa.			
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA			
Tendência Populacional	-		
Estatuto de Conservação PT Continente	LC – Pouco Preocupante.		
INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)			
Designação			Anexo
Convenção de Berna.			III
Factores de Ameaça	Não estão identificados factores de ameaça específicos à conservação desta espécie em Portugal.		
Medidas de Conservação	Não foram identificadas medidas de conservação específicas, para além de normas gerais de protecção das aves e dos seus habitats.		
Observações/comentários	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.008.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Classe	MAMMALIA	Família	Erinaceidae
Ordem	ERINACEOMORPHA	Género	<i>Erinaceus</i>
Nome Científico	<i>Erinaceus europaeus</i>	Nome Comum	Ouriço-cacheiro
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>O ouriço-cacheiro é maior insectívoro da nossa fauna, com um comprimento do corpo entre 18 e 20cm e cerca de 1Kg de peso máximo, sendo o valor mais habitual os 700 g. É facilmente identificado por ter o dorso coberto de espinhos longos e aguçados, de cor acastanhada e com bandas escuras nas extremidades. A cauda é muito pequena, as orelhas são igualmente pequenas e a cabeça encontra-se bem destacada do corpo. A cabeça e a superfície ventral são densamente cobertas de pêlos. Tem um sentido de visão pouco desenvolvido, ao contrário da audição e do olfacto. Quanto sente perigo enrosca-se, expondo os espinhos como armas de defesa.</p>		
Distribuição	<p>Existe em toda a Europa Ocidental, incluindo na Grã-Bretanha e nos países escandinavos até à Sibéria. Pela mão do Homem foram levados para a Nova Zelândia. Este pequeno mamífero pode ser encontrado um pouco por todo o território continental português, incluindo algumas ilhas açorianas onde também foi introduzido pelos colonizadores.</p>		
Habitat	<p>Presente em habitats muito diversificados, como zonas de cultivo, jardins, bosques, prados e áreas onde o estrato herbáceo seja abundante. Utiliza tocas abandonadas de coelhos, troncos de árvores, fendas em rochas como ninhos para o nascimento das crias ou para o período de hibernação.</p>		
Alimentação	<p>Alimenta-se sobretudo de invertebrados que encontra no solo - minhocas, escaravelhos, lagartas, aranhas e lesmas - embora também por vezes consuma ovos e pequenos vertebrados - sapos, lagartos, crias de roedores e de aves. Também come peixe, até porque é um excelente nadador. Consome cerca de 70 g de alimentos por noite. Hiberna entre Novembro e Março</p>		



FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.008.00
Reprodução	A época da reprodução verifica-se de Abril a Agosto, tendo a gestação uma duração de 12 a 13 semanas. Cada ninhada é composta por 4 a 6 crias.		
Tipo de Ocorrência	-		
Comportamento	É um animal solitário e territorial, de hábitos essencialmente nocturnos, podendo ser observado nas últimas horas do dia e ao amanhecer. Quando se sente ameaçado, o ouriço enrola-se sobre si próprio, de modo a esconder as suas pequenas patas e as áreas mais desprotegidas. Este mamífero hiberna quando os recursos alimentares diminuem e a descida da temperatura torna inoportável a manutenção da temperatura do corpo. Em Portugal, este comportamento verifica-se apenas nos indivíduos que vivem em zonas de maior altitude.		
Voo	-		
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA			
Tendência Populacional	Desconhecida.		
Estatuto de Conservação PT Continente	LC – Pouco Preocupante.		
INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)			
Designação		Anexo	
	-	-	
Factores de Ameaça	Mortalidade das crias, ao longo do primeiro ano é muito elevada; predadores naturais; atropelamentos na estrada; pesticidas e herbicidas; redução do seu habitat.		
Medidas de Conservação	Recuperação e manutenção do seu habitat; eliminação da utilização de pesticidas e herbicidas.		
Observações/comentários	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.009.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Classe	AVES	Família	TURDIDAE
Ordem	PASSERIFORMES	Género	<i>Erithacus</i>
Nome Científico	<i>Erithacus rubecula</i>	Nome Comum	Pisco-de-peito-ruivo
Registo Fotográfico			
Identificação	O Pisco-de-peito-ruivo é facilmente identificado pelo seu característico peito ruivo quando adulto e pela sua plumagem ruiva acastanhada quando jovem, a sua forma roliça, postura erecta e movimentos bruscos tornam-no inconfundível.		
Distribuição	Europa, das ilhas do Atlântico (Canárias, Açores etc.), da Ásia Menor, da Ásia ocidental e da África Norte-ocidental.		
Habitat	Prefere zonas de bosques e semibosques húmidos, tanto de caducifólia, como de coníferas com sub-bosque de moitas, mas, principalmente no inverno, frequenta também espaços abertos, nas oliveiras e parreirais, nas moitas marginais dos campos e áreas de cultivos, ao longo de valas densas de vegetações, nas hortas e nos jardins, aproximando-se tranquilamente das habitações, tanto dos sítios como das cidades, tornando-se assim uma das espécies mais confidentes e familiares.		
Alimentação	Insectos, aranhas, minhocas e caracóis, bagas e outros, passas, flocos de aveia, entre outros.		
Reprodução	Esta espécie é monogâmica e territorial. A postura geralmente é constituída por 4 a 6 ovos brancos ou ligeiramente azulados, com um número variável de pequenas manchas avermelhadas. A incubação dura 13 a 14 dias, e as crias permanecem no ninho em média cerca de 13 dias antes de o abandonarem.		



FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.009.00
Tipo de Ocorrência	Res – Residente. Vis – Visitante.		
Comportamento	Cantam durante todo o ano. Quer os machos quer as fêmeas defendem o seu próprio território cantando e exibindo-se. Na Primavera, as fêmeas têm de convencer os machos a parar de lutar e a cooperarem com elas na criação de uma família. Para tal elas invadem o território dos machos e comportam-se como crias pedindo alimentação, estimulando assim os machos a alimentar as crias em vez de lutarem.		
Voo	Voa a curtas distâncias e baixo.		
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA			
Tendência Populacional	-		
Estatuto de Conservação PT Continente	LC – Pouco Preocupante.		
INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)			
Designação	Anexo		
Convenção de Berna	II		
Convenção de Bona	II		
Factores de Ameaça	Perturbação directa, consequência do impacto visual e do ruído gerado pela presença humana; degradação biótica; perseguição directa; pilhagem dos ninhos; caça furtiva.		
Medidas de Conservação	Controlar e fiscalizar as zonas de nidificação; Educação e sensibilização ambiental.		
Observações/comentários	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.010.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela do Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Classe	AVES	Família	FALCONIDAE
Ordem	FALCONIFORMES	Género	
Espécie	<i>Falco peregrinus</i>	Nome comum	Falcão-peregrino
Registo Fotográfico			
Identificação	Destaca-se por ser o maior falcão em Portugal. De asas largas, cauda curta, com uma coloração escura na parte superior da cabeça em forma de barrete. patas amarelas, as barras transversais finas (no adulto) e o espesso "bigode".		
Distribuição	Distribuição quase mundial (com excepção da Antártida), que, nidifica na maioria dos países da Europa nomeadamente Albânia, Alemanha, Andorra, Áustria, Bélgica, Bulgária, Chipre, Croácia, Dinamarca (incluindo a Gronelândia), Eslováquia, Eslovénia, Espanha, Finlândia, França, Grécia, Holanda, Hungria, Itália, Lituânia, Luxemburgo, Noruega, Polónia, Portugal, Reino Unido (incluindo Gibraltar e Ilha do Homem), República Checa, República da Irlanda, Roménia, Rússia, Suécia, Suíça, Turquia e Ucrânia.		
Habitat	Nidifica em arribas marítimas, também em ilhas rochosas ou em precipícios em zonas montanhosas, e ao longo de vales de rios. Dado a sua adaptabilidade, e em situações sem perturbação, encontra-se por vezes em estruturas construídas pelo Homem altas e inacessíveis, como torres, ruínas, antenas e pontes. Evita zonas com intensa actividade humana, ou florestas densas, pântanos com vegetação densa, extensas áreas de planície e zonas agrícolas, e áreas abertas e extensas de água. Requer extensos campos abertos para caçar, incluindo biótopos estepárias, zonas húmidas e arribas costeiras. Caça também nas proximidades de encostas escarpadas e falésias aproveitando a surpresa e o desnível para alcançar as suas presas em voo. No Inverno o Falcão-peregrino está associado a zonas abertas com abundância de presas, o que no Baixo Alentejo corresponde geralmente às proximidades de zonas húmidas (estuários, vales de rios e barragens). Dormem de noite em sítios abrigados, em superfícies rochosas, e às vezes recorrem também a árvores. De Inverno utilizam, longe dos locais de nidificação, rochas ou edifícios altos, incluindo igrejas, antenas, pontes. Antes da postura, o casal dorme junto no		



FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.010.00
	penhasco escolhido para nidificar e durante a incubação o macho dorme noutra lugar.		
Alimentação	Caçador solitário que ataca outras aves, em geral pombos ou pássaros, que derruba com as garras em voo picado e mata com o bico. É o animal mais rápido do mundo, com velocidade de mergulho que chega a atingir 320 km/h.		
Reprodução	Espécie monogâmica e solitária, a relação é sazonal podendo, por vezes, durar toda a vida. Ambos os progenitores cuidam e alimentam as crias, no entanto cabe à fêmea a maior parte do trabalho. Crias nidícolas. O processo de nidificação desenvolve-se normalmente entre Março e Julho.		
Tipo de Ocorrência	Residente (uma parte da população é migratória invernante sendo proveniente das populações do norte da Europa).		
Comportamento	Pousa em campo aberto, levanta voo e pousa no solo.		
Voo	Voo normal não muito destacável Batimentos rápidos e relativamente profundos, velocidade moderada.		
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA			
Tendência Populacional	-		
Estatuto de conservação PT Continente	VU – Vulnerável.		
INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)			
	Designação	Anexo	
	Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril, Transposição da Directiva Aves 79/409/CEE de 2 de Abril de 1979, com a redacção dada pelo Decreto-Lei nº 49/2005 de 24 de Fevereiro	I	
	Decreto-Lei nº 316/89 de 22 de Setembro, transposição para a legislação nacional da Convenção de Berna	II	
	Decreto-Lei n.º 103/80 de 11 de Outubro, transposição para a legislação nacional da Convenção de Bona	II	
	Decreto-Lei n.º 114/90 de 5 de Abril, transposição da Convenção de Washington (CITES)		
	Regulamento CE nº 1332/2005 de 9 de Agosto (alteração ao Reg. CE nº 338/97 de 9 de Dezembro)	I-A	
Factores de Ameaça	Aumento da utilização de agro-químicos; perseguição humana; pilhagem de ninhos e o roubo de juvenis; perturbação humana; abandono e alteração de diversas práticas agro-pecuárias tradicionais; colisão e electrocussão; degradação dos habitats; doenças dos pombos.		
Medidas de conservação	Regular o uso de pesticidas e promover a utilização de substâncias mais facilmente degradáveis, cujo impacto ambiental não seja tão nefasto sobre as espécies; aumentar eficácia dos meios e esforços de fiscalização e vigilância nas áreas de nidificação durante os períodos de nidificação; restringir o acesso às áreas de nidificação; elaborar e implementar planos de gestão nas ZPE'S mais importantes para a espécie; promover a manutenção e valorização do mosaico agro-florestal; corrigir e sinalizar os traçados e apoios da rede de distribuição de electricidade que sejam muito perigosos para a espécie; promover campanhas de sensibilização ambiental e de conservação da fauna; sensibilizar os agricultores para a adopção de boas práticas agrícolas; estabelecer sistemas eficazes de monitorização da população; colaborar em programas internacionais de conservação e estudo da espécie;		
Observações/comentários	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.011.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Classe	AVES	Família	FALCONIDAE
Ordem	FALCONIFORMES	Género	<i>Falco</i>
Nome Científico	<i>Falco tinnunculus</i>	Nome Comum	Peneireiro
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>Este falcão de tamanho médio apresenta as asas pontiagudas e cauda comprida, e bico curto e forte, típicos da maioria das espécies deste grupo. A cauda do peneireiro-vulgar é um pouco mais comprida que a dos seus congéneres, dando-lhe um aspecto mais estilizado. Existem diferenças em termos de plumagem e dimensões entre os machos e as fêmeas desta espécie, sendo a última de dimensões maiores e menos colorida. A fêmea e o macho possuem o dorso cor de ferrugem, bastante sarapintado de preto, com a ponta das asas escuras. A cauda da fêmea é barrada, enquanto o macho apresenta a cauda e a nuca lisas cinzento-azulado, contrastando bastante com a tonalidade do dorso. O peito do macho é menos barrado, parecendo mais liso que a fêmea.</p>		
Distribuição	Nidifica na Europa, Ásia e África. As populações setentrionais e orientais invernam na África do Sul, Índia, China e Japão.		
Habitat	Campos abertos, campos de cultivo, urzais e bosques, áreas de salgueiros e vidoeiros.		
Alimentação	Alimenta-se de roedores, insectos e pequenas aves.		
Reprodução	Não constrói ninho, ocupa ninhos abandonados de outras rapinas, em rochas, árvores ou mesmo em paredes. A postura ocorre em Abril/Maio, sendo formada por 4-6 ovos que são incubados durante 27-31 dias.		




FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.011.00
Tipo de Ocorrência	Res – Residente.		
Comportamento	Caça persistentemente, voando e peneirando de cauda aberta acima do solo. Assim que a sua presa é localizada, "mergulha" a pique para a atacar.		
Voo	As suas longas asas pontiagudas permitem-lhe um voo possante, rápido e ágil. A cauda é longa e as asas arqueadas em forma de foice.		
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA			
Tendência Populacional	Desconhecida.		
Estatuto de Conservação PT Continente	LC – Pouco Preocupante.		
INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)			
Designação			Anexo
Convenção de Berna.			II
Convenção de Bona.			II
Convenção de Washington (CITES).			II A
Factores de Ameaça	Alterações do habitat de nidificação e/ou de alimentação, tais como a construção de barragens e de outros aproveitamentos hidroeléctricos; repovoamentos florestais de áreas extensas e abandono agrícola.		
Medidas de Conservação	Recuperação e conservação do habitat.		
Observações/comentários	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.012.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Classe	AVES	Família	CORVIDAE
Ordem	PASSERIFORMES	Género	<i>Garrulus</i>
Nome Científico	<i>Garrulus glandarius</i>	Nome Comum	Gaio-comum
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>É uma grande ave dos bosques, com cauda comprida, asas arredondadas e plumagem muito característica. Tem um comprimento de 33 a 36 cm e um peso de 140 a 190 g. Tem uma coroa malhada de preto e branco, um bigode preto, dorso e ventre castanho rosado. As asas e a cauda são pretas, com o uropígio e parte interna das asas brancas, ambos muito visíveis em voo. Apresenta uma mancha azul iridescente, com riscas finas pretas e brancas, nas grandes coberturas primárias, muito característica.</p>		
Distribuição	Europa Ocidental até ao noroeste africano, Ásia continental e sudoeste asiático. Suécia, Noruega e Polónia.		
Habitat	Bosques.		
Alimentação	Omnívoro (Bolotas, frutos de faias e de bagas de diferentes espécies, insectos, ovos, lagartos, rãs, ratos e musaranhos).		
Reprodução	Postura de 3 a 6 ovos. O casal reveza-se no choco durante 16-19 dias. As crias são alimentadas por ambos os pais e geralmente estão completamente cobertas de penas entre os 21 e os 23 dias de idade.		




FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.012.00
Tipo de Ocorrência	Res – Residente.		
Comportamento	Destemido, curioso mas também alerta. Pousa em campo aberto, saltita, esvoaça, levanta voo tanto na vegetação como no solo.		
Voo	Voo laborioso e directo.		
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA			
Tendência Populacional	-		
Estatuto de Conservação PT Continente	LC – Pouco Preocupante.		
INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)			
Designação		Anexo	
DL 140/99, de 24/4 com a redacção dada pelo DL 49/2005, de 24/2. Revê e transpõe a Directiva Aves (relativa à conservação das aves selvagens) e a Directiva Habitats (relativa à conservação dos habitats naturais e da flora e da fauna selvagem).		D	
Lei nº 173/99 de 21 de Setembro (Lei da Caça), regulamentada pelo DL 201/2005 de 24 de Novembro.		-	
Factores de Ameaça	A desflorestação e a perseguição humana constituem os dois principais factores de ameaça para esta espécie.		
Medidas de Conservação	-		
Observações/comentários	-		

FICHA DE BIOLOGIA		FAUNA	N.013.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Classe	GASTROPODA	Família	ARIONIDAE
Ordem	-	Género	<i>Geomalacus</i>
Espécie	<i>Geomalacus maculosus</i>	Nome Comum	Lesma
Registo Fotográfico			
Identifica�o	A lesma � um gastrópode que possui manchas brancas ou amarelas.		
Distribui�o	Distribui�o predominantemente atlântica, ocorrendo no Norte e centro de Portugal, Noroeste de Espanha (Galiza, Leon, Asturias, Santander e País Basco) e Sudoeste da Irlanda.		
Habitat	A espécie prefere solos ácidos, sendo mais frequente em áreas de montanha graníticas e longe da influência humana. Encontra-se em meios terrestres muito húmidos, sobre pedras, muros ou árvores cobertos com líquenes ou musgos, sendo o coberto arbóreo dominado por castanheiros (<i>Castanea sativa</i>) e carvalhos (nomeadamente <i>Quercus robur</i> , <i>Q. suber</i> e <i>Q. lusitanica</i>). Pode ainda ocorrer em zonas mais abertas, em pastos hidrófilos próximos de cursos de água oligotróficos. Escondendo-se durante o dia nas fendas das rochas ou do solo ou por baixo das cascas das �rvores. Na Irlanda, no Inverno, pode ser encontrada durante o dia, quando chove, apresentando um período de estiva�o durante parte do Verão.		
Alimenta�o	Alimenta-se de uma ampla variedade de líquenes, algas, musgos e fungos.		
Reprodu�o	Atinge a maturidade sexual por volta dos dois anos de idade. Em Espanha foram observadas c�pulas na Primavera e no Outono. Na Irlanda, a postura ocorre no Outono. Esta espécie mant�m-se e reproduz-se em cativeiro, pelo que podem ser estabelecidos programas de reprodu�o em cativeiro para reintrodu�o. No entanto, os requisitos de habitat não são suficientemente		




FICHA DE BIOLOGIA		FAUNA	N.013.00
	conhecidos, o que pode comprometer qualquer reintrodução. Pode viver mais de sete anos em cativeiro.		
Tipo de Ocorrência	Espécie autóctone. Res - Residente.		
Comportamento	Em Portugal e Espanha é uma espécie estritamente crepuscular/nocturna. Os adultos são muito activos quando chove e em noites de muita humidade, enquanto os juvenis podem também ser observados ao crepúsculo.		
Voo	-		
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA			
Tendência Populacional	Não há dados que permitam avaliar a sua Tendência Populacional.		
Estatuto de Conservação PT Continente	Não Catalogada.		
INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)			
Designação	Anexo		
Decreto-Lei nº 140/99, de 24 de Abril, com a redacção que lhe é dada pelo Decreto-Lei nº 49/05, de 24 de Fevereiro, transposição da Directiva Habitats (92/43/CEE), de 21 de Maio	B-II e B-IV		
Decreto-Lei nº 316/89, de 22 de Setembro, transposição da Convenção de Berna	II		
Recomendação nº 35 (1992) do Conselho da Europa/Convenção de Berna (conservação de algumas espécies de invertebrados listados na Convenção)	II		
Factores de Ameaça	A destruição de florestas de folhosas; A poluição resultante da utilização de pesticidas e fertilizantes.		
Medidas de Conservação	Fundamental promover estudos sobre esta ocorrência da espécie; Preservar a floresta autóctone naturalmente bem desenvolvida; Incentivar práticas agrícolas extensivas; Reduzir a utilização de agro-químicos ¹⁰ na agro-pecuária e Silvicultura; Elaboração dos estudos de impacto Ambiental; Fiscalizar o cumprimento das medidas de minimização e compensações previstas nas avaliações de EIA; Informar e sensibilizar o público; Desenvolver campanhas de sensibilização e educação ambiental.		
Observações/comentários	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.014.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Classe	MAMMALIA	Família	MUSTELIFDAE
Ordem	CARNIVORA	Género	<i>Lutra</i>
Nome Científico	<i>Lutra lutra</i>	Nome Comum	Lontra
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>O corpo é alongado e fusiforme, com membros relativamente curtos e pescoço reduzido, embora largo. A cabeça é achatada, com pequenas orelhas e olhos pequenos. O focinho apresenta longos pêlos sensoriais – as vibrissas. A cauda é longa, ligeiramente achatada, e as patas são curtas e vigorosas, com 5 dedos unidos por uma membrana interdigital. A cor do pêlo apresenta-se geralmente castanha escura em quase todo o corpo, à excepção da região do ventre que é mais clara. Possuem por vezes uma mancha clara (creme ou mesmo branca), por debaixo do queixo e que se pode estender até à garganta. Esta espécie apresenta dimorfismo sexual, sendo o macho maior e conseqüentemente mais pesado do que a fêmea.</p>		
Distribuição	Toda a Europa, no Norte de África e em parte importante da Ásia Ocidental e Central.		
Habitat	Vive em ambientes de água doce, lagoas, rios, canais, pequenas albufeiras zonas de estuário e costa litoral, com abundância de vegetação ripícola.		
Alimentação	<p>A espécie apresenta uma dieta essencialmente piscívora, no entanto longe de ser especialista, sendo o seu regime alimentar frequentemente função da disponibilidade local e sazonal de presas. Este aspecto manifesta-se na marcada variação local e sazonal da sua dieta. Incluem-se no grupo das presas potenciais várias espécies de pequenos mamíferos, aves aquáticas, anfíbios, répteis e vários tipos de peixes, para além de invertebrados como insectos ou crustáceos. O material vegetal é ingerido esporadicamente.</p>		



FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.014.00
Reprodução	Atingem o estado adulto aos 2 anos. Embora podendo reproduzir-se durante todo o ano, acasalam sobretudo no final do Inverno e início da Primavera. Estas épocas estão directamente relacionadas com a disponibilidade alimentar local. O período de gestação dura cerca de 9 semanas (60 a 63 dias): Nascem 2 a 3 crias que são amamentadas durante cerca de 10 semanas.		
Tipo de Ocorrência	Res – Residente.		
Comportamento	Animal essencialmente nocturno ou crepuscular, silencioso e de difícil observação.		
Voo	-		
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA			
Tendência Populacional	Desconhecida.		
Estatuto de Conservação PT Continente	LC – Pouco Preocupante.		
INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)			
Designação			Anexo
Convenção de Berna.			II
Convenção de Washington (CITES).			IIA
DL 140/99, de 24/4 com a redacção dada pelo DL 49/2005, de 24/2. Revê e transpõe a Directiva Aves (relativa à conservação das aves selvagens) e a Directiva Habitats (relativa à conservação dos habitats naturais e da flora e da fauna selvagem).			B II, IV
Factores de Ameaça	Alteração/destruição do habitat; aproveitamentos hidroeléctricos; atropelamentos; caça furtiva; destruição da vegetação ripícola; destruição de abrigos destruição/perturbação de indivíduos; extracção de inertes; poluição agrícola; poluição industrial; poluição pecuária; poluição urbana; regularização de sistemas hídricos; vias de comunicação.		
Medidas de Conservação	Controlo da poluição; fiscalização da caça; fiscalização da poluição; ordenamento piscícola; passagens para a fauna; protecção da vegetação ripícola; protecção de indivíduos; protecção de linhas de água; protecção do habitat, recuperação dos habitats.		
Observações/comentários	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.015.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Classe	MAMMALIA	Família	MUSTELIDAE
Ordem	CARNIVORA	Género	<i>Martes</i>
Nome Científico	<i>Martes foina</i>	Nome Comum	Fuinha
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>equeno carnívoro, com corpo alongado, membros baixos, cauda comprida e espessa. A cabeça larga e mais clara que o resto do corpo, orelhas salientes e arredondadas e o focinho é afilado. Pelagem: coloração castanha (por vezes arruivada) e mancha peitoral de cor clara (de branco a creme), que se estende desde a garganta até à zona inicial das patas anteriores e se divide em duas, por uma lista escura longitudinal. Patas mais escuras que o resto do corpo.</p>		
Distribuição	<p>Europa Continental não ocorrendo, no entanto, na Escandinávia. Está também presente nalgumas ilhas do Mediterrâneo. Pode ser encontrada em zonas florestais que apresentem linhas de água. Como locais de refúgio utilizam cavidades naturais de sobreiros, azinheiras, carvalhos, silvados e vegetação densa junto a linhas de água e habitações abandonadas.</p>		
Habitat	<p>Pode ser encontrada em zonas florestais que apresentem linhas de água. Como locais de refúgio utilizam cavidades naturais de sobreiros, azinheiras, carvalhos, silvados e vegetação densa junto a linhas de água e habitações abandonadas.</p>		
Alimentação	<p>A dieta da fuinha varia muito, dependendo da disponibilidade de alimentos. É um predador generalista e oportunista, consumindo principalmente pequenos mamíferos, aves, insectos e ovos. Alimenta-se também de frutos e de desperdícios deixados pelo Homem.</p>		
Reprodução	<p>pesar do acasalamento poder ocorrer em qualquer mês do ano, é mais comum nos meses de Fevereiro a Maio e de Julho a Setembro. Devido à implantação retardada (que pode durar de 3 a 10 meses), as crias geralmente nascem em meados de Janeiro ou início de Fevereiro e só saem das tocas ao fim de cerca</p>		



FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.015.00
	de 8 semanas. A gestação dura cerca de 7 semanas e a ninhada pode ter entre 1 a 5 crias.		
Tipo de Ocorrência	Res – Residente.		
Comportamento	De hábitos solitários, pouco conspícuos e maioritariamente nocturnos, embora, em zonas onde é abundante, seja possível observá-la durante o dia. Desloca-se aos saltos no solo e é boa trepadora. O contacto vocal é muito intenso entre a progenitora e os juvenis.. É territorialista, defendendo o seu território de caça, que percorre pelos mesmos trilhos, em busca de alimento. Dentro do seu território, dispõe de vários refúgios que podem ser cavidades em árvores ocas, montículos de pedras ou construções humanas pouco frequentadas, como estábulos, celeiros e sótãos. Não tem por hábito escavar a sua toca no solo.		
Voo	-		
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA			
Tendência Populacional	-		
Estatuto de Conservação PT Continente	LC – Pouco Preocupante. Espécie Protegida.		
INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)			
Designação	Anexo		
Convenção de Berna.	III		
Factores de Ameaça	Os principais factores de ameaça para a fuinha são a destruição do habitat e a pressão humana. A destruição de habitat corresponde a acções de desmatção, queimadas e limpeza da vegetação que ladeia as linhas de água, uma vez que são tipos de habitat que a fuinha utiliza. A pressão humana advém de encontros acidentais da fuinha com o homem, devido ao facto de utilizar habitações abandonadas como refúgio. Esta espécie, apesar de não ser classificada como cinegética, sofre pressão por parte de caça furtiva e captura acidental aquando do controlo de densidades de alguns predadores.		
Medidas de Conservação	Uma melhor gestão da caça, consciencialização da sociedade para os problemas resultantes da degradação ambiental.		
Observações/comentários	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.016.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela do Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Classe	MAMMALIA	Família	MUSTELIDAE
Ordem	CARNIVORA	Género	<i>Meles</i>
Espécie	<i>Meles meles</i>	Nome comum	Texugo
Registo Fotográfico			
Identificação	Animal de tamanho médio, corpulento, cabeça triangular e cauda curta. Cabeça branca com duas listas negras que a atravessam de forma longitudinal. Corpo com pelagem de cor cinzenta e extremidades negras.		
Distribuição	Habita toda a Euroásia temperada, exceptuando o Norte da Escandinávia e da Rússia, estando inclusivamente presente nalgumas ilhas do Mediterrâneo (ex: Creta). Em Portugal está presente em todo o território continental, sendo uma espécie relativamente abundante. Há no entanto, escassez de informação biológica e ecológica sobre a sua situação em Portugal.		
Habitat	Europa. Habitam em bosques de caducifólias e montanhas até os 2000 m. Bastante frequente em paisagens mistas de zonas arborizadas e pastagens em regiões acidentadas. Também pode ser encontrado em hortas, olivais ou mesmo jardins.		
Alimentação	Bagas silvestres, raízes, tubérculos, minhocas, insectos, rãs e carne putrefacta.		
Reprodução	Apesar de o acasalamento poder ocorrer em qualquer mês do ano, é mais comum nos meses de Fevereiro a Maio e de Julho a Setembro. Devido à implantação retardada (que pode durar de 3 a 10 meses), as crias geralmente nascem em meados de Janeiro / início de Fevereiro e só saem das tocas ao fim de cerca de 8 semanas. A gestação dura cerca de 7 semanas e a ninhada pode ter entre 1 a 5 crias.		




FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.016.00
Tipo de Ocorrência	Res – Residente.		
Comportamento	Com hábitos essencialmente nocturnos iniciando a sua actividade após o por de sol. Pode percorrer longas distâncias durante a noite regressando a toca pouco antes de amanhecer. Sociáveis podendo formar grupos de 3 a 12 indivíduos. É normal terem como actividade social limparem-se mutuamente, catarem-se, marcarem-se uns aos outros esfregando a região anal num dos flancos. As crias permanecem junto as tocas (texugueiras) para aprenderem técnicas de caça e fuga aos inimigos. As texugueiras podem ser “herdadas” ao longo de várias gerações. Embora não hiberne pode passar, nas alturas mais frias do Inverno, dias seguidos sem sair da toca, mantendo-se com as reservas de gordura acumuladas no corpo.		
Voo	-		
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA			
Tendência Populacional	-		
Estatuto de conservação PT Continente	LC – Pouco Preocupante.		
INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)			
Designação			Anexo
Convenção de Berna			III
Factores de Ameaça	Desflorestação; perseguição através da caça furtiva, ou do envenenamento accidental ou propositado; atropelamento; predadores naturais (raposa, o gato-bravo, a gineta e as aves de rapina).		
Medidas de Conservação	A sua caça no nosso país está proibida desde 1986.		
Observações/comentários	Existe a indicação de que os texugos enterram os seus mortos, escavando um buraco e colocando o texugo que morreu no seu interior.		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.017.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela do Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Classe	AVES	Família	ACCIPITRIDAE
Ordem	ACCIPITRIFORMES	Género	<i>Milvus</i>
Espécie	<i>Milvus migrans</i>	Nome comum	Milhafre-preto
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>Mede cerca de 55 cm de comprimento e 135-155 cm de envergadura, para cerca de 1 kg de peso. A plumagem é de cor castanha, de tom mais escuro na parte superior das asas, e mais claro na região ventral. Não há dimorfismo sexual evidente mas os machos são em geral menores que as fêmeas. Como em todos os accipitrideos, o bico é recurvado e está adaptado a um modo de alimentação carnívoro.</p>		
Distribuição	<p>O Milhafre-preto tem uma distribuição mundial muito alargada encontrando-se nas áreas temperadas, sub-tropicais e tropicais do Velho Mundo e Australásia. Em Portugal distribui-se por quase todo o país, estando praticamente ausente no Minho, Douro Litoral, Estremadura e da zona sul do Algarve. É abundante no vale do Baixo Mondego, sendo frequente no vale do Tejo e em algumas áreas do Alentejo. No resto do país a sua densidade é variável, sendo função das disponibilidades de habitat.</p>		
Habitat	<p>Pode ser observado em vários tipos de habitats. Vales e terrenos baixos, florestas, escarpas rochosas, sempre nas imediações de rios e lagos.</p>		
Alimentação	<p>Alimenta-se principalmente de presas de pequeno porte, como roedores, lagomorfos, aves terrestres e ouriços-cacheiros, especialmente indivíduos jovens, feridos ou doentes e também peixes, répteis, anfíbios e insectos. É também necrófago regular e frequentador habitual de aterros sanitários. Ocasionalmente consome minhocas, moluscos e crustáceos. Por vezes persegue outras aves até estas deixarem cair o alimento, ou no caso das garças (Ardeidae) até estas expelirem a comida.</p>		
Reprodução	<p>Espécie monogâmica, que mantém o mesmo par durante varia nos anos, embora essa ligação seja aparentemente sazonal nas populações migradoras. A época de reprodução inicia-se em Março, sendo as posturas realizadas geralmente em Abril. As crias (1 a 3) atingem a independência em finais de</p>		



FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.017.00
	Junho e durante o mês de Julho. Ambos os progenitores cuidam e alimentam as crias. Crias semi-altriciais e nidícolas. As posturas, geralmente de 2 ou 3 ovos, são incubadas durante 31-32 dias e as crias permanecem no ninho cerca de 50 dias.		
Tipo de Ocorrência	Nidificante estival.		
Comportamento	Gregário, na maior parte do tempo, solitário ou colonial durante a reprodução. É um migrador por excelência. Inverna em África, a sul do deserto do Sara, onde permanece até meados de Março. Após a sua chegada, inicia, com a sua companheira, os acrobáticos voos nupciais, com abruptas quedas e repentinas mudanças de direcção.		
Voo	Voo baixo e lento.		
Nidificação	Constrói o ninho em árvores de grande porte, em florestas, bosques e também em campo aberto, sempre perto de cursos de água. O ninho é construído de ramos e o interior é forrado com detritos de todo o género, incluindo trapos e papéis. É vulgar encontrar, numa área relativamente reduzida, vários ninhos de milhafre-preto. No fim do mês de Abril, a fêmea deposita 2 ou 3 ovos, cuja incubação dura cerca de 32 dias. Durante este período, nunca abandona o ninho já que o macho se encarrega de a abastecer de alimento. Os juvenis começam a voar ao fim de 6 semanas.		
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA			
Tendência Populacional	-		
Estatuto de conservação PT Continente	LC – Pouco preocupante. Espécie protegida.		
INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)			
Designação	Anexo		
Decreto-Lei n.º 140/99 de 24 de Abril, Transposição da Directiva Aves 79/409/CEE de 2 de Abril de 1979, com a redacção dada pelo Decreto-Lei n.º 49/2005 de 24 de Fevereiro			
Decreto-Lei n.º 316/89 de 22 de Setembro, transposição para a legislação nacional da Convenção de Berna	II		
Decreto-Lei n.º 103/80 de 11 de Outubro, transposição para a legislação nacional da Convenção de Bona	II		
Decreto-Lei n.º 114/90 de 5 de Abril, transposição da Convenção de Washington (CITES), Regulamento CE n.º 1332/2005 de 9 de Agosto (alteração ao Reg. CE n.º 338/97 de 9 de Dezembro)	II-A		
Factores de Ameaça	Abate directo e envenenamento iscos e carcaças; redução da disponibilidade alimentar; abandono do pastoreio extensivo; utilização de agro-químicos e pesticidas; colisão e electrocussão; incêndios florestais; pilhagem dos ninhos.		
Medidas de conservação	Programa de erradicação do uso de ilegal de venenos na actividade cinegética e no meio rural; ampliar as sanções legais para os prevaricadores; aumentar eficácia dos meios e dos esforços de fiscalização; assegurar protecção e vigilância aos dormitórios importantes da espécie; compatibilizar a gestão cinegética com a conservação de aves de rapina, em zonas de caça; regular o uso de pesticidas e adoptar técnicas de tratamento alternativas; promover a agricultura biológica; promover o estudo do impacte das linhas eléctricas de transporte de energia sobre as aves de rapina; sensibilização e educação ambiental da população rural; estabelecer ferramentas de decisão legal acerca da instalação de traçados eléctricos nas áreas importantes; prevenir de incêndios florestais.		
Observações/comentários	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.018.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Classe	MAMMALIA	Família	MUSTELIDAE
Ordem	CARNIVORA	Género	<i>Mustela</i>
Nome Científico	<i>Mustela nivalis</i>	Nome Comum	Doninha
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>É o menor carnívoro Europeu de corpo cilíndrico e membros curtos. A pelagem tem cor uniforme sendo castanha no dorso e branca no ventre. As variedades do Norte e Este da Europa ficam brancas no Inverno. Apresenta um dimorfismo sexual acentuado tendo os machos dimensões muito maiores do que as fêmeas.</p>		
Distribuição	<p>Tem uma distribuição bastante vasta. Existe na América do Norte, na maior parte da Ásia e no Norte de África. Apresenta uma distribuição generalizada na Europa, estando apenas ausente na Irlanda, Córsega e Islândia. Foi ainda introduzida na Nova Zelândia e na Austrália com a intenção de ajudar a combater as pragas de coelhos e roedores. Em Portugal é uma espécie comum e tem uma distribuição uniforme de norte a sul do país.</p>		
Habitat	<p>Vive numa grande variedade de habitats, desde pastos até florestas e zonas montanhosas desde que tenha abrigo e presas. Contudo, tem alguma preferência por campos agrícola, especialmente aqueles que se encontram separados por muros de pedras. Geralmente são animais solitários e activos tanto de dia como de noite (alternando algumas horas de actividade com algumas horas de repouso).</p>		
Alimentação	<p>É um animal muito voraz revelando-se um predador especializado em roedores, que pode capturar nas próprias tocas. Alimenta-se de pequenos mamíferos. A sua dieta consiste principalmente de mamíferos, nomeadamente roedores e alguns locais coelhos. Aves, répteis e ovos podem também ser consumidos ocasionalmente.</p>		
Reprodução	<p>As crias nascem entre Abril e Maio, podendo haver uma segunda ninhada em</p>		




FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.018.00
	Julho/Agosto se houver alimento com abundância. A gestação dura entre 34 a 37 dias e o número de crias varia entre 4 e 6 indivíduos que atingem a maturidade sexual cerca dos 3-4 meses.		
Tipo de Ocorrência	Res – Residente.		
Comportamento	Animal solitário e activo, tanto de dia como de noite. De movimentos ágeis, deslocando-se aos saltos no solo e trepando às árvores. Detêm um Com um comportamento territorial. Quando caça uma presa aproxima-se desta de forma silenciosa atacando a e imobilizando a com as patas mordendo-lhe a nuca. Uma vez que é de pequena estatura poderá perseguir as presas nas próprias tocas. Geralmente os machos caçam ao ar livre dado que são melhores caçadores, as fêmeas caçam sobretudo nas tocas de roedores. Utiliza as tocas das presas para se abrigar, forra os ninhos das suas crias com a pelagem das presas. Consegue imitar uma vasta gama de sons.		
Voo	-		
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA			
Tendência Populacional	Desconhecida.		
Estatuto de Conservação PT Continente	LC – Pouco Preocupante. Espécie Protegida.		
INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)			
Designação		Anexo	
	-		-
Factores de Ameaça	Predadores naturais (lince-ibérico, a gineta, o gato-bravo, o gato-doméstico e aves de rapina); destruição do seu habitat; pressão humana; atropelamento; caça furtiva.		
Medidas de Conservação	Campanhas de educação ambiental; recuperação e manutenção do seu habitat.		
Observações/comentários	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.019.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Classe	MAMMALIA	Família	MUSTELIDAE
Ordem	CARNIVORA	Género	<i>Mustela</i>
Nome Científico	<i>Mustela putorius</i>	Nome Comum	Toirão
Registo Fotográfico			
Identificação	De corpo alongado e cilíndrico e patas relativamente curtas. A cabeça é pequena e achatada e as suas orelhas são diminutas e arredondadas. A característica morfológica que mais facilmente permite a sua identificação é a cor da pelagem. O dorso é castanho-escuro, os flancos são claros, o ventre quase negro e a cauda é escura. Possui uma mancha branca à volta da boca e queixo e outra entre os olhos e as orelhas, que têm também a extremidade branca. Para além disto a pelagem é lisa, densa e sedosa, sendo a cauda tufada.		
Distribuição	Europa excepto na Península Balcânica, nas ilhas mediterrânicas, Irlanda e Islândia.		
Habitat	Tem preferência por zonas húmidas, explorando especialmente o interface terra/água, mas pode frequentar qualquer tipo de habitat que possua as suas presas.		
Alimentação	Pequenos roedores, aves e répteis.		
Reprodução	Os acasalamentos verificam-se entre Março e Junho, existindo alguns registos de juvenis nascidos em Maio. A gestação dura 41 a 42 dias e os partos ocorrem entre Abril e Junho. Podem nascer entre 1 e 12 crias, mas geralmente nascem entre 3 e 7. O desmame verifica-se no final do primeiro mês e tornam-se independentes aos 3 meses.		
Tipo de Ocorrência	Res – Residente.		




FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.019.00
Comportamento	É um animal solitário com comportamento claramente territorial. A sua actividade é principalmente nocturna e crepuscular, podendo deslocar-se 7.5 Km por noite. Há, no entanto, muitos registos de toirões activos durante o dia, especialmente no Outono e Inverno em climas frios. Quando possui uma fonte abundante de alimento pode ficar a descansar por longos períodos na sua toca.		
Voo	-		
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA			
Tendência Populacional	Desconhecida.		
Estatuto de Conservação PT Continente	DD – Informação Insuficiente.		
INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)			
Designação			Anexo
Convenção de Berna.			III
DL 140/99, de 24/4 com a redacção dada pelo DL 49/2005, de 24/2. Revê e transpõe a Directiva Aves (relativa à conservação das aves selvagens) e a Directiva Habitats (relativa à conservação dos habitats naturais e da flora e da fauna selvagem)			B V
Factores de Ameaça	Alteração/ destruição do habitat; atropelamentos; controlo de predadores; destruição/perturbação de indivíduos; escassez de presas naturais; hibridação.		
Medidas de Conservação	Controlo de hibridação; fiscalização da caça; manutenção do mosaico rural; protecção de indivíduos; protecção do habitat.		
Observações/comentários	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.020.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Classe	REPTILIA	Família	COLUBRIDAE
Ordem	SERPENTES	Género	<i>Natrix</i>
Nome Científico	<i>Natrix maura</i>	Nome Comum	Cobra-de-água-viperina
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>Cobra de pequenas dimensões, com o corpo relativamente fino e pouco comprido. Cabeça bem destacada do tronco e focinho aplanado. Coloração: Coloração dorsal de fundo muito variável, em geral acastanhada, amarelada ou esverdeada, O desenho dorsal consta geralmente de uma série de manchas escuras de forma e dimensões variáveis, formando frequentemente uma banda dorsal irregular em zig-zag. Por vezes existem duas bandas longitudinais claras, mais ou menos bem definidas. Na parte posterior da cabeça é frequente a presença de uma mancha escura em forma de V (com vértice anterior). Região ventral de cor esbranquiçada/amarelada a encarniçada, com manchas escuras quadrangulares. São referidos animais melânicos, encarniçados e albinos. Forma da pupila: Redonda Escamas: Duas escamas pré-oculares e duas escamas pós-oculares. Habitualmente 7 supra-labiais de cada lado com 3 a 4 contactando com o olho. Um temporal anterior e 2-3 posteriores. Rostral não interposta claramente entre as internasais, que contactam entre si através de uma ampla sutura. Frontal mais comprida que larga. Dorso revestido por escamas fortemente carenadas Dimensões: Comprimento total – cerca de 100 cm, correspondendo em geral 18 cm à cauda. Dimorfismo Sexual: As fêmeas atingem, em geral, maiores dimensões do que os machos e têm geralmente as caudas proporcionalmente mais compridas. Descrição do juvenil Os recém nascidos medem em geral entre 17 e 20 cm de comprimento total e o seu aspecto é basicamente semelhante ao do adulto.</p>		
Distribuição	Está presente em toda a Península Ibérica, Centro e Sul de França, Sudoeste da Suíça, Noroeste da Itália e Norte de África. Encontra-se amplamente distribuída em todo o território nacional		
Habitat	Encontra-se frequentemente em canais de irrigação, rios, ribeiras, charcos, barragens etc., sendo tolerante a níveis elevados de salinidade.		



FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.020.00
Alimentação	Alimenta-se sobretudo de anfíbios (adultos e larvas), pequenos peixes, insectos e gastrópodes. Só esporadicamente captura micromamíferos.		
Reprodução	A idade de Maturação é 4 a 5 anos nas fêmeas, sendo os machos mais precoces (3 anos). Podem existir dois períodos de acasalamento anuais, na Primavera entre Março e Maio e no Outono em Setembro / Outubro. O período de incubação depende da temperatura ambiental. As eclosões decorrem entre Agosto e Outubro. A postura geralmente varia entre 4 a 14 ovos, sendo os ovos depositados na proximidade da água, sob pedras, entre as raízes de arbustos ou entre restos vegetais em decomposição. Por vezes constituem núcleos numerosos, o que sugere alguma selectividade na procura dos locais de postura.		
Tipo de Ocorrência	Res – Residente.		
Comportamento	Esta espécie raramente se afasta muito da água, sendo excelente nadadora. Evita o excesso de insolação permanecendo dentro de água ou entre a vegetação das margens. De modo a favorecer a termorregulação costuma expandir-se lateralmente sobre o substrato. É totalmente inofensiva. Quando molestada exala uma secreção cloacal de odor fétido. Em posição de defesa, expande lateralmente a parte posterior da cabeça, tornando-a mais triangular e enrola-se, emitindo silvos. É este comportamento que, associado à frequente presença do desenho dorsal em "zig-zag", a faz assemelhar-se às víboras. Circadiana: Pode manifestar-se activa tanto de dia como de noite, dependendo da época do ano. Na Primavera e Outono são basicamente diurnas. No Verão têm actividade também nocturna. Sazonal: Interrompe a actividade nos meses mais frios (Novembro/Fevereiro), permanecendo em orifícios nas margens, em galerias de micromamíferos e entre as raízes das árvores.		
Voo	-		
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA			
Tendência Populacional	Desconhecida.		
Estatuto de Conservação PT Continente	LC – Pouco Preocupante.		
INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)			
Designação		Anexo	
Convenção de Berna.		III	
Factores de Ameaça	Alteração/destruição do habitat; destruição/perturbação de indivíduos.		
Medidas de Conservação	Protecção do habitat; campanhas de educação ambiental.		
Observações/comentários	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.0021.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Classe	ACTINOPTERYGII (OSTEICHTHYES) PISCES	Família	SALMONIDAE
Ordem	ISOPONDYLI (CLUPEIFORMES)	Género	<i>Oncorhynchus</i>
Espécie	<i>Oncorhynchus mykiss</i>	Nome comum	Truta-arco-íris
Registo Fotográfico			
Identificação	De cor verde azeitona, branco prateado na parte inferior do corpo, corpo muito malhado e uma faixa vermelha ao longo das laterais. Quando a truta arco-íris deixar lagos para desovar, suas cores tornam-se mais intensa. A faixa rosa que está presente nas laterais do peixe lago torna-se uma rica cor vermelha.		
Distribuição	Uma das espécies de peixe mais amplamente introduzida no mundo. Nativo do Oeste da América do Norte, do Alasca até a península de Baja. <i>Oncorhynchus mykiss</i> , foram introduzidos em inúmeros países do desporto e da aquicultura comercial.		
Habitat	Meios lênticos (doces), troços de cursos de água com dinâmica natural e semi-natural (leitões pequenos, médios e grandes), em que a qualidade da água não apresente alterações significativas.		
Alimentação	s juvenis alimentam principalmente de zooplâncton. Os adultos alimentam-se de insectos aquáticos e terrestres, moluscos, crustáceos, ovos, peixes, peixinhos e outros pequenos peixes (incluindo outros truta).		
Reprodução	A fertilização é externa, a truta fêmea escava um buraco no leito de cascalho onde deposita os ovos entre 700 a 4000 ovos. O macho fertiliza os ovos, e estes de seguida são cobertos com uma camada de cascalho.		
Tipo de Ocorrência	NInd – Não Indígena.		
Comportamento	A espécie movimenta-se ao longo do rio deslocando-se para zonas de		



FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.0021.00
	cascalho na face de reprodução.		
Voo	-		
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA			
Tendência Populacional	-		
Estatuto de conservação PT Continente	-		
INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)			
Designação			Anexo
DL 312/70 de 6 de Julho (Lei da Pesca)			-
DL 44623/62 de 10 de Outubro (Lei da Pesca)			-
DL 565/99, de 21/12 Regula a introdução de espécies não-indígenas da flora e da fauna			I e III
Lei nº 2097 de 6 de Junho de 1959			-
Factores de Ameaça	-		
Medidas de Conservação	-		
Observações/comentários	<p><i>Oncorhynchus mykiss</i> é altamente valorizado como um sportfish , com lotação regular ocorrendo em muitos locais onde as populações selvagens não podem suportar a pressão dos pescadores. Preocupações têm sido levantadas sobre os efeitos da truta introduzida em algumas áreas , e da forma como esta espécie poderá afectar os peixes e invertebrados nativos através de predação e competição.</p>		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.0022.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Classe	MAMMALIA	Família	LEPORIDAE
Ordem	LAGOMORPHA	Género	Oryctolagus
Nome Científico	<i>Oryctolagus cuniculus</i>	Nome Comum	Coelho bravo
Registo Fotográfico			
Identificação	É um pequeno herbívoro que mede entre 35 e 50 cm e pesa entre 1,2 e 2,5 Kg. Tem uma pelagem de cor acinzentada com laivos amarelo-acastanhados na nuca e nas patas, e a face anterior esbranquiçada.		
Distribuição	Europa, pelo Norte de África, Austrália, Nova Zelândia, Argentina e Chile.		
Habitat	Tem como habitat preferencial as áreas mistas, do tipo mosaico, com abrigo (matos e bosques temperados) e zonas abertas (pastagens naturais e artificiais, terrenos agrícolas).		
Alimentação	Grande variedade de produtos herbáceos, incluindo variedades hortícolas quando tenras, cereais verdes e frescos, frutos, sementes ou cascas de árvores.		
Reprodução	A taxa de reprodução máxima é verificada nos meses de Janeiro a Maio e normalmente durante os meses de Julho e Setembro não se reproduzem (devido ao clima e falta de alimento).		
Tipo de Ocorrência	Res – Residente.		
Comportamento	Sedentário vive em colónias, nunca se afastando mais de 300 m. No entanto existem dois períodos, um no final da época de reprodução os jovens machos que se dispersam e outro no princípio da época de reprodução, no qual os		




FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.0022.00
	animais se deslocam procura uma colónia nova.		
Voo	-		
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA			
Tendência Populacional	Desconhecida.		
Estatuto de Conservação PT Continente	NT – Quase Ameaçado.		
INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)			
Designação	Anexo		
	-		
Factores de Ameaça	Espécie sujeita a duas graves epizootias, mixomatose e dhv, para as quais não foram ainda descobertas vacinas ou outras formas de evitar a sua propagação; perda e degradação do habitat; prática de medidas de gestão cinegética desadequadas como a sobreexploração e o recurso a acções de repovoamento sem um eficiente controlo sanitário e genético.		
Medidas de Conservação	Só é legalmente permitido deter, criar e reproduzir em cativeiro e realizar repovoamentos com indivíduos da subespécie <i>Oryctolagus Cuniculus Algerus</i> ; assegurar a integridade desta subespécie, minimizando as possibilidades de hibridação. Realização de estudos para melhor conhecer a distribuição e efectivo populacional, recuperar os efectivos populacionais, assegurando a exploração adequada dos efectivos existentes.		
Observações/comentários	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.023.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Classe	REPTILIA	Família	LACERTIDAE
Ordem	SAURIA	Género	<i>Podarcis</i>
Nome Científico	<i>Podarcis hispanica</i>	Nome Comum	Lagartixa-ibérica
Registo Fotográfico			
Identificação	Uma lagartixa do género <i>Podarcis</i> de 5-7 cm de comprimento em média medido do focinho até ao ventre.		
Distribuição	Pode ser encontrada na Península Ibérica, no noroeste africano e em distritos costeiros em Languedoc-Roussillon, França.		
Habitat	Afloramentos rochosos e falésias interiores, Cidades, povoações e zonas industriais, Florestas, Prados mediterrânicos húmidos de herbáceas de pequeno porte.		
Alimentação	Espécie insectívora. Alimenta de presas de pequeno porte, designadamente moscas, mosquitos, centopeias, aranhas, gafanhotos, formigas e escaravelhos.		
Reprodução	O período de acasalamento inicia-se em Fevereiro, com lutas territoriais e perseguições dos machos às fêmeas. As cópulas estendem-se de Fevereiro até Abril e têm uma duração variada, desde poucos minutos até cerca de uma hora. O macho mantém a fêmea imóvel, mordendo-a no baixo-ventre ou, mais raramente, na base da cauda. As posturas ocorrem entre Abril e Julho, de forma que muitas fêmeas são capazes de realizar duas a três posturas por ano.		
Tipo de Ocorrência	Res – Residente.		
Comportamento	Espécie activa durante praticamente todo o ano. É um animal ágil, desconfiado e esquivo., com facilidade em trepar. Refugia-se em fendas, tirando partido da sua peculiar morfologia, com a cabeça e corpo achatados.		



FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.023.00
Voo	-		
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA			
Tendência Populacional	Desconhecida.		
Estatuto de Conservação PT Continente	LC – Pouco Preocupante.		
INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)			
Designação			Anexo
Convenção de Berna.			II
DL 140/99, de 24/4 com a redacção dada pelo DL 49/2005, de 24/2. Revê e transpõe a Directiva Aves (relativa à conservação das aves selvagens) e a Directiva Habitats (relativa à conservação dos habitats naturais e da flora e da fauna selvagem).			B, IV
Factores de Ameaça	Não identificados.		
Medidas de Conservação	Medidas não previstas.		
Observações/comentários	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.024.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Classe	AMPHIBIA	Família	RANIDAE
Ordem	ANURA	Género	<i>Rana</i>
Nome Científico	<i>Rana iberica</i>	Nome Comum	Rã-ibérica
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>Esbelto, pele lisa, por vezes granulosa pequenas saliências dorsais. Com dois cordões glandulares dorso-laterais, desde a parte posterior do olho até à parte posterior do corpo. Cabeça pontiaguda Olhos grandes salientes. Não tem saco vocal, nem glândulas paratóides. A articulação tíbio-társica ultrapassa o nível da extremidade do focinho quando se rebatem para diante os membros posteriores. Presença de uma mancha escura na região temporal. Pregas dorso-laterais separadas. Morfologia interna: Dentes voméricos situados após às coanas. Coloração: região dorsal variar de acastanhado claro a escuro com tons esverdeadas e cobreados salpicado manchas mais escuras. Duas bandas estreitas e escuras vindas da cabeça, atravessam os orifícios nasais chegam aos olhos. Os flancos são mais claros que o dorso e podem ter pequenas manchas negras. Sobre as patas tem quase sempre bandas escuras transversais. Patas com bandas escuras transversais. Região ventral cor esbranquiçada. Membros anteriores com 4 dedos. Membros posteriores com 5 dedos e membrana interdigital. Comprimento do corpo. Machos: 30-40 mm; Fêmeas: 40-50 mm, podendo atingir ocasionalmente os 70 mm. Machos mais pequenos com membros anteriores mais robustos e calosidades nupciais no dedo mais interno de cada mão. Soam como um rápido coc-coc-coc. Larva mede até 50 mm. Girinos de cor acastanhada esverdeada e manchas claras na cauda e no dorso com reflexos metálicos. Crista caudal bastante alta e cauda em ângulo agudo. Espiráculo do lado esquerdo e o ânus do lado direito.</p>		
Distribuição	Esta espécie pode ser encontrada no noroeste da Península ibérica e possivelmente nos Pirenéus.		



FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.024.00
Habitat	Apresenta actividade tanto diurna como nocturna. Encontra-se activa durante todo o ano, embora seja menos conspícua nos dias mais frios do Inverno e durante os meses quentes de Verão. Trata-se de uma espécie típica de zonas montanhosas e muito associada à água, ocorrendo junto a ribeiros com vegetação abundante nas margens, cujos biótopos circundantes são frequentemente construídos por bosques caducifólios ou lameiros. Pode ainda ser encontrada numa enorme variedade de habitats desde charcos e lagoas até prados húmidos e terrenos encharcados, com vegetação herbácea abundante, ocorrendo desde o nível do mar até aos 1900 m, na Serra da Estrela.		
Alimentação	A sua dieta baseia-se essencialmente em pequenos invertebrados, tais como aranhas, larvas de insectos, caracóis e escaravelhos.		
Reprodução	O período reprodutivo estende-se por norma de Novembro a Março, variando com a altitude. O acasalamento é mais frequente durante a noite, sendo o amplexo auxiliar. As posturas são reduzidas - cerca de 100-450 ovos - e variam com o tamanho da fêmea. Esta deposita os ovos em massas esféricas e compactas, na vegetação aquática ou entre pedras, em zonas de remanso de ribeiras ou no fundo lamacento de charcos. O desenvolvimento da larva dura cerca de três meses.		
Tipo de Ocorrência	Res – Residente.		
Comportamento	Espécie muito ligada à água, podendo contudo afastar-se para as margens dos cursos de água em locais de vegetação de tipo herbáceo ou arbóreo. São basicamente nocturnas, apesar de também se observarem activas durante o dia, dependendo das condições ambientais. O período de actividade varia e depende principalmente da altitude onde se localizam as populações. Em particular a altitudes elevadas, a actividade pode reduzir-se nos meses quentes, principalmente Julho e Agosto.		
Voo	-		
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA			
Tendência Populacional	Desconhecida.		
Estatuto de Conservação PT Continente	LC – Pouco Preocupante.		
INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)			
Designação			Anexo
Convenção de Berna.			II
DL 140/99, de 24/4 com a redacção dada pelo DL 49/2005, de 24/2. Revê e transpõe a Directiva Aves (relativa à conservação das aves selvagens) e a Directiva Habitats (relativa à conservação dos habitats naturais e da flora e da fauna selvagem).			B, IV
Factores de Ameaça	Alteração/destruição do habitat; destruição de locais de reprodução; destruição/perturbação de indivíduos; florestação/desflorestação; intensificação agrícola; introdução de espécies exóticas; poluição industrial; poluição pecuária; regularização de sistemas hídricos.		
Medidas de Conservação	Controlo da poluição; controlo de espécies exóticas; manutenção da agricultura tradicional; ordenamento florestal; prevenção de incêndios; protecção do habitat.		
Observações/comentários	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.025.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Classe	MAMMALIA	Família	RHINOLOPHIDAE
Ordem	CHIROPTERA	Género	<i>Rhinolophus</i>
Nome Científico	<i>Rhinolophus ferrumequinum</i>	Nome Comum	Morcego-de-ferradura-grande
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>Trata-se da maior espécie europeia pertencente a este género. As membranas alares são castanhas escuras. Nas estruturas membranosas que rodeiam o nariz, as margens da sela são fortemente côncavas, formando um ápice arredondado e o processo conectivo é redondo e salienta-se aproximadamente o mesmo que a sela. Pelagem: O seu pêlo é castanho claro, com as extremidades mais escuras no dorso. Peso e Dimensões: Comp. cabeça-corpo: 57-71 mm; Comp. Cauda: 35-43 mm; Comp. Antebraço: 54-61 mm; Envergadura: 350-400 mm; Peso: 17-34g. Dimorfismo sexual: Inexistente. Vocalizações: Sinais de frequência constante (77-83 kHz) e longa duração (30-40 ms). Longevidade: Idade máxima registada de 30 anos.</p>		
Distribuição	<p>Eurásia temperada, da Península Ibérica ao Japão e do Noroeste africano à Índia Em Portugal, é mais comum no Norte e no Centro, aparecendo apenas esporadicamente no Algarve.</p>		
Habitat	<p>Surge em zonas calcárias, onde utiliza grutas como abrigo, utilizando também minas e construções humanas, em particular durante a época de criação. Parece caçar essencialmente em zonas bem arborizadas, utilizando ocasionalmente zonas abertas próximas destas.</p>		
Alimentação	<p>A sua dieta é essencialmente constituída por grandes insectos, especialmente borboletas nocturnas e escaravelhos. Caça em voo geralmente baixo e lento, podendo planar e capturar insectos do solo.</p>		



FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.025.00
Reprodução	Regra geral, as fêmeas atingem a maturidade sexual no terceiro ou quarto ano de idade, enquanto os machos se tornam maduros a partir do segundo ano. Época de acasalamento: Outono e talvez Inverno. Época de nascimentos: Junho. Nº de crias/ninhada: Apenas uma cria por ano.		
Tipo de Ocorrência	Res – Residente.		
Comportamento	De actividade nocturna. Abandona o abrigo ao anoitecer. Hiberna no Inverno, podendo no entanto alimentar-se junto à entrada do abrigo em condições climáticas amenas. Ao longo de todo o ano, os indivíduos desta espécie formam em geral pequenas colónias pouco compactas ou mesmo dispersas. A sua dimensão é muito variável, sendo frequente encontrar grupos desde menos de 10 indivíduos até colónias com muitas dezenas de animais. Mais raramente, é possível observar grupos com algumas centenas de indivíduos. Não se abrigam, em geral, em associação próxima com outras espécies de morcegos, ainda que tal possa, por vezes, acontecer.		
Voo	-		
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA			
Tendência Populacional	Em regressão.		
Estatuto de Conservação PT Continente	VU – Vulnerável.		
INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)			
Designação		Anexo	
Decreto-Lei nº 31/95, de 18 de Agosto (aprovação do Acordo sobre a Conservação dos Morcegos na Europa).			
Decreto-Lei nº 316/89, de 22 de Setembro, transposição da Convenção de Berna.		II	
Decreto nº 103/80, de 11 de Outubro, transposição da Convenção de Bona.		II	
Decreto-Lei nº 140/99, de 24 de Abril, transposição da Directiva Habitats (92/43/CEE), de 21 de Maio de 1992.		BII, IV	
Factores de Ameaça	Alteração/Destruição do habitat; atropelamentos; destruição da vegetação ripícola; destruição de abrigos; destruição/perturbação de indivíduos; práticas agrícolas.		
Medidas de Conservação	Campanhas de Educação Ambiental; controlo da poluição; manutenção da agricultura tradicional; Protecção de abrigos / dormidas, protecção do habitat.		
Observações/comentários	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.026.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela do Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Classe	ACTINOPTERYGII (OSTEICHTHYES)	Família	SALMONIDAE
Ordem	ISOPONDYLI (CLUPEIFORMES)	Género	<i>Salmo</i>
Espécie	<i>Salmo trutta fario</i>	Nome comum	Truta
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>Cabeça e olhos grandes. Mandíbulas com dentes agudos e fortes. Coloração muito variável com a idade e o habitat. Geralmente dorso castanho e cinzento esverdeado, flancos esverdeados ou amarelos e ventre esbranquiçado ou amarelado. Corpo salpicado de manchas negras e vermelhas. Barbatana adiposa alaranjada na extremidade. Adultos podem atingir 40cm. Maturidade sexual 2 a 3anos. Longevidade máxima 6-7anos.</p>		
Distribuição	<p>Espécie indígena da Europa. Em Portugal encontra-se nos rios do Norte e Centro e, mais a Sul, no troço superior do rio Zêzere e no rio Sever.</p>		
Habitat	<p>Peixe sedentário com habitat bem definido (territorial), prefere as correntes rápidas de montanha, águas bem oxigenadas (>9 mg O₂/l), límpidas e frescas (< 20 °C). Espécie muito sensível à poluição e elevação da temperatura.</p>		
Alimentação	<p>Espécie muito voraz, alimenta-se principalmente de invertebrados, larvas de insectos aquáticos, pequenos peixes e insectos de origem terrestre que caem à água.</p>		
Reprodução	<p>Desova entre Novembro e Fevereiro, fundos pedregosos, em águas pouco profundas, frias e bem. Oxigenadas. Migra para montante em busca de zonas de postura. Deposita os ovos em cavidades feitas pela fêmea no leito dos rios. Depois de fertilizados, a fêmea cobre os ovos com areia e cascalho.</p>		




FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.026.00
Tipo de Ocorrência	Res – Residente.		
Comportamento	-		
Voo	-		
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA			
Tendência Populacional	Em regressão.		
Estatuto de conservação PT Continente	LC – Pouco Preocupante.		
INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)			
Designação			Anexo
DL 312/70 de 6 de Julho (Lei da Pesca)			-
DL 383/98, de 27 de Novembro			-
DL 44623/62 de 10 de Outubro (Lei da Pesca)			-
DR 7/2000, de 30 de Maio			-
Lei nº 2097 de 6 de Junho de 1959			-
Portaria 27/2001, de 15 de Janeiro			-
Factores de Ameaça	Alteração/destruição do habitat, aproveitamentos hidroeléctricos; destruição de locais de reprodução; destruição/perturbação de indivíduos; isolamento geográfico; pesca; poluição; regularização de sistemas hídricos.		
Medidas de conservação	Fiscalização da pesca; fiscalização da poluição; ordenamento piscícola, passagens para a fauna; protecção de locais de reprodução; protecção do habitat; recuperação dos habitats.		
Observações/comentários	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.027.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Classe	AVES	Família	Strigidae
Ordem	STRIGIFORMES	Género	<i>Strix</i>
Nome Científico	<i>Strix aluco</i>	Nome Comum	Coruja-do-mato
Registo Fotográfico			
Identificação	Forma compacta, asas largas e arredondadas, cabeça grande e olhos pretos. A coloração da sua plumagem em tons de castanhos, entre o castanho acinzentado e o castanho arruivado.		
Distribuição	Encontrada na Europa, África e Ásia.		
Habitat	Bosques e florestas, terrenos agrícolas com árvores (carvalhos antigos). Pode também ser encontrada em jardins e cidades.		
Alimentação	Captura uma grande variedade de presas sobretudo pequenos roedores, aves, répteis e insectos.		
Reprodução	Nidifica em cavidades de árvores, de muros e rochas ou, por vezes, num velho ninho de esquilo ou de gralha. A fêmea deposita 2 ou 4 ovos entre Fevereiro e Abril. Alimentada pelo macho incuba-os num período de cerca de 28 a 30 dias. As crias abandonam o ninho ao fim de 5 ou 6 semanas		
Tipo de Ocorrência	Res – Residente, nidificante.		
Comportamento	Nocturna, muito sensível à luz com a qual pode ficar totalmente encandeada. Torna-se agressiva se for incomodada durante o período de reprodução. Caçador eficaz sobretudo na escuridão total. Detecta a presa no solo a partir de um poiso.		



FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.027.00
Voo	Plano e directo.		
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA			
Tendência Populacional	Desconhecida.		
Estatuto de Conservação PT Continente	LC - Pouco Preocupante. Espécie Protegida.		
INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)			
Designação			Anexo
Convenção de Berna.			II
Convenção de Washington (CITES).			II A
Factores de Ameaça	Intensificação da agricultura; demolição e reconversão de edifícios antigos; utilização de produtos químicos; utilização de iscos com veneno (rodenticidas) para eliminar roedores prejudiciais à agricultura; colisão com viaturas.		
Medidas de Conservação	Criação de locais adequados para a nidificação; eliminar a utilização de produtos químicos e de iscos com veneno para a eliminação de roedores.		
Observações/comentários	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.028.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Classe	MAMMALIA	Família	SUIDAE
Ordem	ARTIODACTYLA	Género	Sus
Nome Científico	<i>Sus scrofa</i>	Nome Comum	Javali
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>Semelhante ao porco doméstico (que evoluiu a partir do javali), esta espécie pode chegar aos 167 cm de comprimento nos exemplares machos ou 146 cm nas fêmeas. O peso médio é de aproximadamente 130 Kg, tendo sido detectados alguns indivíduos com cerca de 230 Kg na Alemanha. O seu corpo exibe uma forma arredondada e patas curtas mas fortes, conferindo-lhe um aspecto de grande robustez física. A coloração do pêlo é escura e ostentam os dentes caninos da mandíbula inferior muito desenvolvidos. Estes são denominados Defesas e nos machos são projectados para fora e voltados para cima.</p>		
Distribuição	<p>Encontra-se amplamente distribuído por toda a Europa Central e Ocidental. Sendo comum em vastas áreas do território continental nacional, é globalmente mais abundante ao longo da fronteira e a Sul do rio Tejo. Em Portugal, o aumento significativo, quer do número de exemplares abatidos na actividade cinegética, bem como da maior área de distribuição onde são caçados, permite inferir que o seu efectivo populacional está em crescendo.</p>		
Habitat	<p>Distribui-se por vários tipos de habitat, desde bosques de folha caduca e perene a zonas de matagal e áreas agrícolas. Encontra-se com frequência em bosques de folhosas e em áreas agrícolas que apresentam zonas onde se podem abrigar. Frequentemente os indivíduos desta espécie refugiam-se em cavidades pouco profundas e no interior de manchas de vegetação densa.</p>		
Alimentação	<p>Animal omnívoro, alimentando-se de frutos, tubérculos, raízes, cereais, invertebrados e pequenos mamíferos.</p>		



FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.028.00
Reprodução	A época de reprodução é alargada, de Novembro a Janeiro, ocorrendo os nascimentos entre Fevereiro e Abril, após 110 dias de gestação. Normalmente cada fêmea tem 1 ninhada com 2 a 7 crias, por ano, embora possam ocorrer 2 ninhadas, quando a primeira não sobrevive. O desmame ocorre quando as crias atingem 3-4 meses. Atingem a maturidade sexual com 8 a 10 meses de idade, embora os machos mais jovens estejam impedidos de acasalar pelos machos dominantes mais velhos.		
Tipo de Ocorrência	Res – Residente.		
Comportamento	Actividade crepuscular e nocturna. Reúnem-se grupos de fêmeas com crias e juvenis de ambos os sexos (as varas), grupos de machos sub-adultos e machos adultos solitários. Os machos solitários apenas se aproximam dos grupos de fêmeas na época da reprodução. Quando se sente ameaçado emitem grunhidos e range os dentes.		
Voo	-		
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA			
Tendência Populacional	Desconhecida.		
Estatuto de Conservação PT Continente	Pouco Preocupante. Não ameaçada.		
INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)			
Designação			Anexo
	-		-
Factores de Ameaça	Construção de vias rodoviárias; desflorestação e a perseguição, através da caça furtiva ou do envenenamento accidental ou propositado.		
Medidas de Conservação	Alteração/ adaptação do traçado rodoviário; fiscalização da caça furtiva e eventuais mortes por envenenamento.		
Observações/comentários	Sendo um animal em que o período activo é principalmente nocturno, será durante esta altura que se torna mais fácil a sua observação.		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.029.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Classe	MAMMALIA	Família	TALPIDAE
Ordem	SORICOMORPHA	Género	<i>Talpa</i>
Nome Científico	<i>Talpa occidentalis</i>	Nome Comum	Toupeira
Registo Fotográfico			
Identificação	A sua pelagem é de cor escura preta ou cinza escura, detêm patas fortes adaptadas para escavar, cauda muito curta, focinho longo, com atrofia dos olhos, os quais se encontram cobertos por pele.		
Distribuição	É um endemismo ibérico. Comum no nosso país, apresenta uma distribuição generalizada de Norte a Sul. Em Espanha é igualmente comum, encontrando-se ausente no quadrante Nordeste e na província de Navarra. A distribuição do género <i>Talpa</i> é, no entanto, muito mais vasta, indo desde a Península Ibérica até ao Japão. As toupeiras são assim animais com grande sucesso, que sofreram um alargado processo de especulação. Não estando ainda clarificada toda a sistemática do género, é possível distinguir: <i>T. europaea</i> , com uma larga distribuição europeia; <i>T. romana</i> , no sul de Itália; <i>T. stankovici</i> , no sul da Jugoslávia e na Grécia e <i>T. caeca</i> , no norte de Itália e Costa Adriática. Provavelmente na Herzegovina (<i>T. hercegovinensis</i>) e no Japão (<i>T. nizura</i>) estaremos também na presença de duas espécies distintas.		
Habitat	Frequente em jardins, terrenos agrícolas, pastagens e zonas de floresta, que possuam características propícias para a sua actividade escavadora.		
Alimentação	Insectos, principalmente larvas de insectos e anelídeos, que encontra quando escava as galerias. É uma espécie comum em pastos, zonas agrícolas, jardins e terrenos arenosos. Habita igualmente áreas florestais (e.g. carvalhais e pinhais), desde que o solo seja fresco e profundo, de modo a permitir a construção de túneis subterrâneos.		



FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.029.00
Reprodução	Sexualmente activa de Setembro a Maio, ocorrendo os nascimentos de Maio a Junho, após um período de gestação de cerca de 4 semanas. Cada fêmea pode ter até 2 ninhadas por ano, constituídas por 2 a 7 indivíduos. Atingem a maturidade sexual com 1 ano de idade. Durante a época de reprodução, os machos abandonam os territórios e escavam extensas áreas à procura das fêmeas.		
Tipo de Ocorrência	Res – Residente.		
Comportamento	Têm actividade diurna e nocturna, passando a maior parte do tempo debaixo do solo, onde escava, inúmeros túneis. Os túneis são utilizados como forma de fuga e de ventilação, existem também dentro deles espaços onde podem descansar e armazenar a alimentação. Emitem guinchos agudos para se defenderem. Dado que a sua visão é fraca utiliza o tacto para se orientar, servindo-se de receptores existentes no focinho.		
Voo	-		
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA			
Tendência Populacional	Desconhecida.		
Estatuto de Conservação PT Continente	LC – Pouco Preocupante.		
INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)			
Designação		Anexo	
-		-	
Factores de Ameaça	Predadores naturais; o Homem.		
Medidas de Conservação	Campanhas de educação ambiental.		
Observações/comentários	A acção das toupeiras é benéfica por se alimentar de vários insectos prejudiciais às plantas.		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.030.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Classe	AVES	Família	TYTONIDAE
Ordem	STRIGIFORMES	Género	<i>Tyto</i>
Nome Científico	<i>Tyto alba</i>	Nome Comum	Coruja-das-torres
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>Ave de rapina nocturna. Plumagem branca no peito e parte inferior das asas, castanha no dorso e parte superior das asas. Ouvidos são assimétricos para detecção exacta da proveniência dos sons. Peso e dimensões: asa-279 a 300 mm; cauda-109 a 124 mm; bico-30 a 33 mm; tarso-54 a 60 mm; peso-240 a 360 g. Os machos apresentam menos manchas escuras na plumagem do peito e parte inferior das asas. Vocalizações: sons pouco melódicos, estridentes, lembrando ressonos ou sopros. Longevidade: máximo conhecido de 21 anos e 4 meses em estado selvagem.</p>		
Distribuição	<p>Cosmopolita, bem distribuída no continente europeu, onde apenas se encontra ausente no extremo norte, nos Pirenéus e nos Alpes. Os movimentos de maior extensão nas populações do Norte da Europa, levando algumas aves a invernar na Península Ibérica. Em Portugal ocorre por todo o país, sendo aparentemente mais comum no centro e sul.</p>		
Habitat	<p>Associada a biótopos abertos (pastagens e terrenos agrícolas) ou semi-abertos (montados pouco densos). Nas zonas agrícolas ou em áreas reforestadas em zonas de pastagens, situadas ao longo das margens de valas de drenagem, rios e sebes. Em áreas mais agricultadas, restolhos de milho e girassol durante o Outono e Inverno. Nidifica em quintas, montes, moinhos, celeiros, ruínas e igrejas, grandes povoações, cavidades nas árvores, fendas nas rochas e pedreiras, telhados, buracos nas paredes e túneis, fardos de feno. Evita florestas, particularmente resinosas.</p>		




FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.030.00
Alimentação	Alimenta-se sobretudo de pequenos mamíferos, particularmente Muridae, Microtinae e Soricidae e também pequenos pássaros, répteis, anfíbios, peixes e insectos. Existem ocorrências de canibalismo entre irmãos. Espécie essencialmente nocturna, procura alimento quase sempre 1 a 2 horas antes do nascer do sol e depois do anoitecer.		
Reprodução	Ave solitária e territorial. Tamanho do território varia consoante a disponibilidade de alimento. Maioria das aves nidifica com 1 ou 2 ano de idade. Espécie monogâmica, podendo ocasionalmente haver bigamia. A relação parece ser permanente e persiste normalmente durante todo o ano. Em Portugal, a maior parte das posturas tem início em Abril, eclodindo os ovos no início do mês de Maio; os juvenis empreendem os primeiros voos durante a segunda quinzena de Junho; não é rara a ocorrência de segundas posturas; ocasionalmente, um casal pode chegar a efectuar três posturas. Incubação: 29 a 34 dias.		
Tipo de Ocorrência	Res – Residente, invernante.		
Comportamento	Estudos efectuados em Portugal referem que a espécie se alimenta sobretudo de roedores, podendo as espécies do género Mus assumir particular importância; os mamíferos insectívoros são igualmente presas frequentes, verificando-se também a ocorrência de insectos, aracnídeos, passeriformes e anfíbios na composição da dieta desta ave de rapina nocturna.		
Voo	Extremamente silencioso.		
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA			
Tendência Populacional	Desconhecida.		
Estatuto de Conservação PT Continente	LC – Pouco Preocupante.		
INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)			
Designação			Anexo
Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril, Transposição da Directiva Aves 79/409/CEE de 2 de Abril de 1979, com a redacção dada pelo Decreto-Lei nº 49/2005 de 24 de Fevereiro.			-
Decreto-Lei nº 316/89 de 22 de Setembro, transposição para a legislação nacional da Convenção de Berna.			II
Decreto-Lei n.º 114/90 de 5 de Abril, transposição da Convenção de Washington (CITES), Regulamento CE nº 1332/2005 de 9 de Agosto (alteração ao Reg. CE nº 338/97 de 9 de Dezembro).			II-A
Factores de Ameaça	Demolição e reconversão de edifícios antigos e aumento da ocupação humana; aumento da utilização de agro-químicos, crescente mecanização na agricultura; abate ilegal e a pilhagem de ninhos; colisão com viaturas; uso de iscos envenenados para eliminar espécies prejudiciais à agricultura.		
Medidas de Conservação	Promover os sistemas agrícolas extensivos; diminuir actos de pilhagem de ninhos/juvenis através da vigilância activa no período de nidificação; acções de esclarecimento sobre a espécie junto do público em geral; fiscalizar as actividades cinegéticas; implementar normas de gestão cinegética nas áreas de habitat destas espécies em ac's (áreas de caça); prevenir a mortalidade por colisão nas estradas através da implementação de medidas minimizadoras; restringir o uso de pesticidas; monitorização de parâmetros populacionais.		
Observações/comentários	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.031.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Classe	AVES	Família	UPUPIDAE
Ordem	CORACIIFORMES	Género	Upupa
Nome Científico	<i>Upupa epops</i>	Nome Comum	Poupa
Registo Fotográfico			
Identificação	Ave de bico comprido e arqueado, com uma crista eréctil.. Plumagem de cor castanha clara alaranjada, de asas largas e arredondadas de listras pretas e brancas, cauda preta, com uma barra branca larga. Bico longo recurvado e patas acinzentadas e curtas.		
Distribuição	Península Ibérica Itália, Sul de África.		
Habitat	Zonas agrícolas, pastagens com pequenas matas e arbustos.		
Alimentação	Insectos e suas larvas, minhocas e outros anelídeos terrestres, pequenos anfíbios e pequenas cobras.		
Reprodução	Cada postura contém 2 a 6 ovos de cor azul-esverdeada. Os juvenis chocam ao fim de cerca de 17 dias de incubação, da responsabilidade exclusiva da fêmea, e permanecem no ninho durante cerca de um mês, recebendo os cuidados parentais de ambos os progenitores. A principal característica dos ninhos das poupas, construídos em cavidades de árvore, é talvez o seu cheiro fétido, extremamente desagradável (defesa contra predadores).		
Tipo de Ocorrência	Res – Residente. Mig – Migrador.		
Comportamento	Possui actividade noturna, no entanto em dias húmidos e chuvosos apresenta alguma actividade diurna, caminhando lentamente dando saltos pequenos. Durante o Inverno a sua actividade diminui, preferindo esconder-se nos seus refúgios ou enterrarem-se.		



FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.031.00
Voo	Voa frequentemente a baixa altitude, rente ao solo. Voo com ondulações curtas e batimentos irregulares, levantado previamente a poupa quando aterra.		
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA			
Tendência Populacional	-		
Estatuto de Conservação PT Continente	LC – Pouco Preocupante.		
INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)			
Designação			Anexo
Convenção de Berna.			II
Factores de Ameaça	-		
Medidas de Conservação	-		
Observações/comentários	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.032.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Classe	MAMMALIA	Família	CANIDAE
Ordem	CARNIVORA	Género	<i>Vulpes</i>
Nome Científico	<i>Vulpes vulpes</i>	Nome Comum	Raposa
Registo Fotográfico			
Identificação	Cor geralmente castanho-avermelhada podendo variar até cor-de-areia. A cauda é comprida e espessa. Na época de reprodução, as fêmeas ganham tons rosados no pêlo da zona ventral. A muda, na Primavera, é notória, dando-lhes um aspecto malhado.		
Distribuição	Europa, Ásia, América do Norte, algumas regiões do Norte de África e do Médio Oriente e parte da Austrália.		
Habitat	Matagais em mosaico, florestas e campos agrícolas.		
Alimentação	A raposa é sobretudo nocturna e crepuscular, altura em que procura as presas de que se alimenta. Por possuir uma dieta oportunista, isto é, procura uma grande variedade de presas escolhendo normalmente as mais abundantes, pode consumir desde pequenos roedores até lagomorfos (coelhos e lebres), aves, insectos (principalmente escaravelhos), frutos, etc. Pode escavar tocas para se abrigar ou aproveitar as tocas feitas por coelhos e texugos mas, fora da época de reprodução, o dia é geralmente passado em abrigos à superfície (debaixo de silvados, montes de pedras ou madeira, etc.). Raposa é um mamífero carnívoro. Pontualmente, e se a oportunidade surgir, torna-se necrófago. Os ovos também fazem as delícias das raposas, que procuram		



FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.032.00
	<p>ninhos de aves silvestres no solo para comê-los. Comem fundamentalmente pequenos roedores, coelhos e aves, como a perdiz. Nas zonas onde existe criação de capoeira, podem muitas vezes introduzir-se dentro das mesmas para aí caçarem as suas presas, criando dificuldades de vizinhança com os humanos por esse motivo.</p>		
Reprodução	<p>Os acasalamentos ocorrem entre Dezembro e Fevereiro, sendo a gestação de 52-53 dias. Os juvenis nascem entre Março e Maio, possuindo nesta altura uma pelagem castanho-escura que só ao fim de cerca de 6 meses se torna idêntica à coloração dos adultos. Ambos os progenitores cuidam das crias mesmo após o desmame. Estas só se tornam completamente independentes no Outono seguinte ao nascimento.</p>		
Tipo de Ocorrência	Res – Residente.		
Comportamento	<p>Tem, sobretudo, actividade nocturna e crepuscular, mas pode ser diurna em locais isolados. A densidade populacional média é de 1 família por Km² de área agrícola. Vive em grupos constituídos por um macho adulto e várias fêmeas. Efectuam marcações odoríferas com urinas e excrementos deixados em locais muito visitados.</p>		
Voo	-		
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA			
Tendência Populacional	Desconhecida.		
Estatuto de Conservação PT Continente	LC – Pouco Preocupante.		
INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)			
Designação			Anexo
	-		-
Factores de Ameaça	Caça; utilização de iscos com veneno (rodenticidas) para eliminar roedores prejudiciais à agricultura.		
Medidas de Conservação	Fiscalização das actividades de caça; eliminar a utilização de iscos com veneno (rodenticidas) para eliminar roedores prejudiciais à agricultura.		
Observações/comentários	-		

APOIO À VISITAÇÃO DO SÍTIO SERRA DA ESTRELA NO
CONCELHO DE MANTEIGAS

ROTA DO CORREDOR DE MOUROS

INVENTARIAÇÃO, DIAGNÓSTICO E REFERENCIAÇÃO
CARTOGRÁFICA DE ELEMENTOS ECOLÓGICOS
SIGNIFICATIVOS E DE PONTOS DE INTERESSE PAISAGÍSTICO
RELEVANTE NO CONCELHO DE MANTEIGAS

FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS

CÂMARA MUNICIPAL DE MANTEIGAS




Código	Nome Científico	Nome Comum
001.00	<i>Agrostis truncatula</i>	Erva-feno
002.00	<i>Alnus glutinosa</i>	Amieiro-comum
003.00	<i>Betula celtiberica</i>	Vidoeiro
004.00	<i>Cistus psilosepalus</i>	Sanganho
005.00	<i>Cytisus multiflorus</i>	Giesta-branca
006.00	<i>Cytisus scoparius</i>	Giesta
007.00	<i>Cytisus striatus</i>	Giesta-amarela
008.00	<i>Erica arborea</i>	Urze
009.00	<i>Erica umbellata</i>	Torga
010.00	<i>Fraxinus angustifolia</i>	Freixo
011.00	<i>Genista florida</i>	Giesta-pioneira
012.00	<i>Halimium alyssoides</i>	Sargaço
013.00	<i>Halimium ocymoides</i>	Sargaço-branco
014.00	<i>Lavandula angustifolia</i>	Alfazema
015.00	<i>Lavandula stoechas</i>	Rosmaninho
016.00	<i>Mentha suaveolens</i>	Hortelã-brava
017.00	<i>Pinus pinaster</i>	Pinheiro-bravo
018.00	<i>Pseudotsuga menziesii</i>	Pinheiro-do-oregon
019.00	<i>Pteridium aquilinum</i>	Feto
020.00	<i>Pterospartum tridentatum</i>	Carqueja
021.00	<i>Quercus pyrenaica</i>	Carvalho-negral
022.00	<i>Quercus robur</i>	Carvalho-robe
023.00	<i>Rosmarinus officinalis</i>	Alecrim
024.00	<i>Rubus ulmifolius</i>	Silvas
025.00	<i>Salix atrocinerea</i>	Salgueiro
026.00	<i>Salix salvifolia</i>	Salgueiro-branco
027.00	<i>Secale cereale</i>	Centeio



ÍNDICE DAS FICHAS DE ECOLOGIA		FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS	Rota do Corredor de Mouros
Código	Nome Científico	Nome Comum	
028.00	<i>Thymus mastichina</i>	Tomilho	
029.00	<i>Urtica dioica</i>	Urtiga	



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.001.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Coordenadas	007°29'13,76" W 40°27'17,77" N
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Divisão	Spermatophyta	Subespécie	commista Castrov. et Charpin
Classe	Liliatae (Monocotyledoneae)	Subdivisão	Magnoliophytina (Angiospermae)
Ordem	Poales	Subclasse	Commelinidae
Espécie	Agrostis truncatula	Família	Gramineae (Poaceae)
Tipo Fisionómico	Hemicriptófito		
Nome Científico	<i>Agrostis truncatula</i>	Nome Comum	Erva-feno
Registo Fotográfico			
Distribuição	Norte e Nordeste da Península Ibérica.		
Habitat	Terrenos incultos.		
Estatuto de Protecção	-		
Raridade em Portugal	Comum.		
Floração	Junho – Agosto.		
Observações/comentários	-		



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.002.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Coordenadas	007°30'54,78" W 40°26'31,82" N
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Divisão	Spermatophyta	Subespécie	-
Classe	Magnoliopsida	Subdivisão	Magnoliophytina (Angiospermae)
Ordem	Betulales	Subclasse	Hamamelididae
Espécie	<i>Alnus glutinosa</i>	Família	Betulaceae
Tipo Fisionómico	Mesofanerófito		
Nome Científico	<i>Alnus glutinosa</i>	Nome Comum	Amieiro-comum
Registo Fotográfico			
Distribuição	Grande parte Europa, Ásia e Noroeste África.		
Habitat	Ripícola.		
Estatuto de Protecção	-		
Raridade em Portugal	Comum.		
Floração	Fevereiro – Março.		
Observações/comentários	O Amieiro-comum tem uma capacidade muito boa para manter as margens dos rios limpas. O seu sistema de raízes cria uma verdadeira malha, estabilizando até 6 metros de margem. As suas raízes têm a particularidade de fixar o azoto que o solo contém. Nas bordas de parcela agrícola, o amieiro comum limita a lavagem dos nitratos para as águas dos rios.		



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.003.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Coordenadas	007�30'18,79" W 40�26'27,91" N
CARACTERIZA�O GERAL			
Divisão	Spermatophyta	Subespécie	-
Classe	Magnoliopsida	Subdivisão	Magnoliophytina (Angiospermae)
Ordem	Betulales	Subclasse	Hamamelididae
Espécie	<i>Betula alba</i>	F�milia	Betulaceae
Tipo Fision�mico	Mesofaner�fita		
Nome Científico	<i>Betula celtiberica</i>	Nome Comum	Vidoeiro
Registo Fotográfico			
Distribui�o	Europa e Centro e Sul da Ásia.		
Habitat	Rup�cola e matos.		
Estatuto de Protec�o	-		
Raridade em Portugal	Rara.		
Flora�o	Abril – Maio.		
Observa�es/comentários	-		



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.004.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Coordenadas	007°30'24,96" W 40°25'35,76" N
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Divisão	Spermatophyta	Subespécie	-
Classe	Magnoliopsida	Subdivisão	Magnoliophytina (Angiospermae)
Ordem	Malvales	Subclasse	Malvidae
Espécie	<i>Cistus psilosepalus</i>	Família	Cistaceae
Tipo Fisionómico	Nanofanerófito		
Nome Científico	<i>Cistus psilosepalus</i>	Nome Comum	Sanganho
Registo Fotográfico			
Distribuição	Oeste da Península Ibérica.		
Habitat	Frequente em urzaus, suporta bem a sombra e ambientes ruderalizados (margens de caminhos, proximidade de muros).		
Estatuto de Protecção	-		
Raridade em Portugal	Comum.		
Floração	Maio – Julho.		
Observações/comentários	-		



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.005.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Coordenadas	007°30'33,68" W 40°24'52,08" N
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Divisão	Spermatophyta	Subespécie	-
Classe	Magnoliopsida	Subdivisão	Magnoliophytina (Angiospermae)
Ordem	Fabales	Subclasse	Rosidae
Espécie	<i>Cytisus multiflorus</i>	Família	Leguminosae (Fabaceae)
Tipo Fisionómico	Nanofanerófito		
Nome Científico	<i>Cytisus multiflorus</i>	Nome Comum	Giesta-branca
Registo Fotográfico			
Distribuição	Península Ibérica, introduzida no Norte América, Austrália e Oeste Europa.		
Habitat	Matos, matagais e rupícola.		
Estatuto de Protecção	-		
Raridade em Portugal	Comum.		
Floração	Abril – Junho.		
Observações/comentários	-		



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.006.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Coordenadas	007°30'33,68" W 40°24'52,08" N
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Divisão	Spermatophyta	Subespécie	-
Classe	Magnoliopsida	Subdivisão	Magnoliophytina (Angiospermae)
Ordem	Fabales	Subclasse	Rosidae
Espécie	<i>Cytisus scoparius</i>	Família	Leguminosae (Fabaceae)
Tipo Fisionómico	Nanofanerófito		
Nome Científico	<i>Cytisus scoparius</i>	Nome Comum	Giesta
Registo Fotográfico			
Distribuição	Oeste e Centro da Europa, Cáucaso, Anatólia, Próximo Oriente e Noroeste África; introduzida na Macaronésia (Madeira), América do Norte, Sudeste da Austrália e Nova Zelândia.		
Habitat	Matos, matagais e ripícola.		
Estatuto de Protecção	-		
Raridade em Portugal	Comum.		
Floração	Abril – Junho.		
Observações/comentários	-		



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.007.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Coordenadas	007�30'33,68" W 40�24'52,08" N
CARACTERIZA�O GERAL			
Divisão	Spermatophyta	Subespécie	-
Classe	Magnoliopsida	Subdivisão	Magnoliophytina (Angiospermae)
Ordem	Fabales	Subclasse	Rosidae
Espécie	<i>Cytisus striatus</i>	Família	Leguminosae (Fabaceae)
Tipo Fision�mico	Nanofaner�fita		
Nome Científico	<i>Cytisus striatus</i>	Nome Comum	Giesta-amarela
Registo Fotográfico			
Distribui�o	Oeste da Península Ibérica e Nordeste de Marrocos; introduzida no Oeste da Europa e Norte da América.		
Habitat	Matos, matagais e rupícola.		
Estatuto de Protec�o	-		
Raridade em Portugal	Comum.		
Flora�o	Abril – Junho.		
Observa�es/comentários	-		



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.008.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	<i>Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>		
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Coordenadas	007°29'40,72" W 40°26'21,13" N
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Divisão	Spermatophyta	Subespécie	-
Classe	Magnoliopsida	Subdivisão	Magnoliophytina (Angiospermae)
Ordem	Ericales	Subclasse	Asteridae
Espécie	<i>Erica arborea</i>	Família	Ericaceae
Tipo Fisionómico	Nanofanerófito		
Nome Científico	<i>Erica arborea</i>	Nome Comum	Urze
Registo Fotográfico			
Distribuição	Região Mediterrânica, Macaronésia, Norte e Este da África.		
Habitat	Matos, matagais e ripícola.		
Estatuto de Protecção	-		
Raridade em Portugal	Comum.		
Floração	Fevereiro – Agosto.		
Observações/comentários	-		



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.009.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	<i>Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>		
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Coordenadas	007°28'38,33" W 40°26'39,22" N
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Divisão	Spermatophyta	Subespécie	-
Classe	Magnoliopsida	Subdivisão	Magnoliophytina (Angiospermae)
Ordem	Ericales	Subclasse	Asteridae
Espécie	<i>Erica umbellata</i>	Família	Ericaceae
Tipo Fisionómico	Nanofanerófito		
Nome Científico	<i>Erica umbellata</i>	Nome Comum	Torga
Registo Fotográfico			
Distribuição	Península Ibérica e Noroeste de África.		
Habitat	Matos e matagais.		
Estatuto de Protecção	-		
Raridade em Portugal	Comum.		
Floração	Março – Agosto.		
Observações/comentários	-		



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.010.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Coordenadas	007�30'54,78" W 40�26'31,82" N
CARACTERIZA�O GERAL			
Divisão	Spermatophyta	Subespécie	Angustifolia
Classe	Magnoliopsida	Subdivisão	Magnoliophytina (Angiospermae)
Ordem	Lamiales	Subclasse	Lamiidae
Espécie	<i>Fraxinus angustifolia</i>	Família	Oleaceae
Tipo Fision�mico	Mesofaner�fita		
Nome Científico	<i>Fraxinus angustifolia</i>	Nome Comum	Freixo
Registo Fotográfico			
Distribui�o	A Sul e Centro Este da Europa, Noroeste de África e Próximo Oriente.		
Habitat	Matos e áreas ripícolas.		
Estatuto de Protec�o	-		
Raridade em Portugal	Comum.		
Flora�o	Fevereiro – Março.		
Observa�es/comentários	-		




FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.011.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Coordenadas	007°30'33,68" W 40°24'52,08" N
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Divisão	Spermatophyta	Subespécie	Magnoliophytina (Angiospermae)
Classe	Magnoliopsida	Subdivisão	Rosidae
Ordem	Fabales	Subclasse	Leguminosae (Fabaceae)
Espécie	<i>Genista florida</i>	Família	Leguminosae (Fabaceae)
Tipo Fisionómico	Nanofanerófito		
Nome Científico	<i>Genista florida</i>	Nome Comum	Giesta-pioneira
Registo Fotográfico			
Distribuição	Península Ibérica e Norte de Marrocos.		
Habitat	Matos.		
Estatuto de Protecção	-		
Raridade em Portugal	Comum.		
Floração	Junho – Julho.		
Observações/comentários	Semelhante as giestas do tipo <i>Cystisus</i> muito utilizada na cama de animais e na compostagem de estrumes.		



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.012.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Coordenadas	007°29'40,72" W 40°26'21,13" N
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Divisão	Spermatophyta	Subespécie	-
Classe	Magnoliopsida	Subdivisão	Magnoliophytina (Angiospermae)
Ordem	Malvales	Subclasse	Malvidae
Espécie	<i>Halimium lasianthum</i>	Família	Cistaceae
Tipo Fisionómico	Nanofanerófito		
Nome Científico	Halimium alyssoides	Nome Comum	Sargaço
Registo Fotográfico			
Distribuição	Noroeste da Península Ibérica e Sudoeste da França.		
Habitat	Matos, matagais e terrenos incultos.		
Estatuto de Protecção	-		
Raridade em Portugal	Comum.		
Floração	Abril – Maio.		
Observações/comentários	-		




FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.013.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	<i>Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>		
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Coordenadas	007°28'38,33" W 40°26'39,22" N
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Divisão	Spermatophyta	Subespécie	-
Classe	Magnoliopsida	Subdivisão	Magnoliophytina (Angiospermae)
Ordem	Malvales	Subclasse	Malvidae
Espécie	<i>Halimium ocymoides</i>	Família	Cistaceae
Tipo Fisionómico	Nanofanerófito		
Nome Científico	<i>Halimium ocymoides</i>	Nome Comum	Sargaço-branco
Registo Fotográfico			
Distribuição	Península Ibérica e Norte de Marrocos.		
Habitat	Matos e matagais.		
Estatuto de Protecção	-		
Raridade em Portugal	Comum.		
Floração	Maio – Julho.		
Observações/comentários	-		



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS		N.014.00	
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Coordenadas	007�30'33,68" W 40�24'52,08" N
CARACTERIZA�O GERAL			
Divisão	Spermatophyta	Subespécie	-
Classe	Magnoliopsida	Subdivisão	Magnoliophytina (Angiospermae)
Ordem	Lamiales	Subclasse	Lamiidae
Espécie	<i>Lavandula angustifolia</i>	Família	Labiatae (Lamiaceae)
Tipo Fision�mico	Nanofaner�fite		
Nome Científico	<i>Lavandula angustifolia</i>	Nome Comum	Alfazema
Registo Fotográfico			
Distribui�o	Sudoeste da Europa (Pirinéus: Nordeste da Espanha, Norte da Itália e Sul da França).		
Habitat	Ornamental.		
Estatuto de Protec�o	-		
Raridade em Portugal	Comum.		
Flora�o	Junho – Agosto.		
Observa�es/comentários	Cultivada pelo óleo (essencialmente cosmética).		



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.015.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Coordenadas	007°30'33,68" W 40°24'52,08" N
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Divisão	Spermatophyta	Subespécie	stoechas
Classe	Magnoliopsida	Subdivisão	Magnoliophytina (Angiospermae)
Ordem	Lamiales	Subclasse	Lamiidae
Espécie	<i>Lavandula stoechas</i>	Família	Labiatae (Lamiaceae)
Tipo Fisionómico	Nanofanerófito		
Nome Científico	<i>Lavandula stoechas</i>	Nome Comum	Rosmaninho
Registo Fotográfico			
Distribuição	Região Mediterrânica.		
Habitat	Matos, matagais e terrenos incultos.		
Estatuto de Protecção	-		
Raridade em Portugal	Comum.		
Floração	Fevereiro – Julho.		
Observações/comentários	-		



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.016.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Coordenadas	007�30'59,87" W 40�25'23,15" N
CARACTERIZA�O GERAL			
Divisão	Spermatophyta	Subespécie	-
Classe	Magnoliopsida	Subdivisão	Magnoliophytina (Angiospermae)
Ordem	Lamiales	Subclasse	Lamiidae
Espécie	<i>Mentha suaveolens</i>	Família	Labiatae (Lamiaceae)
Tipo Fision�mico			
	Hemicriptófito		
Nome Científico			
	<i>Mentha suaveolens</i>	Nome Comum	Hortelã-brava
Registo Fotográfico			
			
Distribui�o			
	Sul e Oeste da Europa, Noroeste da África e Próximo Oriente.		
Habitat			
	Ruderal, ripícola e relvados húmidos.		
Estatuto de Protec�o			
	-		
Raridade em Portugal			
	Comum.		
Flora�o			
	Julho – Outubro.		
Observa�es/comentários			
	-		



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.017.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Coordenadas	007�30'33,99" W 40�24'52,98" N
CARACTERIZA�O GERAL			
Divisão	Spermatophyta	Subespécie	-
Classe	Pinatae	Subdivisão	Coniferophytina
Ordem	Pinales	Subclasse	Pinidae
Espécie	<i>Pinus pinaster</i>	Família	Pinaceae
Tipo Fision�mico	Megafaner�fito		
Nome Científico	<i>Pinus pinaster</i>	Nome Comum	Pinheiro-bravo
Registo Fotográfico			
Distribui�o	Oeste da região mediterrânica e zonas atlânticas do Sul a Europa.		
Habitat	Matos, matagais e terrenos incultos.		
Estatuto de Protec�o	-		
Raridade em Portugal	Comum.		
Flora�o	Março.		
Observa�es/comentários	Encosta florestada com resinosas e que apresenta um desbaste de árvores na cumeada (rede primária de combate a incêndios).		



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS

N.018.00

CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO

Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Coordenadas	007�28'38,33" W 40�26'39,22" N

CARACTERIZA O GERAL

Divisão	Spermatophyta	Subespécie	-
Classe	Pinatae	Subdivisão	Coniferophytina
Ordem	Pinales	Subclasse	Pinidae
Espécie	<i>Pseudotsuga menziesii</i>	Família	Pinaceae

Tipo Fision�mico	Megafaner�fita		
Nome Científico	<i>Pseudotsuga menziesii</i>	Nome Comum	Pinheiro-do-oregon

Registo Fotográfico



Distribui�o	Oeste dos EUA e foi introduzida em Portugal.
Habitat	Matos e ornamental.
Estatuto de Protec�o	-
Raridade em Portugal	Rara.
Flora�o	Março – Maio.
Observa�es/comentários	-



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS		N.019.00	
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Coordenadas	007°28'38,33" W 40°26'39,22" N
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Divisão	Monilophyta (Pteridophyta)	Subespécie	-
Classe	Polypodiopsida (Filicopsida)	Subdivisão	-
Ordem	Polypodiales	Subclasse	-
Espécie	<i>Pteridium aquilinum</i>	Família	Dennstaedtiaceae
Tipo Fisionómico	Geófito		
Nome Científico	<i>Pteridium aquilinum</i>	Nome Comum	Feto
Registo Fotográfico			
Distribuição	Cosmopolita.		
Habitat	Terrenos cultivados, incultos, matagais, matos e ruderal.		
Estatuto de Protecção	-		
Raridade em Portugal	Comum.		
Floração	Março – Setembro.		
Observações/comentários	-		



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.020.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Coordenadas	007°29'40,72" W 40°26'21,13" N
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Divisão	Spermatophyta	Subespécie	
Classe	Magnoliopsida	Subdivisão	Magnoliophytina (Angiospermae)
Ordem	Fabales	Subclasse	Rosidae
Espécie	<i>Pterospartum tridentatum</i>	Família	Leguminosae (Fabaceae)
Tipo Fisionómico	Nanofanerófito		
Nome Científico	<i>Pterospartum tridentatum</i>	Nome Comum	Carqueja
Registo Fotográfico			
Distribuição	Península Ibérica e Norte de Marrocos.		
Habitat	Matos, matagais e terrenos incultos.		
Estatuto de Protecção	-		
Raridade em Portugal	Comum.		
Floração	Março – Junho.		
Observações/comentários	-		



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.021.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Coordenadas	007°30'33,99" W 40°24'52,98" N
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Divisão	Spermatophyta	Subespécie	-
Classe	Magnoliopsida	Subdivisão	Magnoliophytina (Angiospermae)
Ordem	Betulales	Subclasse	Hamamelididae
Espécie	<i>Quercus pyrenaica</i>	Família	Fagaceae
Tipo Fisionómico	Mesofanerófito		
Nome Científico	<i>Quercus pyrenaica</i>	Nome Comum	Carvalho-negral
Registo Fotográfico			
Distribuição	Sudoeste da Europa e Norte de Marrocos.		
Habitat	Matos.		
Estatuto de Protecção	-		
Raridade em Portugal	Comum.		
Floração	Abril – Maio.		
Observações/comentários	Exemplares notáveis de <i>Quercus pyrenaica</i> , com várias centenas de anos, considerados de interesse nacional, exemplar demonstrativo da elevada longevidade, a ver pela quantidade de tecidos mortos. Possibilidade de intervir nestes exemplares com o objectivo de remover a matéria morta e reabilitar o seu habitat.		




FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.022.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	<i>Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>		
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Coordenadas	007°30'54,78" W 40°26'31,82" N
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Divisão	Spermatophyta	Subespécie	-
Classe	Magnoliopsida	Subdivisão	Magnoliophytina (Angiospermae)
Ordem	Betulales	Subclasse	Hamamelididae
Espécie	<i>Quercus robur</i>	Família	Fagaceae
Tipo Fisionómico	Mesofanerófito		
Nome Científico	<i>Quercus robur</i>	Nome Comum	Carvalho-robe
Registo Fotográfico			
Distribuição	Centro, Oeste e Norte Europa até Cáucaso, Balcãs e Urais.		
Habitat	Matos.		
Estatuto de Protecção	-		
Raridade em Portugal	Comum.		
Floração	Abril – Maio.		
Observações/comentários	Ornamental, cultivado pela cortiça. Diversos espécimes arbóreos nas margens do Rio Mondego.		



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.023.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Coordenadas	007°30'33,68" W 40°24'52,08" N
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Divisão	Spermatophyta	Subespécie	-
Classe	Magnoliopsida	Subdivisão	Magnoliophytina (Angiospermae)
Ordem	Lamiales	Subclasse	Lamiidae
Espécie	<i>Rosmarinus officinalis</i>	Família	Labiatae (Lamiaceae)
Tipo Fisionómico	Nanofanerófito		
Nome Científico	<i>Rosmarinus officinalis</i>	Nome Comum	Alecrim
Registo Fotográfico			
Distribuição	Região Mediterrânica.		
Habitat	Matos, matagais, terrenos incultos e rupícola.		
Estatuto de Protecção	-		
Raridade em Portugal	Comum.		
Floração	Quase todo ano (essencialmente Janeiro - Maio).		
Observações/comentários	Por vezes introduzida como ornamental e melífera.		




FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.024.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Coordenadas	007°30'33,99" W 40°24'52,98" N
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Divisão	Spermatophyta	Subespécie	-
Classe	Magnoliopsida	Subdivisão	Magnoliophytina (Angiospermae)
Ordem	Rosales	Subclasse	Rosidae
Espécie	<i>Rubus ulmifolius</i>	Família	Rosaceae
Tipo Fisionómico	Microfanerófito		
Nome Científico	<i>Rubus ulmifolius</i>	Nome Comum	Silvas
Registo Fotográfico			
Distribuição	Oeste Europa e da Região Mediterrânica e Macaronésia.		
Habitat	Terrenos incultos, matos, matagais e ruderal.		
Estatuto de Protecção	-		
Raridade em Portugal	Comum.		
Floração	Maio – Agosto.		
Observações/comentários	-		



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.025.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Coordenadas	007°30'54,78" W 40°26'31,82" N
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Divisão	Spermatophyta	Subespécie	-
Classe	Magnoliopsida	Subdivisão	Magnoliophytina (Angiospermae)
Ordem	Violales	Subclasse	Rosidae
Espécie	<i>Salix atrocinerea</i>	Família	Salicaceae
Tipo Fisionómico	Microfanerófito		
Nome Científico	<i>Salix atrocinerea</i>	Nome Comum	Salgueiro
Registo Fotográfico			
Distribuição	A espécie tem distribuição na Europa atlântica e oeste da Região Mediterrânica.		
Habitat	Os habitats preferenciais são relvados húmidos e áreas rupícolas.		
Estatuto de Protecção	-		
Raridade em Portugal	Comum.		
Floração	Fevereiro – Março.		
Observações/comentários	-		



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.026.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Coordenadas	007�30'54,78" W 40�26'31,82" N
CARACTERIZA�O GERAL			
Divisão	Spermatophyta	Subespécie	-
Classe	Magnoliopsida	Subdivisão	Magnoliophytina (Angiospermae)
Ordem	Violales	Subclasse	Rosidae
Espécie	<i>Salix salvifolia</i>	Família	Salicaceae
Tipo Fision�mico	Microfaner�fita		
Nome Científico	<i>Salix salvifolia</i>	Nome Comum	Salgueiro-branco
Registo Fotográfico			
Distribui�o	Península Ibérica.		
Habitat	Ripícola.		
Estatuto de Protec�o	-		
Raridade em Portugal	Comum		
Flora�o	Março – Abril.		
Observa�es/comentários	-		



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.027.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Coordenadas	007�29'13,76" W 40�27'17,77" N
CARACTERIZA�O GERAL			
Divisão	Spermatophyta	Subespécie	-
Classe	Liliatae (Monocotyledoneae)	Subdivisão	Magnoliophytina (Angiospermae)
Ordem	Poales	Subclasse	Commelinidae
Espécie	<i>Secale cereale</i>	Família	Gramineae (Poaceae)
Tipo Fision�mico	Ter�fito		
Nome Científico	<i>Secale cereale</i>	Nome Comum	Centeio
Registo Fotográfico			
Distribui�o	Este Rússia, Cáucaso, Oeste da Ásia e Paquistão; introduzido e naturalizado em muitas outras áreas.		
Habitat	Ruderal, terrenos cultivados e incultos.		
Estatuto de Protec�o	-		
Raridade em Portugal	Comum.		
Flora�o	Abril – Junho.		
Observa�es/comentários	Cultivado para forragem e panifica�o.		



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.028.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Coordenadas	007°30'33,68" W 40°24'52,08" N
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Divisão	Spermatophyta	Subespécie	-
Classe	Magnoliopsida	Subdivisão	Magnoliophytina (Angiospermae)
Ordem	Lamiales	Subclasse	Lamiidae
Espécie	<i>Thymus mastichina</i>	Família	Labiatae (Lamiaceae)
Tipo Fisionómico	Caméfito		
Nome Científico	<i>Thymus mastichina</i>	Nome Comum	Tomilho
Registo Fotográfico			
Distribuição	Península Ibérica.		
Habitat	Terrenos incultos, matos, matagais, ruderal.		
Estatuto de Protecção	-		
Raridade em Portugal	Comum.		
Floração	Março-Agosto.		
Observações/comentários	-		



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.029.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	<i>Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>		
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Coordenadas	007°30'59,87" W 40°25'23,15" N
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Divisão	Spermatophyta	Subespécie	-
Classe	Magnoliopsida	Subdivisão	Magnoliophytina (Angiospermae)
Ordem	Urticales	Subclasse	Malvadae
Espécie	<i>Urtica dioica</i>	Família	Urticaceae
Tipo Fisionómico	Hemicriptófito		
Nome Científico	<i>Urtica dioica</i>	Nome Comum	Urtiga
Registo Fotográfico			
Distribuição	Cosmopolita, estando presente nas regiões temperadas dos dois hemisférios.		
Habitat	Terrenos cultivados e ruderal.		
Estatuto de Protecção	-		
Raridade em Portugal	Comum.		
Floração	Maio – Junho.		
Observações/comentários	-		



APOIO À VISITAÇÃO DO SÍTIO SERRA DA ESTRELA NO
CONCELHO DE MANTEIGAS

ROTA DO CORREDOR DE MOUROS

INVENTARIAÇÃO, DIAGNÓSTICO E REFERENCIAÇÃO
CARTOGRÁFICA DE ELEMENTOS ECOLÓGICOS
SIGNIFICATIVOS E DE PONTOS DE INTERESSE PAISAGÍSTICO
RELEVANTE NO CONCELHO DE MANTEIGAS

HABITATS

CÂMARA MUNICIPAL DE MANTEIGAS



ÍNDICE DAS FICHAS DE ECOLOGIA HABITATS

Rota do Corredor de Mouros

Código	Código do Habitat/ Habitat Subtipo		Habitat/ Habitat Subtipo
001.00	3150		Habitats de água doce (Águas paradas) – Lagos eutróficos naturais com vegetação da <i>Magnopotamion</i> ou da <i>Hydrocharition</i>
002.00	3260		Habitats de água doce (Água corrente) – Cursos de água dos pisos basal a montano com vegetação da <i>Ranunculion fluitantis</i> e da <i>Callitriche-Batrachion</i>
003.00	4030		Charnechas e matos das zonas temperadas – Charnechas Secas Europeias
003.01	4030	pt1	Tojais e urzais-tojais aero-halófilos mediterrânicos
003.02	4030	pt2	Tojais e urzais-tojais galaico-portugueses não litorais
003.03	4030	pt3	Urzais, urzais-tojais e urzais-estevais mediterrânicos não litorais
004.00	6220*		Formações herbáceas naturais e semi-naturais (Formações herbáceas secas seminaturais e fâcies arbustivas) – Subestepes de Gramíneas e anuais da <i>Thero-Brachypodietea</i>
004.01	6220*	pt1	Arrelvados anuais neutrobasófilos
004.02	6220*	pt2	Malhadais
004.03	6220*	pt3	Arrelvados vivazes neutrobasófilos de gramíneas altas
004.04	6220*	pt4	Arrelvados vivazes silicícolas de gramíneas altas
004.05	6220*	pt5	Arrelvados vivazes silicícolas de <i>Brachypodium phoenicoides</i>
005.00	6410		Formações herbáceas naturais e seminaturais (Pradarias húmidas seminaturais de ervas altas) – Pradarias com <i>Molinia</i> em solos calcários, turfosos e argilo-limosos (<i>Molinion caeruleae</i>)
005.01	6410	pt1	Comunidades derivadas de <i>Molinia caerulea</i>
005.02	6410	pt2	Juncais acidófilos de <i>J. acutiflorus</i> , <i>J. conglomeratus</i> e/ou <i>Juncus effusus</i>
005.03	6410	pt3	Juncais acidófilos termófilos de <i>Juncus acutiflorus</i> subsp. <i>rugosus</i>
005.04	6410	pt4	Juncais de <i>Juncus valvatus</i>



ÍNDICE DAS FICHAS DE ECOLOGIA HABITATS

Rota do Corredor de Mouros

Código	Código do Habitat/ Habitat Subtipo		Habitat/ Habitat Subtipo
006.00	6510		Formações herbáceas naturais e seminaturais (Prados mesófilos) – Prados de feno pobres de baixa altitude (<i>Alopecurus pratensis</i> , <i>Sanguisorba officinalis</i>)
007.00	8220		Habitats rochosos e grutas (Vertentes rochosas com vegetação casmofítica) – Vertentes rochosas siliciosas com vegetação casmofítica
007.01	8220	pt1	Afloramentos rochosos siliciosos com comunidades casmofíticas
007.02	8220	pt2	Biótopos de comunidades comofíticas
007.03	8220	pt3	Biótopos de comunidades comofíticas esciófilas ou de comunidades epifíticas

FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.001.00	
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO				
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas			
Rota	Rota do Corredor de Mouros			
CARACTERIZAÇÃO GERAL				
Habitat ** Potencialmente existente	Habitats de água doce (Águas paradas) – Lagos eutróficos naturais com vegetação da <i>Magnopotamion</i> ou da <i>Hydrocharition</i> **		3150	
Descrição Sucinta	<p>Meios lênticos – lagoas, charcos, açudes, valas, paúis e linhas de água de reduzido caudal e com escoamento lento – com águas meso-eutróficas, com comunidades vasculares com macrófitos flutuantes à superfície ou submersas, enraizadas ou suspensas entre o fundo e a superfície.</p> <p>Colonizam estes biótopos comunidades de hidrófitos constituídas por taxa de tipos fisionómicos muito distintos: lemnídeos s.str. – e.g., Lemnáceas: <i>Lemna</i> sp. pl., <i>Spirodela polyrrhiza</i> e <i>Wolffia arrhiza</i>; salvinídeos – e.g., Azoláceas: <i>Azolla filiculoides</i>; batraquídeos – e.g., Ranunculáceas: <i>Ranunculus penicillatus</i>; hidrocarídeos – e.g., Hidrocaritáceas: <i>Hydrocharis morsus-ranae</i>; miriofilídeos – e.g., Haloragáceas: <i>Myriophyllum</i> sp.pl.; nufarídeos s.str. – e.g., Calitricáceas: <i>Callitriche</i> sp. pl.; Ninféáceas: <i>Nuphar lutea</i>; Potamogetonáceas: <i>Potamogeton</i> sp. pl.; ninféideos – e.g., Ninféáceas: <i>Nymphaea alba</i>; potamídeos – e.g., Naiadáceas: <i>Najas</i> sp. pl.; Potamogetonáceas: <i>Potamogeton</i> sp. pl.; Zaniqueliáceas: <i>Zannichellia palustris</i>.</p> <p>Estas comunidades são dominadas por espécies do géns. <i>Azolla</i>, <i>Lemna</i>, <i>Hydrocharis</i>, <i>Myriophyllum</i>, <i>Najas</i>, <i>Nymphaea</i>, <i>Nuphar</i> e <i>Potamogetum</i>. Frequentemente, num mesmo biótopo enquadrável neste habitat são identificáveis mais que uma fitocenose (em mosaico) dos <i>sintaxa</i> citados. Contactos catenais mais frequentes com comunidades de grandes helófitos da classe <i>Phragmito-Magnocaricetea</i> e com as comunidades bioindicadoras dos habitats 3170 “Charcos temporários mediterrânicos”, 3160 “Lagos e charcos distróficos naturais”, 3140 “Águas oligo-mesotróficas calcárias com vegetação bentónica de <i>Chara</i> spp.” e 3150 “Cursos de água dos pisos basal a montano com vegetação da <i>Ranunculion fluitantis</i> e da <i>Callitricho-Batrachion</i>”.</p> <p>Macrobioclima temperado e mediterrânico; andares climáticos do termo ao supratemperado e termo ao supramediterrânico; ombroclima seco a húmido.</p>			
Distribuição Geral	Atlântica: Alemanha, Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Grécia, Holanda, Irlanda, Portugal e Reino Unido.			
Habitat(s) Subtipo(s)	Sem subtipos		-	
INSTRUMENTOS LEGAIS				
Designação			Anexo	
Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril.			B-1.	
Directiva 92/43/CEE.			I.	
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA				
Diversidade Florística	Grau de Equilíbrio da Vegetação	Resiliência da Vegetação	Valor Faunístico	Valor Ecológico Global



FICHA DE ECOLOGIA										HABITATS			N.001.00		
Pouca Diversidade	Diversidade	Muita Diversidade	Desequilibrada	Instável	Equilibrada	Baixa	Nula	Mediana	Elevada	Reduzido	Mediano	Elevado	Negativo	Neutro	Positivo
X				X				X			X			X	
Estado de Conservação				Muito variável, sobretudo em função da presença de plantas invasoras.											
Factores de Ameaça				Alterações do uso do solo com repercussão na qualidade da água. Eutrofização dos meios aquáticos devido a actividade antrópica. Invasão de flora alóctone (e.g. <i>Myriophyllum aquaticum</i> , <i>Elodea canadensis</i> , <i>Eichornia crassipes</i>).											
Medidas de Conservação				Controlo de espécies exóticas infestantes; controlo do despejo de efluentes não tratados; incrementar a qualidade e extensão do tratamento de efluentes agrícolas, urbanos e industriais; promoção da propagação e valorização do habitat em projectos construtivos; condicionar alterações ao uso do solo indutoras de alterações na qualidade da água, em zonas limítrofes à área de ocupação do habitat; promoção de estudos científicos sobre o habitat.											
Observações/comentários				-											

FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.002.00
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Habitat ** Potencialmente existente	Habitats de água doce (Água corrente) – Cursos de água dos pisos basal a montano com vegetação da <i>Ranunculion fluitantis</i> e da <i>Callitriche-Batrachion</i> **		3260
Descrição Sucinta	<p>Cursos de água doce, permanentes ou temporários, de águas correntes mais ou menos rápidas (fácies lóticis) ou, localizadamente, lentas (fácies lênticis), com águas pouco profundas oligo-mesotróficas tendencialmente ácidas.</p> <p>Colonizados por comunidades de briófitos aquáticos e/ou por comunidades de plantas vasculares suportadas pela água (hidrófitos) e enraizadas maioritariamente do tipo potamídeo (e.g. Potamogetonáceas: <i>Potamogeton pusillus</i> e <i>P. perfoliatus</i>; Calitricáceas: <i>Callitriche</i> sp. pl.), miriofilídeo (e.g., Haloragáceas: <i>Myriophyllum alterniflorum</i>; ranunculáceas: <i>Ranunculus pseudofluitans</i> e <i>R. penicillatus</i>), batraquídeo (e.g., Ranunculáceas: <i>Ranunculus peltatus</i> e <i>R. tripartitus</i>) ou nufarídeo s.str. (e.g., Potamogetonáceas: <i>Potamogeton crispus</i>, <i>P. nodosus</i>; Calitricáceas: <i>Callitriche</i> sp. pl.).</p> <p>Colonizam ainda este habitat comunidades do pleustófito ceratofilídeo <i>Ceratophyllum demersum</i>. Estas comunidades atingem por vezes elevados graus de cobertura e são dominadas por briófitos aquáticos (e.g. <i>Fontinalis antipyretica</i>) ou por plantas vasculares dos gen. <i>Ceratophyllum</i> (<i>Ceratophyllum demersum</i>), <i>Callitriche</i> (e.g., <i>Callitriche brutia</i>, <i>C. hamulata</i>, <i>C. stagnalis</i>, <i>C. lusitanica</i>), <i>Myriophyllum</i> (e.g., <i>Myriophyllum alterniflorum</i>) e <i>Ranunculus</i> (subgén. <i>Batrachium</i>; e.g., <i>Ranunculus pseudofluitans</i>, <i>R. peltatus</i>, <i>R. penicillatus</i>, <i>R. saniculifolius</i>, <i>R. tripartitus</i>).</p> <p>Frequentemente, num mesmo curso de água enquadrável neste habitat são identificáveis mais que uma fitocenose (em mosaico) dos <i>sintaxa</i> citados, vd. Correspondência fitossociológica.</p> <p>A composição florística destas comunidades (ou mosaicos de comunidades) depende, entre outros factores, do ensombramento (e.g., os briófitos aquáticos são favorecidos pela sombra), da granulometria e mobilidade do substrato e da velocidade (e.g., os miriofilídeos e potamídeos, ao invés dos batraquídeos e nufarídeos, são mais frequentes nos fácies lóticis), caudal, trofia, pH, mineralização e temperatura da água.</p> <p>São particularmente abundantes nos troços médios de linhas de águas permanentes. No Norte e centro de Portugal são maioritariamente substituídas nas cabeceiras por comunidades de <i>Ranunculus ololeucus</i> (habitat 3130 "Águas paradas, oligotróficas a mesotróficas, com vegetação da <i>Littorelletea uniiflorae</i> e/ou da <i>Isoeto-Nanojuncetea</i>"). Nos troços finais dos grandes rios são dominantes as comunidades de águas eutróficas bioindicadoras do habitat 3150 "Lagos eutróficos naturais com vegetação da <i>Magnopotamion</i> ou da <i>Hydrocharition</i>".</p> <p>As comunidades de <i>Platyhypnidio-Fontinaletea antipyreticae</i>, <i>Ceratophyllion demersi</i>, <i>Ranunculion fluitantis</i> e <i>Ranunculion aquatilis</i> são naturalmente muito dinâmicas no tempo e no espaço, respondendo rapidamente a alterações geomorfológicas a pequena escala do leito dos rios (e.g., deslocamento espacial de rápidos e remansos nos troços médios dos rios), às flutuações intra e interanuais da precipitação (e.g., efeito de arrastamento das enxurradas) e a modificações do revestimento vegetal das margens (e.g., efeito do ensombramento).</p> <p>Os contactos catenais mais frequentes verificam-se com as comunidades abrangidas pelo habitat 3150, com comunidades de fontes e nascentes de águas frias e oligotróficas da classe <i>Montio-Cardaminetea</i>, com o habitat 6430 "Comunidades de ervas altas higrófilas das orlas basais e dos pisos montano a alpino" e com comunidades de grandes helófitos da classe <i>Phragmito-</i></p>		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS		N.002.00											
		<p><i>Magnocaricetea.</i></p> <p>Macrobioclima temperado e mediterrânico; andares termoclimáticos do termo ao supratemperado e do termo ao suprasediterrânico.</p>													
Distribuição Geral		Atlântica: Alemanha, Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Grécia, Irlanda, Itália, Holanda, Portugal e Reino Unido.													
Habitat(s) Subtipo(s)		Sem subtipos		-											
INSTRUMENTOS LEGAIS															
Designação					Anexo										
Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril.					B-1.										
Directiva 92/43/CEE.					I.										
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA															
Diversidade Florística			Grau de Equilíbrio da Vegetação			Resiliência da Vegetação				Valor Faunístico			Valor Ecológico Global		
Pouca Diversidade	Diversidade	Muita Diversidade	Desequilibrada	Instável	Equilibrada	Baixa	Nula	Mediana	Elevada	Reduzido	Mediano	Elevado	Negativo	Neutro	Positivo
X					X			X			X				X
Estado de Conservação		De mediano a bom.													
Factores de Ameaça		Aumento da profundidade da água como consequência, e.g., do represamento de água e da construção de açudes ou barragens a jusante; redução da profundidade da água, perturbação por enxurradas e aumento do período de emersão como consequência, e.g., da deposição de sedimentos, redução do caudal (captação de água para diferentes usos), represamento de água através da construção de açudes ou barragens a montante, etc; eutrofização da água.													
Medidas de Conservação		Controlo do despejo de efluentes não tratados; incrementar a qualidade e extensão do tratamento de efluentes agrícolas, urbanos e industriais; condicionar alterações ao uso do solo indutoras de alterações na qualidade da água, em zonas limítrofes à área de ocupação do habitat; condicionar a redução dos caudais; condicionar obras hidráulicas; condicionar as captações de água; promover estudos corológicos e ecológicos das comunidades dulceaquícolas abrangidas por este habitat.													
Observações/comentários															



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS		N.003.00											
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO															
Projecto		Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas													
Rota		Rota do Corredor de Mouros													
CARACTERIZAÇÃO GERAL															
Habitat		Charnecas e matos das zonas temperadas – Charnecas Secas Europeias		4030											
Descrição Sucinta		Matos baixos, de elevado grau de cobertura, dominados por nanofanerófitos. Espécies mais frequentes pertencentes às famílias das ericáceas (gén. <i>Daboecia</i> , <i>Erica</i> e <i>Calluna</i>), cistáceas (gén. <i>Halimium</i> , <i>Helianthemum</i> , <i>Tuberaria</i> e, pontualmente, <i>Cistus</i>), leguminosas (gén. <i>Genista</i> , <i>Stauracanthus</i> , <i>Pterospartum</i> e <i>Ulex</i>). Plantas características estritamente heliófilas, formadoras de húmus do tipo mor e adaptadas a ciclos curtos de recorrência do fogo. Solos derivados de rochas ácidas – pontualmente derivados calcários em territórios muito chuvosos (e.g. calcários estremenhos) – oligotróficos, ácidos, delgados (leptossolos), com um horizonte. Macroclima temperado ou mediterrânico com características oceânicas; andares termoclimáticos inferiores ao orotemperado (em Portugal); ombroclima pelo menos sub-húmido com um óptimo fitossociológico sob um ombroclima húmido a ultra-hiper-húmido. Mosaicos mais frequentes com prados anuais.													
Distribuição Geral		Alemanha, Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Holanda, Itália, Irlanda, Portugal e Reino Unido.													
Habitat(s) Subtipo(s)		Tojais e urzais-tojais aero-halófilos mediterrânicos		4030pt1											
		Tojais e urzais-tojais galaico-portugueses não litorais		4030pt2											
		Urzais, urzais-tojais e urzais-estevais mediterrânicos não litorais		4030pt3											
INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)															
Designação				Anexo											
Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril.				B-1.											
Directiva 92/43/CEE.				I.											
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA															
Diversidade Florística			Grau de Equilíbrio da Vegetação		Resiliência da Vegetação			Valor Faunístico			Valor Ecológico Global				
Pouca Diversidade	Diversidade	Muita Diversidade	Desequilibrada	Instável	Equilibrada	Baixa	Nula	Mediana	Elevada	Reduzido	Mediano	Elevado	Negativo	Neutro	Positivo
		X			X				X		X				X
Estado de Conservação		Geralmente em bom estado de conservação.													
Observações/comentários		-													



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.003.01
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
Habitat	Charnecas e matos das zonas temperadas – Charnecas Secas Europeias	4030	
CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO			
Habitat Subtipo <small>** Potencialmente existente</small>	Tojais e urzais-tojais aero-halófilos mediterrânicos **	4030pt1	
Descrição Sucinta	Tojais e urzais-tojais aero-halófilos amoitados mediterrânicos dominados por <i>Ulex jussiaei</i> subsp. <i>congestus</i> . Próprios de plataformas rochosas litorais, com possível existência de escarpas sobranceiras. São interpretados como comunidades permanentes.		
Factores de Ameaça	Destruição física através da construção de infra-estruturas e habitações; pisoteio.		
Medidas de Conservação	Construção de passadiços; desvio do interesse dos visitantes; interdição à construção de habitações e de outras infra-estruturas.		
Observações/comentários	-		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.003.02
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
Habitat	Charnecas e matos das zonas temperadas – Charnecas Secas Europeias	4030	
CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO			
Habitat Subtipo <small>** Potencialmente existente</small>	Tojais e urzais-tojais galaico-portugueses não litorais **	4030pt2	
Descrição Sucinta	Tojais e urzais-tojais mesófilos dominados por <i>Ulex europaeus</i> subsp. <i>latebracteatus</i> e/ou <i>U. minor</i> . Territórios graníticos termo-mesotemperados, húmidos a hiper-húmidos. Subseriais de bosques caducifólios de <i>Quercus robur</i> .		
Factores de Ameaça	À persistência e melhoria do habitat actual: progressão sucessional; plantas invasoras, sobretudo <i>Cortaderia selloana</i> , <i>Acacia dealbata</i> e <i>A. melanoxylon</i> ; destruição física do habitat através de arborizações e da construção de infraestruturas.		
Medidas de Conservação	Para a persistência e melhoria do habitat actual: controle de invasoras; bloqueio da progressão sucessional com fogo controlado com ciclos de recorrência que evitem a acumulação excessiva de combustível; manutenção da pastorícia extensiva de percurso.		
Observações/comentários	-		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.003.03
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	<i>Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
Habitat	Charnecas e matos das zonas temperadas – Charnecas Secas Europeias	4030	
CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO			
Habitat Subtipo <small>** Potencialmente existente</small>	Urzais, urzais-tojais e urzais-estevais mediterrânicos não litorais **	4030pt3	
Descrição Sucinta	<p>Urzais, urzais-tojais ou urzais-estevais mesófilos; Andares bioclimáticos termo, meso, ou supramediterrânicos, pontualmente meso-supratemperados, subhúmidos a hiper-húmidos.</p> <p>Composição florística variável; Subseriais de bosques acidófilos decíduos (classe <i>Quercus-Fagetalia</i>, ou de bosques esclerófilos ou marchescentes [ordem <i>Quercetalia ilicis</i> (classe <i>Quercetalia ilicis</i>), sobretudo de sobreirais (aliança <i>Quercion broteroi</i>, somente a Sul do sistema central.</p>		
Factores de Ameaça	Plantas invasoras, sobretudo a <i>Acacia de albata</i> , a <i>Melanoxylon</i> e <i>hackea sericea</i> ; aumento da severidade dos incêndios.		
Medidas de Conservação	Controle de invasoras; bloqueio da progressão sucessional com fogo controlado com ciclos de recorrência que evitem a acumulação excessiva de combustível; manutenção da pastorícia extensiva de percurso.		
Observações/comentários	-		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.004.00											
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO														
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas													
Rota	Rota do Corredor de Mouros													
CARACTERIZAÇÃO GERAL														
Habitat	Formações herbáceas naturais e semi-naturais (Formações herbáceas secas seminaturais e fácies arbustivas) – Substepes de Gramíneas e anuais da <i>Thero-Brachypodietea</i>		6220*											
Descrição Sucinta	Arrelvados xerófilos de floração primaveril ou estival, dominados por gramíneas anuais e/ou vivazes de porte variável e submetidos a uma pressão variável de pastoreio. Solos oligo a mesotróficos, mais ou menos profundos (excepto subtipo 6220pt1).													
Distribuição Geral	Espanha, França, Grécia, Itália e Portugal.													
Habitat(s) Subtipo(s)	Arrelvados anuais neutrobasófilos		6220*pt1											
	Malhadais		6220*pt2											
	Arrelvados vivazes neutrobasófilos de gramíneas altas		6220*pt3											
	Arrelvados vivazes silicícolas de gramíneas altas		6220*pt4											
	Arrelvados vivazes silicícolas de <i>Brachypodium phoenicoides</i>		6220*pt5											
INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)														
Designação			Anexo											
Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril.			B-1.											
Directiva 92/43/CEE.			I.											
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA														
Diversidade Florística		Grau de Equilíbrio da Vegetação		Resiliência da Vegetação		Valor Faunístico			Valor Ecológico Global					
Pouca	Muita	Desequilibrada	Instável	Equilibrada	Baixa	Nula	Mediana	Elevada	Reduzido	Mediano	Elevado	Negativo	Neutro	Positivo
	X			X			X			X				X
Estado de Conservação		Geralmente em bom estado de conservação.												
Observações/comentários		-												



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.004.01
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
Habitat	Formações herbáceas naturais e semi-naturais – Subestepes de Gramíneas e anuais da Thero-Brachypodietea	6220*	
CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO			
Habitat Subtipo ** Potencialmente existente	Arrelvados anuais neutrobasófilos **	6220*pt1	
Descrição Sucinta	<p>Arrelvados anuais primocolonizadores, heliófilos e efémeros, de elevada diversidade específica.</p> <p>Composição florística muito variável. Correspondem a etapas de substituição muito regressivas de bosques (climatófilos ou edafoxerófilos) perenifólios ou marchescentes da <i>Quercetea ilicis</i>. Normalmente, dispõem-se em mosaico com matos baixos matos neutrobasófilos da classe <i>Cisto-Lavanduletea</i> ou matos calcícolas da classe <i>Rosmarinetea</i> ou com arrelvados vivazes silicícolas de gramíneas altas. Iniciam o seu ciclo biológico com as primeiras chuvas outonais, passam o Inverno sob a forma de plântulas e, consoante a duração das chuvas de Primavera, florescem e entram em senescência entre o início da Primavera e o início do Verão. Colonizam solos calcários argilosos ricos em carbonatos, assim como solos derivados de rochas máficas (e.g. anfíbolitos) ou ultramáficas (serpentinias e peridotitos), normalmente delgados, de reacção neutra abásica, bem drenados e pobres em matéria orgânica. São favorecidos pelos mesmos padrões de perturbação que garantem a persistência de paisagens dominadas por matos baixos (i.e. matos neutrobasófilos e matos baixos calcícolas de <i>Rosmarinetea</i>. Pressões de pastoreio muito elevadas implicam a sua substituição, total ou parcial, por comunidades herbáceas nitrófilas e subnitrófilas de <i>Stellarietea mediae</i> ou por malhadais. A mobilização do solo também favorece a penetração das plantas de <i>Stellarietea mediae</i>. Andares termo a supramediterrânico (ainda que muito pontualmente possam ocorrer no termo e mesotemperado); ombroclima seco a húmido.</p>		
Factores de Ameaça	Expansão das formações arbustivas em detrimento das áreas de clareira como resultado da dinâmica sucessional; mobilização dos solos; pastoreio intensivo; construção de infraestruturas.		
Medidas de Conservação	Gestão activa para a manutenção do habitat do uso do fogo controlado; manutenção da pastorícia extensiva de percurso; definição de áreas de exclusão à implementação de infraestruturas; condicionamento à mobilização dos solos, eventualmente através da contratualização com os proprietários.		
Observações/comentários	-		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.004.02
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
CARACTERIZAÇÃO GERAL			
Habitat	Formações herbáceas naturais e semi-naturais – Subestepes de Gramíneas e anuais da Thero-Brachypodietea	6220*	
Habitat Subtipo	Malhadais **	6220*pt2	
** Potencialmente existente			
Descrição Sucinta	<p>Composição florística: Malhadais acidófilos: dominância de <i>Poa bulbosa</i>; presença frequente de <i>Astragalus cymbaearpos</i>, <i>pelecinus</i> subsp. <i>pelecinus</i>, <i>Carex divisa</i>, <i>Chamaemelum nobile</i>, <i>Erodium</i> sp. pl., <i>Parentucellia latifolia</i>, <i>Trifolium gemellum</i>, <i>T. glomeratum</i>, <i>T. scabrum</i>, <i>T. subterraneum</i>, <i>T. tomentosum</i> e ainda de plantas características de prados anuais acidófilos (<i>Helianthemalia</i>, classe <i>Helianthemetea</i>); Malhadais neutrobásófilos: dominância de <i>Poa bulbosa</i> (nas pastagens mais bem conservadas); presença frequente de <i>Astragalus echinatus</i>, <i>A. sesameus</i>, <i>A. stella</i>, <i>Erodium</i> sp.pl., <i>Hyoseris scabra</i>, <i>Medicago</i> sp.pl., <i>Parentucellia latifolia</i>, <i>Plantago serraria</i>, <i>Trifolium tomentosum</i> e ainda de plantas características de arrelvados anuais neutrobásófilos; a taxa de produção de biomassa é máxima no Inverno e no início da Primavera, reduz-se praticamente a zero no início do Verão e é retomada com as primeiras chuvas outonais. Mosaicos frequentes com prados anuais (classe <i>Helianthemetea</i>), com comunidades subnitrófilas anuais de solos compactados pelo pisoteio (classe <i>Polygono-Poetea annuae</i>), como comunidades subnitrófilas anuais de <i>Brometalia rubenti-tectorum</i> (classe <i>Stellarietea mediae</i>) e com arrelvados vivazes silicícolas de gramíneas altas (classe <i>Stipo giganteae-Agrostietea castellanae</i>). A sua persistência depende da manutenção de um pastoreio extensivo, sobretudo de ovinos, que deverá ser suspenso ou atenuado entre o final da Primavera e as primeiras chuvas outonais de modo a permitir a reprodução de algumas espécies anuais (e.g. <i>Trifolium subterraneum</i>). Necessitam de solos moderadamente compactados e com um horizonte superficial rico em matéria orgânica, tanto derivados de rochas ácidas como de rochas carbonatadas ou básicas. Andares termo a supramediterrânico; ombroclima seco a húmido.</p>		
Factores de Ameaça	Redução da pressão de pastoreio; bioindicadores: empobrecimento em <i>poa bulbosa</i> ; mobilização do solo; progressão sucessional.		
Medidas de Conservação	Promoção da actividade pastoril, e.g.:limpeza de caminhos tradicionais; valorização dos produtos animais associados à pastorícia; políticas de apoio directo ao pastoreio; gestões de matos através de métodos que não perturbem o solo.		
Observações/comentários	Pese embora a sua origem antrópica os malhadais têm um elevado interesse para a conservação e, por conseguinte, deverá ser prioritária a sua valorização.		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.004.03
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
Habitat	Formações herbáceas naturais e semi-naturais – Subestepes de Gramíneas e anuais da <i>Thero-Brachypodietea</i>	6220*	
CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO			
Habitat Subtipo ** Potencialmente existente	Arrelvados vivazes neutrobasófilos de gramíneas altas **	6220*pt3	
Descrição Sucinta	<p>Arrelvados vivazes, heliófilos, xerófilos e neutrobasófilos, dominados por gramíneas de médio e grande porte profundamente enraizadas.</p> <p>Composição florística: dominância de <i>Brachypodium retusum</i>, <i>Hyparrhenia hirta</i>, <i>H. sinaica</i>, <i>Stipa lagascae</i>, <i>S. offneri</i> ou <i>S. tenacissima</i>; presença de <i>Eryngium dilatatum</i>, <i>Lathyrus clymenum</i>, <i>Leuzea conifera</i>, <i>Ophrys bombyliflora</i>, <i>O. dyris</i>, <i>O. lutea</i>, <i>O. tenthredinifera</i>, <i>Phlomis lychnitis</i>, <i>Serratula</i> sp. pl. O efeito da perturbação pelo fogo depende, genericamente, da profundidade do solo: a perturbação pelo fogo é tanto mais favorável quanto mais profundo for o solo; em solos delgados e/ou muito susceptíveis à erosão, os ciclos curtos de recorrência favorecem a sua substituição por prados anuais (<i>Helianthemetea</i>). Prosperam sobre solos argilosos (à excepção das comunidades de <i>S. lagascae</i> que são preferencialmente psamófilas), mais ou menos profundos, mesotróficos, sem fenómenos de hidromorfismo e frequentemente pedregosos à superfície. Representam etapas de substituição dos bosques e formações arbustivas da <i>Quercetea ilicis</i>. Andares termo a supramediterrânico; ombroclima semiárido a sub-húmido.</p>		
Factores de Ameaça	Progressão sucessional; destruição física do habitat através da construção de infraestruturas; redução do pastoreio extensivo; invasão por flora exótica		
Medidas de Conservação	Promoção da actividade pastoril; controlo de invasoras e gestão de matos; gestões de matos, através de métodos que não perturbem o solo; definição de áreas de exclusão à instalação e construção de infraestruturas.		
Observações/comentários	-		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.004.04
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
Habitat	Formações herbáceas naturais e semi-naturais – Subestepes de Gramíneas e anuais da Thero-Brachypodietea	6220*	
CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO			
Habitat Subtipo ** Potencialmente existente	Arrelvados vivazes silicícolas de gramíneas altas **	6220*pt4	
Descrição Sucinta	<p>Arrelvados vivazes, silicícolas, dominados por gramíneas heliófilas (à excepção da <i>Festuca elegans</i> que suporta a sombra dos bosques) de grande porte.</p> <p>Composição florística: dominância de <i>Arrhenatherum elatius</i> subsp. <i>baeticum</i>, <i>Agrostis castellana</i>, <i>Festuca elegans</i> e/ou <i>Stipa gigantea</i>; Presença em diferentes combinações de <i>Allium guttatum</i>, <i>Armeria beirana</i>, <i>A. gaditana</i>, <i>A. pinifolia</i>, <i>A. transmontana</i>, <i>Asphodelus bento-rainhae</i> subsp. <i>bento-rainhae</i>, <i>Centaurea paniculata</i>, <i>Dactylis hispanica</i>, <i>Elaeoselinum gummiferum</i>, <i>Euphorbia oxyphylla</i>, <i>Festuca ampla</i>, <i>F. paniculata</i>, <i>Gaudinia fragilis</i>, <i>Phalacrocarpon oppositifolium</i> subsp. <i>oppositifolium</i>, <i>Phalacrocarpon oppositifolium</i> subsp. <i>hoffmannseggii</i>, <i>Sanguisorba verrucosa</i>, <i>Serapias lingua</i>, <i>Thapsia minor</i>, <i>Thapsia villosa</i>. Subseriais dos bosques perenifólios (classe <i>Quercetea ilicis</i>) ou caducifólios de <i>Quercus pyrenaica</i> (classe <i>Quercus-Fagetalia</i> p.p.). Mosaicos frequentes com prados anuais silicícolas (<i>Helianthemalia</i>, classe <i>Helianthemetea</i>) e com giestais (classe <i>Cytisetia scopario-striati</i>). Contactos catenais frequentes com prados vivazes higrófilos (classe <i>Molinio-Arrhenatheretea</i>; Efeito do fogo.</p>		
Factores de Ameaça	Progressão sucessional; invasão de exóticas; agricultura intensiva; redução do pastoreio extensivo.		
Medidas de Conservação	Promoção da actividade pastoril, na área de ocupação a manter; controlo de invasoras; gestão selectiva de matos, através de métodos que não perturbe o solo.		
Observações/comentários	-		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.004.05
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
Habitat	Formações herbáceas naturais e semi-naturais (Formações herbáceas secas seminaturais e fâcies arbustivas) – Subestepes de Gramíneas e anuais da <i>Thero-Brachypodietea</i>	6220*	
CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO			
Habitat Subtipo ** Potencialmente existente	Arrelvados vivazes silicícolas de <i>Brachypodium phoenicoides</i> **	6220*pt5	
Descrição Sucinta	<p>Arrelvados vivazes, silicícolas, heliófilos, densos, dominados por <i>Brachypodium phoenicoides</i>.</p> <p>Dominados por <i>Brachypodium phoenicoides</i>, espécie frequentemente acompanhada por <i>Dactylis glomerata</i> subsp. <i>lusitanica</i> e <i>Pseudoarrhenatherum longifolium</i>.</p> <p>Subseriais de bosques perenifólios da <i>Quercetalia ilicis</i>.</p> <p>Prosperam em solos profundos, mesotróficos, mais ou menos bem estruturados. Andares termo a mesomediterrânico; ombroclima sub-húmido a húmido.</p>		
Factores de Ameaça	Destruição física do habitat através da construção de infraestruturas; progressão sucessional; redução do pastoreio extensivo; invasão por flora exótica.		
Medidas de Conservação	Promoção da actividade pastoril, na área de ocupação a manter; controlo de invasoras; controlo de matos, através de métodos que não perturbem o solo; fogo controlado; definição de áreas de exclusão à implementação de infraestruturas.		
Observações/comentários	-		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.005.00														
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO																	
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas																
Rota	Rota do Corredor de Mouros																
CARACTERIZAÇÃO GERAL																	
Habitat	Formações herbáceas naturais e seminaturais (Pradarias húmidas seminaturais de ervas altas) – Pradarias com <i>Molinia</i> em solos calcários, turfosos e argilo-limosos (<i>Molinion caeruleae</i>)		6410														
Descrição Sucinta	Juncais higrófilos, não nitrófilos e não halófilos de <i>Juncus acutiflorus</i> , <i>J. effusus</i> , <i>J. rugosus</i> , <i>J. valvatus</i> ou <i>J. valvatus</i> ou prados dominados por <i>Molinia caerulea</i> . Em ambos os casos, comunidades de solos espessos, permanentemente húmidos, quando não encharcados com água estagnada e com evidências gleização no perfil do solo.																
Distribuição Geral	Atlântica: Alemanha, Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Holanda, Irlanda, Itália, Portugal e Reino Unido.																
Habitat(s) Subtipo(s)	Comunidades derivadas de <i>Molinia caerulea</i>		6410pt1														
	Juncais acidófilos de <i>J. acutiflorus</i> , <i>J. conglomeratus</i> e/ou <i>Juncus effusus</i>		6410pt2														
	Juncais acidófilos termófilos de <i>Juncus acutiflorus</i> subsp. <i>rugosus</i>		6410pt3														
	Juncais de <i>Juncus valvatus</i>		6410pt4														
INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)																	
Designação			Anexo														
Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril.			B-1.														
Directiva 92/43/CEE.			I.														
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA																	
Diversidade Florística				Grau de Equilíbrio da Vegetação			Resiliência da Vegetação				Valor Faunístico			Valor Ecológico Global			
Pouca	Diversidade	Diversidade	Muita	Diversidade	Desequilibrada	Instável	Equilibrada	Baixa	Nula	Mediana	Elevada	Reduzido	Mediano	Elevado	Negativo	Neutro	Positivo
			X			X				X			X			X	
Estado de Conservação				Muito variável.													
Observações/comentários				-													



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.005.01
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
Habitat	Formações herbáceas naturais e seminaturais (Pradarias húmidas seminaturais de ervas altas) – Pradarias com <i>Molinia</i> em solos calcários, turfosos e argilo-limosos (<i>Molinia caerulea</i>)	6410	
CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO			
Habitat Subtipo ** Potencialmente existente	Comunidades derivadas de <i>Molinia caerulea</i> **		6410pt1
Descrição Sucinta	<p>Comunidades derivadas herbáceas perenes dominadas pela gramínea cespitosa <i>Molinia caerulea</i>.</p> <p>A <i>Molinia caerulea</i> está particularmente adaptada a solos espessos com elevados teores em matéria orgânica sujeita a uma rápida mineralização, causada por uma transição rápida de condições redutoras (anóxia) para condições oxidantes (arejamento do solo).</p> <p>São comuns nestas comunidades espécies como <i>Peucedanum lancifolium</i>, <i>Gentiana pneumonanthe</i>, <i>Juncus acutiflorus</i> subsp. <i>acutiflorus</i>, <i>Cirsium palustre</i> e <i>Angelica sylvestris</i>.</p> <p>As comunidades em causa são usualmente subseriais de amieais pantanosos (habitat 91E0) com solos profundos (aluviossolos antigos e solos hidromórficos) submetidos a curtos períodos de encharcamento, nos quais o amieiro (<i>Alnus glutinosa</i>) é acompanhado por carvalho-alvarinho (<i>Quercus robur</i>).</p>		
Factores de Ameaça	Drenagem; eutrofização da água a montante; perturbação excessiva pelo pastoreio.		
Medidas de Conservação	Interdição à drenagem; controlo de despejo de efluentes não tratados; reforço da qualidade e da extensão do tratamento de efluentes agrícolas, urbanos e industriais; condicionamento do pastoreio; conservação dos amieais palustres associados a este habitat.		
Observações/comentários	-		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.005.02
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
Habitat	Formações herbáceas naturais e seminaturais (Pradarias húmidas seminaturais de ervas altas) – Pradarias com <i>Molinia</i> em solos calcários, turfosos e argilo-limosos (<i>Molinia caeruleae</i>)	6410	
CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO			
Habitat Subtipo ** Potencialmente existente	Juncais acidófilos de <i>J. acutiflorus</i> , <i>J. conglomeratus</i> e/ou <i>Juncus effusus</i> **	6410pt2	
Descrição Sucinta	<p>Prados-juncais e juncais dominados por <i>J. acutiflorus</i>, <i>J. conglomeratus</i> e/ou <i>Juncus effusus</i>.</p> <p>Presença frequente de: espécies características de turfeiras em solos mal drenados, nos territórios temperados mais elevados e chuvosos; plantas pratenses nos juncais menos húmidos e mais pastados.</p> <p>Ocupam solos profundos sempre húmidos, encharcados durante a maior parte do ano, frequentemente com sinais de hidromorfia (gleissolos), meso-oligotróficos, derivados de rochas ácidas (pontualmente básicas).</p> <p>São raramente fertilizados; quando situados na vizinhança de lameiros meso-higrófilos são segados para feno e, apesar de serem dominados por espécies de baixa palatibilidade, são extensivamente pastados.</p> <p>Estes juncais normalmente são subseriais de bosques edafo-higrófilos ou ripícolas (amiais ripícolas ou bidoais-salgueirais, habitat 91E0).</p> <p>Mosaicos frequentes com juncais glaucos nitrófilos (<i>Paspalo-Heleochoetalia</i>, classe <i>Molinio-Arrhenatheretea</i>), com comunidades de lameiros meso-higrófilos (inc. habitat 6510), comunidades pioneiras higrónitrófilas de leitos de cheias (classe <i>Bidentetea</i>), amiais ripícolas (habitat 91E0), turfeiras (habitat 7140).</p> <p>Mais abundantes nos andares mesotemperado, supratemperado e supramediterrânico, sub-húmido a hiper-húmido; progressivamente mais raros à medida que se desce no andar mesomediterrânico. Nos territórios mediterrânicos mais secos e quentes, sobretudo na vizinhança de linhas de água temporárias, são substituídos por juncais mediterrânicos da aliança <i>Molinio-Hosloschoenion</i> (classe <i>Molinio-Arrhenatheretea</i>, habitat 6420).</p>		
Factores de Ameaça	Drenagem; redução da perturbação por pastoreio, fenação ou roça; perturbação excessiva pelo pastoreio; eutrofização da água a montante.		
Medidas de Conservação	Condicionamento dos trabalhos de drenagem; controlo por fenação ou roça mecânica de espécies arbustivas e arbóreas (o fogo tem também um efeito favorável na redução do grau de cobertura das espécies arbustivas e arbóreas mas o impacto do seu uso a longo prazo não está avaliado); condicionamento do pastoreio, orientado para a manutenção do pastoreio extensivo; controlo de despejo de efluentes não tratados; reforço da qualidade e da extensão do tratamento de efluentes agrícolas, urbanos e industriais.		
Observações/comentários	-		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.005.03
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
Habitat	Formações herbáceas naturais e seminaturais (Pradarias húmidas seminaturais de ervas altas) – Pradarias com <i>Molinia</i> em solos calcários, turfosos e argilo-limosos (<i>Molinia caeruleae</i>)	6410	
CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO			
Habitat Subtipo <small>** Potencialmente existente</small>	Juncais acidófilos termófilos de <i>Juncus acutiflorus</i> subsp. <i>rugosus</i> **	6410pt3	
Descrição Sucinta	<p>Prados-juncais e juncais termomediterrânicos com <i>Juncus acutiflorus</i> subsp. <i>rugosus</i>. São dominados, consoante as fitocenoses, por diferentes combinações dos seguintes taxa: <i>Cirsium palustre</i>, <i>Juncus acutiflorus</i> subsp. <i>rugosus</i>, <i>Juncus effusus</i>, <i>Lotus pedunculatus</i>, <i>Molinia caerulea</i> subsp. <i>arundinacea</i>.</p> <p>Ocorrem em arrozais abandonados; solos turfosos encharcados durante todo o ano e submetidos a anóxia intensa; em solos arenosos não orgânicos oligotróficos, hidromórficos profundos, com horizonte <i>pseudogley</i> ou <i>gley</i> em profundidade e com água estagnada quase permanente.</p> <p>Estes prados-juncais e juncais são subseriais de freixiais termófilos (habitat 91B0), salgueirais arbóreos psamófilos de <i>Salix atrocinerea</i> (habitat 92A0), de salgueirais paludosos (habitat 91E0) e, mais raramente, de amiais ripícolas (habitat 91E0).</p> <p>Nos mosaicos de vegetação de que fazem parte podem surgir: juncais mediterrânicos de <i>Juncus maritimus</i> e/ ou <i>J. acutus</i> (<i>Holoschoenetalia</i>, habitat 6420), urzais-tojais higrófilos (habitat 4020), comunidades de turfeiras baixas (habitats 7140 e 7150) e comunidades de <i>Utricularia</i> sp.pl. (habitat 3160).</p>		
Factores de Ameaça	Drenagem; cultivo de arrozais; perturbação excessiva pelo pastoreio; eutrofização da água a montante.		
Medidas de Conservação	Condicionamento da drenagem; condicionamento do cultivo do arroz na área de ocupação actual do habitat; condicionamento do pastoreio, orientado para a manutenção de um pastoreio extensivo; controlo de despejo de efluentes não tratados; reforço da qualidade e da extensão do tratamento de efluentes agrícolas, urbanos e industriais; conservação dos <i>microgeosimeta</i> turfófilos.		
Observações/comentários	-		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.005.04
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
Habitat	Formações herbáceas naturais e seminaturais (Pradarias húmidas seminaturais de ervas altas) – Pradarias com <i>Molinia</i> em solos calcários, turfosos e argilo-limosos (<i>Molinia caeruleae</i>)	6410	
CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO			
Habitat Subtipo ** Potencialmente existente	Juncais de <i>Juncus valvatus</i>	6410pt4	
Descrição Sucinta	<p>Juncais mesotróficos de <i>Juncus valvatus</i> de solos encharcados derivados de calcários dolomíticos.</p> <p>O endemismo lusitano <i>J. valvatus</i> é o <i>taxon</i> diferenciador destas comunidades, sendo ainda frequente a presença de <i>Carex flacca</i>, <i>Phleum bertolonii</i> e <i>Oenanthe fistulosa</i>; o <i>J. acutiflorus</i> subsp. <i>acutiflorus</i> está geralmente presente, chegando a ser dominante.</p> <p>Geralmente estas comunidades ocupam pequenas depressões mal drenadas, muitas vezes de formação recente (e.g. um sulco aberto num caminho argiloso que por compactação se tornou impermeável é suficiente para o seu estabelecimento), situadas na base de encosta e abastecidas em água a partir de superfícies de escorrência vizinhas. As comunidades de <i>J. valvatus</i> surgem por vezes também a meia encosta, em pequenas surgências estacionais onde a água flui lentamente numa fina camada.</p> <p>Estas comunidades desenvolvem-se em ambiente de <i>Arisaro-Querceto broteroi</i> S.. Frequentemente, dispõem-se em mosaico com as comunidades de <i>Brachypodium phoenicoidis</i>. Podem contactar ainda com formações da <i>Molinio-Arrenatheretea</i>, designadamente da <i>Plantaginetaia majoris</i> sempre que há pastoreio, e com formações da <i>Isoeto-Nanojuncetea</i>, designadamente da aliança <i>Cicendion</i>, na margem temporariamente encharcada da depressão onde se forma o juncal.</p> <p>Ocorrem em solos derivados de substratos básicos, no entanto as condições de baixos potenciais redox e a quelatização do cálcio e magnésio pelos ácidos húmicos permitem uma reacção ácida no meio e a acumulação de matéria orgânica.</p>		
Factores de Ameaça	Impermeabilização dos caminhos rurais, através do uso de materiais como o betão ou o alcatrão, em detrimento da compactação; impermeabilização de bermas, valetas e valas de drenagem através do uso de materiais como o betão ou o alcatrão; aprofundamento de bermas, valetas e valas de drenagem.		
Medidas de Conservação	Condicionar a impermeabilização de caminhos rurais; condicionar a impermeabilização e o aprofundamento das bermas, valetas e valas de drenagem que os marginam.		
Observações/comentários	-		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.006.00	
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO				
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas			
Rota	Rota do Corredor de Mouros			
CARACTERIZAÇÃO GERAL				
Habitat	Formações herbáceas naturais e seminaturais (Prados mesófilos) – Prados de feno pobres de baixa altitude (<i>Alopecurus pratensis</i>, <i>Sanguisorba officinalis</i>)		6510	
Descrição Sucinta	<p>Prados com <i>Arrhenatherum elatius</i> subsp. <i>bulbosum</i> dominados por esta espécie ou por <i>Agrostis castellana</i>, <i>A. capillaris</i>, <i>A. x fouilladei</i> (<i>A. castellana</i> x <i>A. capillaris</i>), <i>Festuca nigrescens</i> ou <i>F. rothmaleri</i>.</p> <p>Elenco florístico muito variável: nas áreas de menor altitude, e/ou mais secas, são frequentes plantas anuais e elementos perenes mesoxerófilos (e.g. <i>Agrostis castellana</i>, <i>Galium verum</i> e <i>Trifolium dubium</i>); nas áreas temperadas submediterrânicas, e/ou a maior altitude, desaparecem as plantas anuais e abundam espécies meso-higrófilas (e.g. <i>Agrostis capillaris</i>, <i>Holcus lanatus</i>, etc.); se emersos numa matriz de bosque, são frequentes plantas com flores ou inflorescências de grande dimensão da classe <i>Trifolio-Geranietea</i> (e.g. <i>Ornithogalum orthophyllum</i> subsp. <i>baeticum</i> e <i>Paradisea lusitanica</i>).</p> <p>Usualmente subseriais de bosques climatófilos, tanto como perenifólios (sobretudo sobreirais sobre solos profundos, por vezes algo hidricamente compensados).</p> <p>Dispõem-se em mosaico com outras comunidades pratenses: nos solos mais húmidos contactam com prados de pasto e feno (aliança <i>Cynosurion</i>) ou juncaais (<i>Juncion acutiflori</i>) (habitat 6410); nos solos mais secos em territórios mediterrânicos contactam com lameiros de secadal (<i>Agrostion castellanae</i>) nas cotas mais altas são frequentes os contactos com cervunais.</p> <p>Mais frequentes no andar supramediterrânico, sub-húmido a húmido, progressivamente mais raros à medida que se desce no andar mesomediterrânico.</p> <p>Exigem solos profundos, bem drenados, de trofia variável, derivados de rochas ácidas (pontualmente básicas).</p> <p>São prados raramente fertilizados, beneficiados pela proximidade das árvores, anualmente segados para feno, não pastoreados ou fechados ao pastoreio logo no início da Primavera.</p>			
Distribuição Geral	Alemanha, Bélgica, Espanha, França, Grécia, Holanda, Irlanda, Itália Portugal e Reino Unido.			
Habitat(s) Subtipo(s)	Sem subtipos	-		
INSTRUMENTOS LEGAIS				
Designação			Anexo	
Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril.			B-1.	
Directiva 92/43/CEE.			I.	
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA				
Diversidade Florística	Grau de Equilíbrio da Vegetação	Resiliência da Vegetação	Valor Faunístico	Valor Ecológico Global



FICHA DE ECOLOGIA				HABITATS								N.006.00			
Pouca Diversidade	Diversidade	Muita Diversidade	Desequilibrada	Instável	Equilibrada	Baixa	Nula	Mediana	Elevada	Reduzido	Mediano	Elevado	Negativo	Neutro	Positivo
	X				X			X			X			X	
Estado de Conservação				Genericamente, o estado de conservação dos lameiros está a evoluir de forma negativa.											
Factores de Ameaça				As ameaças mais relevantes, por ordem de importância, à conservação da estrutura e funções dos lameiros de feno são as seguintes: abandono (fim de fenação); manejo descuidado; substituição da fenação por silagem; plantação de árvores; uso de fertilizantes; substituição por outras culturas agrícolas; alargamento do período de pastoreio primaveril.											
Medidas de Conservação				Nos lameiros as medidas de gestão têm efeitos muito diversos nos serviços prestados por este habitat e existem <i>trade-offs</i> complexos entre diferentes efeitos a diferentes escalas temporais, e.g.: muitas das medidas tendentes a aumentar produtividade podem ter um efeito perverso na α -diversidade e nas populações de espécies raras, no entanto, uma redução da produtividade pode-se pagar com um mais rápido abandono.											
Observações/comentários				-											

FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.007.00												
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota do Corredor de Mouros														
CARACTERIZAÇÃO GERAL															
Habitat	Habitats rochosos e grutas (Vertentes rochosas com vegeta�o casmofítica) – Vertentes rochosas siliciosas com vegeta�o casmofítica		8220												
Descri�o Sucinta	Afloramentos de rochas siliciosas, mais ou menos escarpados, percorridos por uma rede complexa de fendas terrosas ou não, com ou sem acumula�es terrosas em plataformas rochosas, colonizados por vegeta�o vascular rupícola, i.e. casmofítica e/ou comof�tica, especializada. Incluem-se ainda neste habitat taludes terrosos e muros colonizados por vegeta�o vascular comof�tica especializada e os biótopos de vegeta�o epifítica. As comunidades rupícolas e epifíticas são pobres em espécies vasculares (baixa α diversidade) no entanto, sobretudo no âmbito da classe <i>Asplenieta trichomanis</i> , são ricas em endemismos ou plantas raras de distribui�o restrita. Os musgos e os líquenes constituem elementos importantes das fitocenoses rupícolas (com excep�o das comunidades pertencentes � classe <i>Phagnalo-Rumicetea indurati</i>) e epifíticas, em muitos casos com um elevado nível de endemismo.														
Distribui�o Geral	Espanha, França, Irlanda, Itália, Portugal e Reino Unido.														
Habitat(s) Subtipo(s)	Afloramentos rochosos siliciosos com comunidades casmofíticas		8220pt1												
	Biótopos de comunidades comofíticas		8220pt2												
	Biótopos de comunidades comofíticas esciófilas ou de comunidades epifíticas		8220pt3												
INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)															
Designa�o			Anexo												
Decreto-Lei n� 140/99 de 24 de Abril.			B-1.												
Directiva 92/43/CEE.			I.												
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA															
Diversidade Florística			Grau de Equilíbrio da Vegeta�o			Resiliência da Vegeta�o			Valor Faunístico			Valor Ecológico Global			
Pouca Diversidade	Diversidade	Muita Diversidade	Desequilibrada	Instável	Equilibrada	Baixa	Nula	Mediana	Elevada	Reduzido	Mediano	Elevado	Negativo	Neutro	Positivo
	X				X			X			X				X



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.007.00
Estado de Conservação	Geralmente em bom estado de conservação.		
Observações/comentários	-		

FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.007.01
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
Habitat	Habitats rochosos e grutas (Vertentes rochosas com vegetação casmofítica) – Vertentes rochosas siliciosas com vegetação casmofítica	8220	
CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO			
Habitat Subtipo **Potencialmente existente	Afloramentos rochosos siliciosos com comunidades casmofíticas **	8220pt1	
Descrição Sucinta	<p>Afloramentos rochosos siliciosos, ácidos a ultrabásicos, fissurados e colonizados por comunidades casmofíticas.</p> <p>Estas comunidades têm um escasso grau de cobertura e uma composição florística muito variável. Bioindicadores) onde se destaca a presença frequente de relíquias paleotropicalis xéricas (e.g. <i>Cheilanthes</i> sp.pl., <i>Notholaena marantae</i>, <i>Cosentinia vellea</i>) e de alguns endemismos (<i>Silene acutifolia</i>). Andares termo a supramediterrânico, atingindo o andar orotemperado na Serra da Estrela (<i>Saxifragion willkommianae</i>); ombroclima seco a hiper-húmido.</p>		
Factores de Ameaça	Destruição directa do habitat, nomeadamente através de: construções; aterros; abertura ou alargamento de estradas; exploração de inertes; arborização.		
Medidas de Conservação	Condicionar alterações ao uso do solo na área de ocupação, nomeadamente: abertura ou alargamento de vias e caminhos; aterros; construção; exploração de inertes; arborização.		
Observações/comentários	-		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.007.02
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
Habitat	Habitats rochosos e grutas (Vertentes rochosas com vegetação casmofítica) – Vertentes rochosas siliciosas com vegetação casmofítica	8220	
CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO			
Habitat Subtipo <small>**Potencialmente existente</small>	Biótopos de comunidades comofíticas **	8220pt2	
Descrição Sucinta	<p>Afloramentos rochosos siliciosos com grandes fissuras terrosas, taludes ou plataformas rochosas com uma camada delgada de solo colonizados por comunidades rupícolas comofíticas, tendencialmente esciófilas.</p> <p>Caracterizam-se pela dominância de <i>Saxifraga fragosoi</i> (= <i>S. continentalis</i>), <i>taxon</i> que surge acompanhado por um número variável de espécies, e.g. <i>Antirrhinum meoanthum</i>, <i>Phalacrocarpum oppositifolium</i> subsp. <i>hoffmannseggii</i>, <i>P. oppositifolium</i> subsp. <i>oppositifolium</i> e <i>Sedum hirsutum</i>. Andares (meso)supramediterrânico e meso ou supratemperado; ombroclima sub-húmido a hiper-húmido.</p>		
Factores de Ameaça	Destrução directa do habitat, nomeadamente através de: construções; aterros; abertura ou alargamento de vias de comunicação; exploração de inertes; arborização. Invasão por neófitos, e.g. <i>Erigeron karvinskianus</i> .		
Medidas de Conservação	Condicionar alterações ao uso do solo na área de ocupação, nomeadamente: abertura ou alargamento de vias e caminhos; aterros; construção; exploração de inertes; arborização. Controle da invasão por exóticas		
Observações/comentários	-		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.007.03
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO			
Projecto	<i>Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>		
Rota	Rota do Corredor de Mouros		
Habitat	Habitats rochosos e grutas (Vertentes rochosas com vegetação casmofítica) – Vertentes rochosas siliciosas com vegetação casmofítica	8220	
CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO			
Habitat Subtipo <small>**Potencialmente existente</small>	Biótopos de comunidades comofíticas esciófilas ou de comunidades epífíticas **	8220pt3	
Descrição Sucinta	<p>Afloramentos rochosos siliciosos, muros e taludes com comunidades comofíticas ombrófilas, ricas em fetos, briófitos e algumas plantas com flor. São ainda incluídos neste subtipo os biótopos de comunidades epífíticas de <i>Anomodonto-Polypodieta</i>.</p> <p>Apresentam o seu ótimo ecológico em territórios chuvosos (temperados e mediterrânicos) oceânicos e hiperoceânicos. Combinações florísticas muito variáveis com <i>Annogramma leptophylla</i>, <i>Davallia canariensis</i>, <i>Polypodium cambricum</i>, <i>P. intergetum</i>, <i>P. x shivasiae</i>, <i>Selaginella denticulata</i>. Andares termo-mesomediterrâneo e termo-mesotemperado; ombroclima sub-húmido a hiper-húmido.</p>		
Factores de Ameaça	<p>Destruição directa do habitat, nomeadamente através de: construções; aterros; abertura ou alargamento de estradas; exploração de inertes; abate ou corte de árvores; arborização; limpezas de muros.</p> <p>Aumento da insolação através da modificação do coberto arbóreo e arbustivo. Invasão por neófitos, e.g. <i>Erigeron karvinskianus</i>.</p>		
Medidas de Conservação	<p>Condicionar alterações ao uso do solo na área de ocupação, nomeadamente derivadas de: abertura ou alargamento de vias e caminhos; aterros; construção; exploração de inertes; arborização. Condicionar abate e corte de árvores.</p>		
Observações/comentários	-		



APOIO À VISITAÇÃO DO SÍTIO SERRA DA ESTRELA NO
CONCELHO DE MANTEIGAS

ROTA DO CORREDOR DE MOUROS

INVENTARIAÇÃO, DIAGNÓSTICO E REFERENCIAÇÃO
CARTOGRÁFICA DE ELEMENTOS ECOLÓGICOS
SIGNIFICATIVOS E DE PONTOS DE INTERESSE PAISAGÍSTICO
RELEVANTE NO CONCELHO DE MANTEIGAS

PAISAGEM

CÂMARA MUNICIPAL DE MANTEIGAS



ÍNDICE DAS FICHAS DE PAISAGEM PAISAGEM

Rota do Corredor de Mouros

Código	Tipologias de Paisagem	Descrição da Paisagem
	Paisagem natural	
001.01	Paisagem natural	Floresta de matos e matagais
001.02	Paisagem natural	Floresta mista (folhosas e resinosas) em toda a envolvente, incluindo o Cabeço da Azinheira (vista para Espanha C. da Azinheira e intervenção da Rede Primária de Combate a incêndios na cumeada)
001.03	Paisagem natural	Vista para o Cântaro Magro e Cântaro Gordo
001.04	Paisagem natural	Afloramento quartzítico no cabeço do Corredor de Mouros
001.05	Paisagem natural	Filão rochoso (granitóide)
	Paisagem natural humanizada	
002.01	Paisagem natural humanizada	Capela de São Lourenço
002.02	Paisagem natural humanizada	Edifício pertencente à família Mattos Cunha
002.03	Paisagem natural humanizada	Marco Geodésico
002.04	Paisagem natural humanizada	Mariola
002.05	Paisagem natural humanizada	Limite do Concelho de Manteigas e Gouveia
002.06	Paisagem natural humanizada	Covão da Ponte e Rio Mondego (não muito distante da sua nascente)
	Paisagem humanizada rural	
003.01	Paisagem humanizada rural	Conjunto agro-silvo-pastoril.
	Paisagem humanizada rural agrícola	
004.01	Paisagem humanizada rural agrícola	Eiras de cereais
004.02	Paisagem humanizada rural agrícola	Cultivo de centeio
004.03	Paisagem humanizada rural agrícola	Cultivo de centeio nas assentadas
004.04	Paisagem humanizada rural agrícola	Cultivo de centeio nas assentadas (local popularmente denominada por "Castanheira")
004.05	Paisagem humanizada rural agrícola	Vista para a Nossa Senhora da Assedasse



ÍNDICE DAS FICHAS DE PAISAGEM PAISAGEM		Rota do Corredor de Mouros
Código	Tipologias de Paisagem	Descrição da Paisagem
004.06	Paisagem humanizada rural agrícola	Cultivo de centeio e de hortícolas
	Paisagem humanizada rural pastoril	
005.01	Paisagem humanizada rural pastoril	Rebanho e construção típica da Serra da Estrela – "corte"
	Paisagem humanizada rural agrícola e pastoril	
006.01	Paisagem humanizada rural agrícola e pastoril	Vista panorâmica sobre os campos agrícolas e locais de pastagem nas proximidades de Sameiro e Valhelhas
	Paisagem humanizada rururbana	
007.01	Paisagem humanizada rururbana	Vista panorâmica sobre Sameiro e Valhelhas
007.02	Paisagem humanizada rururbana	Capela da Senhora do Carmo
007.03	Paisagem humanizada rururbana	Covão da Ponte – Parque de campismo

FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.001.01												
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO																
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas															
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Canal visual	007°30'33,68" W 40°24'52,08" N													
CARACTERIZAÇÃO GERAL																
Tipologias de Paisagem	Paisagem natural.															
Descrição da Paisagem	Floresta de matos e matagais.															
Registo Fotográfico																
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA																
Valor Cénico		Valor Natural		Valor Humano		Qualidade da Paisagem										
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	
			X			X				X						X
Observações/comentários				-												




FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.001.02											
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Canal visual	007°30'33,99" W 40°24'52,98" N												
CARACTERIZAÇÃO GERAL															
Tipologias de Paisagem	Paisagem natural.														
Descrição da Paisagem	Floresta mista (folhosas e resinosas) em toda a envolvência, incluindo o Cabeço da Azinheira (vista para Espanha C. da Azinheira e intervenção da Rede Primária de Combate a incêndios na cumeada).														
Registo Fotográfico															
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
			X				X			X					X
Observações/comentários				-											




FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.001.03											
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Canal visual	007°30'33,99" W 40°24'52,98" N												
CARACTERIZAÇÃO GERAL															
Tipologias de Paisagem	Paisagem natural.														
Descrição da Paisagem	Vista para o Cântaro Magro e Cântaro Gordo.														
Registo Fotográfico															
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
			X				X				X				X
Observações/comentários				« (...) Em frente ao Cantaro Magro, ergue-se o Cantaro Gordo. A parte superior, quando vista de sítio apropriado, tem a forma característica do Cantaro Magro, e ainda mais aprimorada que a d'este. (...) Na base é tão obêso, quanto o outro é esguio.(...)» - <i>Emídio Navarro, "Quatro dias na Serra da Estrela"</i>											



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.001.04											
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO															
Projecto		Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas													
Rota		Rota do Corredor de Mouros		Canal visual											
				007°30'09,08" W 40°25'52,77" N											
CARACTERIZAÇÃO GERAL															
Tipologias de Paisagem		Paisagem natural.													
Descrição da Paisagem		Afloramento quartzítico no cabeço do Corredor de Mouros.													
Registo Fotográfico															
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
			X				X			X					X
Observações/comentários				-											



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.001.05											
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Canal visual	007°29'30,34" W 40°26'20,76" N												
CARACTERIZAÇÃO GERAL															
Tipologias de Paisagem	Paisagem natural.														
Descrição da Paisagem	Filão rochoso (granitóide).														
Registo Fotográfico															
															
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
			X				X			X					X
Observações/comentários				-											



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.002.01											
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Canal visual	007°30'33,99" W 40°24'52,98" N												
CARACTERIZAÇÃO GERAL															
Tipologias de Paisagem	Paisagem natural humanizada.														
Descrição da Paisagem	Capela de São Lourenço.														
Registo Fotográfico															
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA															
Valor Cénico		Valor Natural		Valor Humano		Qualidade da Paisagem									
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
		X				X					X				X
Observações/comentários	<p>A Capela de São Lourenço encontra-se identificada pelo IPA – Instituto Português de Arqueologia com o N°IPA PT020908020011) tendo sido edificada entre os séculos XVII e XIX.</p> <p>“A capela encontra-se implantada no meio de um magote de carvalhos, 14 ao todo, número que foi maior e o tempo tem vindo a reduzir. Sucede ainda que, no solstício de Verão, quem está em Manteigas vê o sol nascer sobre S. Lourenço. Crê-se estar em face de reminiscências de cultos pagãos, ligados à adoração das árvores e do Sol, talvez de origem céltica ou mesmo anterior.” (Toponímia do Concelho de Manteigas, Edição Câmara Municipal de Manteigas Parque Natural da Serra da Estrela. -Batista J. D. L., 1994)</p> <p>No dia da festa de São Lourenço, 10 de Agosto, realizam-se cerimónias religiosas únicas, onde os fiéis caminham em volta da capela. Após as cerimónias, realiza-se um piquenique colectivo nas imediações da capela.</p>														




FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.002.02											
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Canal visual	007°30'33,99" W 40°24'52,98" N												
CARACTERIZAÇÃO GERAL															
Tipologias de Paisagem	Paisagem natural humanizada.														
Descrição da Paisagem	Edifício pertencente à família Mattos Cunha.														
Registo Fotográfico															
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
			X			X					X				X
Observações/comentários				<p>A família Mattos Cunha deixou um vasto património histórico e arquitectónico em Manteigas, sendo de evidenciar o desenvolvimento que esta família trouxe com a empresa de tipo comercial e industrial.</p> <p>Local de observação.</p>											



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.002.03											
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO															
Projecto		Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas													
Rota		Rota do Corredor de Mouros	Canal visual	007°29'32,29" W 40°26'21,07" N											
CARACTERIZAÇÃO GERAL															
Tipologias de Paisagem		Paisagem natural humanizada.													
Descrição da Paisagem		Marco Geodésico.													
Registo Fotográfico															
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
			X			X					X				X
Observações/comentários				Marco geodésico localizado a 1027 m de altitude. Um Marco Geodésico define com precisão a sua posição no terreno e no mapa, exerce um papel de fundamental importância na localização de qualquer obra ou empreendimento na superfície terrestre. Representando um importante instrumento para a actualização cartográfica.											



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.002.04											
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO															
Projecto		Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas													
Rota		Rota do Corredor de Mouros	Canal visual	007°29'32,07" W 40°26'21,56" N											
CARACTERIZAÇÃO GERAL															
Tipologias de Paisagem		Paisagem natural humanizada.													
Descrição da Paisagem		Mariola.													
Registo Fotográfico															
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
			X				X				X				X
Observações/comentários				Mariolas – marcações deixadas pelos pastores para identificar os percursos que efectuavam de modo a não se perderem na imensidão da Serra.											



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.002.05											
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Canal visual	007°30'18,92 " W 40°25'39,14" N												
CARACTERIZAÇÃO GERAL															
Tipologias de Paisagem	Paisagem natural humanizada.														
Descrição da Paisagem	Limite do Concelho de Manteigas e Gouveia.														
Registo Fotográfico															
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
			X				X			X					X
Observações/comentários				-											




FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.002.06											
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Canal visual	007°30'54,78" W 40°26'31,82" N												
CARACTERIZAÇÃO GERAL															
Tipologias de Paisagem	Paisagem natural humanizada.														
Descrição da Paisagem	Covão da Ponte e Rio Mondego (não muito distante da sua nascente).														
Registo Fotográfico															
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
			X				X			X					X
Observações/comentários															



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.003.01											
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Canal visual	007°30'54,78" W 40°26'31,82" N												
CARACTERIZAÇÃO GERAL															
Tipologias de Paisagem	Paisagem humanizada rural.														
Descrição da Paisagem	Conjunto agro-silvo-pastoril.														
Registo Fotográfico															
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
			X		X					X				X	
Observações/comentários				-											



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.004.01											
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Canal visual	007°29'30,34" W 40°26'20,76" N												
CARACTERIZAÇÃO GERAL															
Tipologias de Paisagem	Paisagem humanizada rural agrícola.														
Descrição da Paisagem	Eiras de cereais.														
Registo Fotográfico															
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
			X			X					X				X
Observações/comentários				Eira é um espaço plano com um chão duro, de dimensões variáveis, onde os cereais, eram malhados e peneirados e os grãos de cereais separados. As eiras são também utilizadas para secar outros produtos agrícolas, cumprindo igualmente uma função social, sendo um local onde podiam ocorrer cerimónias eventos públicos, bailes ou mesmo missas.											



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.004.02											
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Canal visual	007°30'09,08" " W 40°25'52,77" N												
CARACTERIZAÇÃO GERAL															
Tipologias de Paisagem	Paisagem humanizada rural agrícola.														
Descrição da Paisagem	Cultivo de centeio.														
Registo Fotográfico															
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
			X				X				X				X
Observações/comentários															



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.004.03											
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Canal visual	007°29'40,72" W 40°26'21,07" N												
CARACTERIZAÇÃO GERAL															
Tipologias de Paisagem	Paisagem humanizada rural agrícola.														
Descrição da Paisagem	Cultivo de centeio nas assentadas.														
Registo Fotográfico															
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
			X				X				X				X
Observações/comentários				-											



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.004.04											
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO															
Projecto		Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas													
Rota		Rota do Corredor de Mouros	Canal visual	007°29'13,76" W 40°27'17,77" N											
CARACTERIZAÇÃO GERAL															
Tipologias de Paisagem		Paisagem humanizada rural agrícola.													
Descrição da Paisagem		Cultivo de centeio nas assentadas (local popularmente denominada por "Castanheira").													
Registo Fotográfico															
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
			X				X				X				X
Observações/comentários															



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.004.05											
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Canal visual	007°29'13,76" W 40°27'17,77" N												
CARACTERIZAÇÃO GERAL															
Tipologias de Paisagem	Paisagem humanizada rural agrícola.														
Descrição da Paisagem	Vista para a Nossa Senhora da Assedasse.														
Registo Fotográfico															
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
			X			X				X				X	
Observações/comentários				Localizada em Folgosinho, Concelho de Gouveia.											



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.003.06							
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO											
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas										
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Canal visual	007°31'02,38" W 40°25'51,64" N								
CARACTERIZAÇÃO GERAL											
Tipologias de Paisagem	Paisagem humanizada rural agrícola.										
Descrição da Paisagem	Cultivo de centeio e de hortícolas.										
Registo Fotográfico											
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA											
Valor Cénico		Valor Natural		Valor Humano		Qualidade da Paisagem					
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
		X			X					X	
Observações/comentários		-									




FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.005.01											
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Canal visual	007°31'02,38" W 40°25'51,64" N												
CARACTERIZAÇÃO GERAL															
Tipologias de Paisagem	Paisagem humanizada rural pastoril.														
Descrição da Paisagem	Rebanho e construção típica da Serra da Estrela – "corte".														
Registo Fotográfico															
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA															
Valor Cénico		Valor Natural		Valor Humano		Qualidade da Paisagem									
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
	X				X						X			X	
Observações/comentários	<p>«(...) Os serranos, que nas solidões da Estrela ora pastoreavam as suas ovelhas, ora teciam a lã que elas forneciam (...)» Ferreira de Castro – “A Lã e a Neve”</p> <p>Desta intensa actividade subsistem hoje memórias associadas à permanência e especialização de saberes, de gestos de trabalho e da produção de artefactos, cristalizados numa extensa cultura pastoril e lanifical, preservada em diversos registos, para além dos documentais. A excelência do sabor do queijo da serra, que permitiu a demarcação, a nível nacional, de uma das primeiras áreas protegidas de produtos alimentares com certificação de origem e a especialização manufactureira e industrial, são ainda hoje testemunhos vivos deste percurso. (Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior, 2006)</p>														



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.006.01											
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Canal visual	007°30'33,99" W 40°24'52,98" N												
CARACTERIZAÇÃO GERAL															
Tipologias de Paisagem	Paisagem humanizada rural agrícola e pastoril.														
Descrição da Paisagem	Vista panorâmica sobre os campos agrícolas e locais de pastagem nas proximidades de Sameiro e Valhelhas.														
Registo Fotográfico															
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
			X				X				X				X
Observações/comentários				-											



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.007.01											
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO															
Projecto		Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas													
Rota		Rota do Corredor de Mouros	Canal visual	007°30'33,99" W 40°24'52,98" N											
CARACTERIZAÇÃO GERAL															
Tipologias de Paisagem		Paisagem humanizada rururbana.													
Descrição da Paisagem		Vista panorâmica sobre Sameiro e Valhelhas.													
Registo Fotográfico															
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
			X				X				X				X
Observações/comentários				-											

FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.007.02	
--------------------------	--	-----------------	--	-----------------	--



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.007.02											
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Canal visual	007°31'01,01" W 40°26'25,79" N												
CARACTERIZAÇÃO GERAL															
Tipologias de Paisagem	Paisagem humanizada rururbana.														
Descrição da Paisagem	Capela da Senhora do Carmo.														
Registo Fotográfico															
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA															
Valor Cénico		Valor Natural		Valor Humano		Qualidade da Paisagem									
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
		X				X					X			X	
Observações/comentários				<p>A Capela de Nossa Senhora do Carmo (identificada pelo IPA – Instituto Português de Arqueologia com o N° IPA PT020908020026), inaugurada a 11 de Novembro de 1949 pelo Bispo da Guarda foi mandada construir por José Ramos dos Santos para que o seu filho Padre Zeferino Roque tivesse onde pregar a doutrina católica.</p> <p>Local de repouso e de refeição.</p>											



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.007.03											
CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota do Corredor de Mouros	Canal visual	007°30'54,78" W 40°26'31,82" N												
CARACTERIZAÇÃO GERAL															
Tipologias de Paisagem	Paisagem humanizada rururbana.														
Descrição da Paisagem	Covão da Ponte – Parque de campismo.														
Registo Fotográfico															
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
			X			X					X				X
Observações/comentários				Covão da Ponte situado a 960 m de altitude possui um parque de apoio aos campistas; é banhado pelo Rio Mondego, fronteira natural do Concelho de Manteigas com Gouveia.											

